



Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

JÚLIA ANDRADE EW

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO PROCESSO MIGRATÓRIO EM IMIGRANTES
VENEZUELANOS RESIDENTES EM SANTA CATARINA**

Orientadora: Dra. Lucienne Martins Borges

Coorientadora: Dra. Marcela de Andrade Gomes

FLORIANÓPOLIS, SC

2022

JÚLIA ANDRADE EW

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO PROCESSO MIGRATÓRIO EM IMIGRANTES
VENEZUELANOS RESIDENTES EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Dra. Lucienne Martins Borges

Coorientadora: Dra. Marcela de Andrade Gomes

FLORIANÓPOLIS, SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ew, Júlia Andrade

Impactos psicológicos do processo migratório em
imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina /
Júlia Andrade Ew ; orientadora, Lucienne Martins Borges,
coorientadora, Marcela de Andrade Gomes, 2022.
133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. impactos psicológicos. 3. migração
involuntária. 4. Venezuela. 5. etnopsiquiatria. I. Martins
Borges, Lucienne . II. Gomes, Marcela de Andrade. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Psicologia. IV. Título.

Júlia Andrade Ew

Impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Dr.(a) Lucienne Martins Borges

(PPGP UFSC – Orientadora)

Prof.(a) Dr.(a) Marcela de Andrade Gomes

(PPGP UFSC – Co-orientadora)

Prof.(a) Dr.(a) Ana Lúcia Mandelli de Marsillac

(PPGP- UFSC -Examinadora interna)

Prof.(a) Dr.(a) Eliane Domingues

(PPI – UEM – Examinadora Externa)

Prof.(a) Dr.(a) Daniela Ribeiro Schneider

(PPGP UFSC – Suplente Interna)

Prof.(a) Dr.(a) Ana Laura Tridappali

(UNESA-SC – Suplente Externo)

Certificamos que esta é **a versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Psicologia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Dr.(a) Lucienne Martins Borges (PPGP UFSC – Orientadora)

Florianópolis, 24 de agosto de 2022.

AGRADECIMENTOS

Falar de migração é também falar de origem, de cultura, de raiz. Me aproximar de outra cultura me levou, ao longo da escrita dessa dissertação, a realizar um percurso sobre minha própria história. E eu não poderia começar por outro lugar.

Agradeço a minha avó Atelaine, por desde a mais tenra infância despertar em mim o amor pelo saber e pelas culturas. Minha primeira *maestra*, nos deixou em 2021, enquanto ainda construía esse trabalho. Muito de ti vive em mim, e isso é uma honra.

Minha avó Olívia, que completa 90 anos durante a última semana de escrita dessa dissertação. Tua força e tua fé me ampararam nos últimos sete anos aqui em Santa Catarina, e nada disso seria possível se não fosse essa avó “adotadeira”, cuja casa sempre tem espaço para mais um. A senhora é uma segunda mãe para mim e eu não tenho palavras para agradecer cada vez que uma simples palavra tua me fez acreditar em mim mesma.

Meu avô Delmar, minha referência serrana de doçura e afeto. Te agradeço por vibrar a cada conquista. Por ser transmissão de tantos registros culturais que ficaram impressos em mim como tatuagem e que, esteja eu onde esteja, se os mantenho me sinto em casa.

Meu avô Raimundo, que liga minhas raízes do Rio Grande do Sul ao Ceará. Tu não me conhecestes, mas eu te conheço. De ti herdei o coração de marinheiro e o pé de valsa no forró. Te agradeço por ter pendurado as redes onde hoje eu descanso.

Agradeço a minha mãe, Raquel. Como a gente agradece a nossa mãe? Pela vida, pela presença, por sempre me fazer sentir cuidada e amada. Por escolher meu nome, e me ajudar a nomear o mundo. Por ser minha primeira referência de Psicóloga e defender sempre o poder das palavras.

Agradeço ao meu pai, Alexandre. Por abrir tantos caminhos para que eu e a Helena pudéssemos caminhar. Por desde pequeninha me apresentar o mundo do jeito que ele é, e encher ele de música. Pelo coração forte e sensível na mesma medida.

Minha irmã, Helena. Com quem posso dividir o indizível pelo olhar e uma companheira para a vida toda.

Ao meu Partido, *me has dado la fraternidad hacia el que no conosco, me has agregado la fuerza de todos los que viven*. Nas palavras de Neruda, agradeço a todas e todos que não descansaram em momentos sombrios como o que enfrentamos, e semeiam hoje um novo amanhã. Vocês são imprescindíveis.

Agradeço a Patrícia e Laís. Um dos encontros mais potentes e bonitos da minha vida. Com vocês aprendo diariamente sobre presença, permanência e cuidado. Eu amo nos ver crescer juntas!

Agradeço aos meus primos e primas, especialmente à Elise, que segurou tantas barras, me ajudou muito e trouxe riso até nos momentos mais tensos.

Agradeço a todos os colegas do NEMPSiC. Esse núcleo teve um papel decisivo na minha formação profissional e humana e ocupa um lugar especial no coração.

À professora Lucienne, com quem aprendi tanto, agradeço pela transmissão cuidadosa de ensinamentos que levarei para a vida toda, e por me apresentar e introduzir à clínica, na graduação. À professora Marcela, pela generosidade e presença ao longo de minha formação.

Agradeço aqui também à todas as professoras e professores que tive desde a infância, cuja contribuição em cada etapa do meu desenvolvimento como ser humano foi um passo para chegar até aqui.

Agradeço especialmente à Vitória e Júlia, por serem as melhores “veteranas” sempre, e representarem para mim amparo, leveza e transmissão em tantas ocasiões. Além de tudo, juntamente à Isadora de Azevedo, a quem também agradeço muito, foram pontes para o encontro com muitos dos participantes dessa pesquisa.

Agradeço à universidade pública e todos os seus trabalhadores. Essa universidade que mesmo tão atacada, segue produzindo conhecimento socialmente referenciado. À CAPES pela bolsa de mestrado que possibilitou a dedicação a essa pesquisa, à UFSC por permitir tantos encontros e ao PPGP pelo apoio atencioso.

Agradeço Às professoras Gláucia de Oliveira Assis, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac e Eliane Domingues pelo aceite ao convite de participação nas bancas de qualificação e defesa, e pelas contribuições generosamente ofertadas.

A los venezolanos que muy amablemente participaron en este estudio. Ustedes abrieron las puertas de sus hogares y compartieron conmigo algo tan íntimo y precioso como sus historias de vida. Fui la extranjera en vuestros hogares, y me sentí acogida de una manera muy linda. Ojalá que este trabajo, fruto de nuestro encuentro, potencie la conciencia y la acción en quienes lo lean, para que ustedes sientan lo mismo en este país. ¡Gracias!

Llegar a alguna parte
No significa abandonar otra parte
Arraigar en un país
No cura las heridas del país que abandonamos
Balbupear otras lenguas
No nos impide balbupear la nuestra.
La palabra que elegimos
No borra la palabra que ocultamos.

Catorce formas de melancolía

Eduardo Chirinos

Júlia Andrade Ew. **Impactos Psicológicos do Processo Migratório em Imigrantes Venezuelanos Residentes em Santa Catarina. Florianópolis, 2022.** Dissertação de mestrado em Psicologia - Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Dr^a Lucienne Martins Borges.

Data da defesa: 27/06/2022.

Resumo

A presente pesquisa buscou estudar alguns aspectos da migração de pessoas da Venezuela para o Brasil. Buscou-se, à luz da Etnopsiquiatria, compreender os impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes no estado de Santa Catarina. A pesquisa tem delineamento qualitativo com caráter exploratório e descritivo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 imigrantes venezuelanos adultos residentes nos municípios de Florianópolis, Palhoça, Navegantes e Blumenau, sendo 8 mulheres e 4 homens. Partindo da análise de conteúdo destas entrevistas, a pesquisa buscou: caracterizar o processo migratório de imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina; identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico decorrentes do processo migratório e investigar os fatores de risco e proteção à saúde mental no processo migratório. Como resultados, descrevemos a relação com o país de origem e o caráter involuntário da migração venezuelana para o Brasil, motivada pelas duras dificuldades econômicas enfrentadas. A análise do percurso migratório iniciou com a descrição das (im)possibilidades de preparação da partida e estrutura para enfrentar o caminho. O trajeto foi feito por muitos participantes de forma precária e vulnerável, passando por trechos a pé e de carona em automóveis de carga de mercadorias. Nas vivências na região da fronteira brasileira, estão incluídos desafios como a situação de rua, abrigos insuficientes e diferentes tipos de violência. A saturação do mercado de trabalho na fronteira levou ao movimento de interiorização dos imigrantes, por meio do qual estes chegam em Santa Catarina. A migração foi significada como necessidade, obrigação, sacrifício e busca de qualidade de vida. Esse processo acarretou diferentes expressões de sofrimento psíquico nos imigrantes. Dentre os sintomas ansiosos, foram relatadas alterações no sono e preocupação excessiva com o futuro; em relação aos sintomas depressivos, tristeza, perda ou ganho excessivo de peso e relativos a perdas sofridas durante o processo migratório. Houve também sintomas pós-traumáticos, como o medo do retorno de uma situação traumática e culpa. Dores no corpo e problemas de digestão foram caracterizados como sintomas psicossomáticos. Dos fatores de risco, destacaram-se a xenofobia, racismo e aporofobia manifestados contra os imigrantes venezuelanos por meio de preconceito linguístico e marginalização; as condições laborais precárias, como trabalhar fora da área de formação, superexploração e desemprego. A falta de acesso à direitos básicos também foram prejudiciais à essa população. Quanto aos fatores protetivos, listamos aqui a conservação de vínculos afetivos com a Venezuela, como a comunicação com quem ficou, a possibilidade de nomear do que sente saudades, de retorno à Venezuela e a manutenção de costumes e tradições do país de origem. A integração socioeconômica por meio de vínculos com a rede de proteção institucional e os programas de interiorização também se demonstraram protetivos, bem como a criação de vínculos no Brasil. Por fim, a condição de projetar-se no futuro, podendo elaborar planos e sonhos. Assim, o trabalho traz análises e considerações sobre a particularidade do deslocamento venezuelano que podem ser úteis às reflexões para melhor acolhimento e elaboração de políticas públicas voltadas a essa população.

Palavras-chave: impactos psicológicos, migração involuntária, Venezuela, etnopsiquiatria.

Abstract

The present research sought to study some aspects of the migration of people from Venezuela to Brazil. In the light of Ethnopsychiatry, we sought to understand the psychological impacts of the migratory process on Venezuelan immigrants living in Santa Catarina. The research has a qualitative design with an exploratory and descriptive model. Semi-structured interviews were conducted with 12 adult Venezuelan immigrants, living in the cities of Florianópolis, Palhoça, Navegantes and Blumenau. They were 8 women and 4 men. Based on the content analysis of the interviews, this research sought to: characterize the migratory process of Venezuelan immigrants living in Santa Catarina; identify signs and symptoms of psychological distress from the migratory process and investigate the risk and protection factors for mental health in the migratory process. As a result, we describe the relationship with the country of origin and the involuntary nature of Venezuelan migration to Brazil, motivated by severe economic difficulties. The analysis of the migratory route started with the description of the (im)possibilities of preparing the travel and the structure to face the journey. The route made by several participants was precarious and vulnerable, passing through stretches on foot and hitchhiking in freight trucks. The experiences in the Brazilian frontier includes challenges as homelessness, insufficient shelter and different types of violence. The saturation of the labor market on the frontier leads to the internalization movement of immigrants, that facilitates their arrival in Santa Catarina. Migration was meanted as a necessity, obligation, sacrifice and the search for quality of life. This process led to different expressions of psychological distress in immigrants. Among them anxious symptoms, alterations in sleep and excessive concern about the future were reported. Regarding depressive symptoms, sadness, excessive weight loss or gain and related to losses suffered during the migratory process. There were also post-traumatic symptoms, such as fear of returning from a traumatic situation and guilt. Body aches and digestion problems were characterized as psychosomatic symptoms. Highlights of the risk factors, were xenophobia, racism and aporophobia manifested against Venezuelan immigrants through linguistic prejudice and marginalization; precarious working conditions, such as working outside the training area, overexploitation and unemployment. The lack of access to basic rights was also harmful to this population. As for the protective factors, we list here the maintenance of affective bonds with Venezuela, such as communication with those who stayed, the possibility of naming what they miss, returning to Venezuela and maintaining the customs and traditions of the country of origin. Socioeconomic integration through links with the institutional protection network and interiorization programs also proved to be protective, as well as the creation of links in Brazil. Finally, the condition of self projection to the future, being able to elaborate plans and dreams. Thus, the work brings analyzes and considerations about the particularity of the Venezuelan displacement that can be useful to the reflections for better reception and elaboration of public policies aimed at this population.

Keywords: psychological impacts, involuntary migration, Venezuela, ethnopsychiatry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Razões para deixar o país.....	31
Figura 2 – Categorização dos dados.....	59
Figura 3 – Percursos dos participantes.....	61

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	14
2.OBJETIVOS.....	18
2.1.Objetivo geral.....	18
2.2.Objetivos específicos.....	18
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3.1.De Viena para o mundo: a cultura na Psicanálise e o surgimento da Etnopsiquiatria.....	18
3.2.Contexto Geopolítico da República Bolivariana da Venezuela.....	24
3.3.O Fenômeno Migratório da Venezuela.....	29
3.4.Impactos Psicológicos da Migração Involuntária.....	32
3.5.Processos migratórios em tempos de Covid-19.....	34
3.6.Revisão de literatura: Impactos Psicológicos da Migração em Imigrantes Venezuelanos.....	36
4.MÉTODO.....	50
4.1 Delineamento de pesquisa.....	50
4.2 Participantes.....	51
4.3 Instrumentos e procedimentos.....	56
5.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	58
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
7.REFERÊNCIAS.....	115
8.APÊNDICES.....	122
8.1Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	122
8.2Apêndice B- Término de Consentimiento Libre y Esclarecido.....	124
8.3Apêndice C- Roteiro preliminar de entrevista.....	126
9.ANEXOS.....	128
9.1Questionário Sócio-Demográfico.....	128

Apresentação

Por meio desta breve apresentação, trarei alguns elementos acerca de como a inquietação sobre o processo migratório dos venezuelanos para o Brasil foi se consolidando para mim, optando por escrever esta parte em primeira pessoa.

Tenho, desde a infância, um apreço pessoal pela história de resistência dos povos da América Latina e suas expressões culturais e políticas. Um registro antigo, talvez localizado nas histórias que me contava minha avó e nas músicas que escutava meu pai. Em 2017, fui morar em Cuba. Lá, aprendi a olhar com muito respeito para as iniciativas populares de escrita coletiva de uma história própria, e também aprendi algo sobre a dor e a dureza que elas podem acarretar, em um mundo em disputa. No lugar de estrangeira, pude também vivenciar a centralidade da cultura na relação entre as pessoas.

Voltei para o Brasil com o desejo de seguir em contato com esse debate. Foi então que conheci o Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC). Nesse núcleo, através dos conhecimentos transmitidos pela prof.^a Dra. Lucienne Martins Borges e pelos colegas, tive meu primeiro contato com a clínica, em um espaço sensível à escuta da diferença e à escuta da cultura.

No NEMPsiC realizo, desde 2018, atendimentos psicológicos a imigrantes por meio do projeto de extensão Clínica Intercultural. Pude também participar de grupos de estudo sobre Psicanálise e geopolítica, organizando um ciclo de estudos do núcleo com foco na Venezuela. A partir da vivência no NEMPsiC, participei de instâncias que debatem a migração no município de Florianópolis, como o Grupo de Trabalho sobre Migração (GTI) da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e o Grupo de Apoio a imigrantes e Refugiados de Florianópolis (GAIRF), onde vê-se nitidamente a insuficiência de políticas públicas para acolhimento de imigrantes em nossa região.

Cada uma dessas experiências ajudou a consolidar o interesse na pesquisa sobre Psicologia, Direitos Humanos e migração. Durante uma aula da professora Lucienne no Centro de Estudos em Reparação Psíquica de Santa Catarina em especial, consolidou-se o interesse no atual processo migratório de venezuelanos e venezuelanas para o Brasil, por se tratar de um fenômeno recente, cuja produção de estudos pode contribuir para o melhor acolhimento desta população no Brasil.

1.INTRODUÇÃO

A migração é um fenômeno que remonta aos primeiros períodos da história da humanidade (ONU, 2018) e se dá por múltiplos fatores. As migrações são localizadas na história, na política e no espaço geográfico, o que atribui a cada fluxo migratório uma complexidade particular. Segundo Feldman-Bianco (2015) no cenário político atual denominado amplamente como “globalização”, os movimentos da economia e os signos da comunicação virtual criam a ideia de uma aparente dissolução ou flexibilização das fronteiras nacionais e simbólicas; ao mesmo tempo em que determinados fluxos de pessoas, produtos e lugares são focos de políticas restritivas e de controle seletivo. O processo migratório torna-se, então, um desafio político internacional no tocante às questões como o deslocamento, integração, gestão das fronteiras, perseguição e criminalização dos imigrantes, entre outros temas.

Por meio dos relatórios das agências internacionais de migração, é perceptível um crescimento da população migratória no mundo. Em 2020 foram registrados 281 milhões de migrantes internacionais, o que caracteriza 3,6 % da população do mundo como migrante (ONU, 2021). Deste total, 82,4 milhões são deslocados forçados e aproximadamente 26,6 milhões de pessoas encontram-se em situação de refúgio no mundo, vítimas de conflitos e perseguições (United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR], 2021). É importante pontuar que esses números são acentuados com o deslocamento de ucranianos face à guerra que lá se desenvolve na atualidade, em que mais de 7 milhões de pessoas já deixaram a Ucrânia (ACNUR, 2022).

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), agência vinculada à ONU, em seu glossário define o termo “migração” como um deslocamento de pessoas que atravessam uma fronteira internacional ou de um Estado. Nessa categorização, variáveis como as causas, composição e extensão desse deslocamento não são cruciais para conceituar o termo. O mesmo documento associa o “migrante” àquele que se desloca por livre escolha e conveniência pessoal e define o “refugiado” como o sujeito que tem associado ao seu processo migratório alguma ameaça ou perseguição referente à sua filiação em certo grupo social, suas opiniões políticas, raça, religião, nacionalidade e, por esse motivo, não possa pedir proteção ao país de sua nacionalidade (OIM, 2009).

No presente estudo, propõe-se a utilização do termo “migração involuntária” para caracterizar o processo migratório venezuelano. O termo abarca, para além do refúgio, outras esferas do deslocamento forçado, como os advindos de desastres naturais, fome ou extrema pobreza (Martins-Borges, 2013). Dentre os motivos para a saída da Venezuela, os imigrantes

relatam diferentes razões, como sérias dificuldades econômicas e laborais, a falta de acesso a alimentos e serviços médicos, a insegurança e violência, questões familiares, perseguição e outros (OIM, 2018). Na discussão que faremos, do ponto de vista dos impactos psicológicos do processo migratório, o termo “migração involuntária” abarca a característica forçada da migração pelo viés da ausência de desejo em sair do país, mas da necessidade de fazê-lo para a manutenção da vida, enfocando na dimensão psíquica do fenômeno (Machado, Barros e Martins Borges, 2019) sem desconectá-lo de suas determinantes sociais.

Existem características em um processo de migração involuntária que apontam para os riscos de sérios impactos psicológicos nos imigrantes que a experienciam. A começar pelas contingências sociais que fazem com que a partida seja majoritariamente abrupta, não planejada e não desejada. Assim, ao imigrante é furtada a possibilidade de planejamento do trajeto e projeção no local de destino, de despedidas e elaboração das separações (Martins-Borges, 2013). Da mesma forma, o rompimento de vínculos sociais importantes e a introdução não mediada em uma cultura diferente podem gerar uma fissura na própria configuração da continuidade de si do sujeito (Martins-Borges, 2017).

A escolha do termo “processo migratório” também não é casual. De acordo com Trad (2003), nomear assim o fenômeno migratório implica a valorização do caráter processual do deslocamento, atentando-se para suas etapas, temporalidades e progressivas mudanças que o compõem. Partindo-se do pressuposto de que a migração não é um fato encerrado, mas um processo em andamento para os sujeitos que estão fora de seu país, pode-se trabalhar sobre os diferentes momentos de elaboração psíquica da experiência migratória.

Embasaremos o presente estudo no aporte teórico da Etnopsiquiatria, uma teoria complementarista que dialoga a Psicanálise e a Antropologia, com vistas a compreensão do impacto dos encontros interculturais no psiquismo humano (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019; Martins-Borges, 2013; Martins-Borges & Pocreau, 2009). A Etnopsiquiatria discute o sofrimento e o psiquismo a partir do entendimento de sua universalidade e da particularidade cultural de sua expressão (Devereux, 1981; Martins-Borges & Pocreau, 2009). A cultura assume assim um grande protagonismo nos estudos sobre a migração e seus impactos psicológicos, uma vez que é a responsável pela mediação entre a sociedade e o psiquismo, entre o “interno” e o “externo”. Ela cumpre o papel de contenção, de atribuição de significados e de proteção para o sujeito (Martins-Borges & Pocreau, 2009; Nathan, 1994, Moro, 2015).

Esse estudo se propõe a investigar um importante fenômeno migratório da atualidade que está caracterizado pela vinda de pessoas da República Bolivariana da Venezuela para o Brasil. Assim, é necessário entender o contexto em que ocorre essa migração, seus impactos

psicológicos nos imigrantes e as contribuições da Etnopsiquiatria para a análise desse fenômeno.

Para apresentar uma breve contextualização dos conflitos na Venezuela, é preciso remontar às últimas décadas do século XX, em que na América Latina uma agenda econômica neoliberal era implementada (Schmitz & Ferreira, 2016). Medidas antipopulares geraram revoltas em diferentes países do continente. Na Venezuela, o levante conhecido como “Caracazo” inaugurou as condições para que, em 1998, se elegeesse como presidente Hugo Rafael Chaves Frías, com uma proposta popular e anti-imperialista (Schmitz & Ferreira, 2016).

O período chavista foi marcado por fortes disputas no âmbito nacional e internacional, que se acirraram com sua morte, em 2013. A Venezuela presidida por seu sucessor, Nicolás Maduro, enfrenta uma dura oposição interna, e sanções e bloqueios a nível internacional que afetam relações de importação de produtos de primeira necessidade (CELAG, 2019).

A crise política e econômica vigente na Venezuela faz com que o país, que historicamente se configurou como um país acolhedor de imigrantes, veja um quadro revertido: a estimativa é que o número de imigrantes que saíram da Venezuela chega a 5,4 milhões de pessoas, configurando-se em uma das nacionalidades com mais deslocados do último período (ONU News, 2020; ACNUR, 2019).

O destino desses imigrantes venezuelanos têm sido majoritariamente países latino-americanos, sendo os que mais receberam imigrantes: Colômbia, seguida pelo Peru, Equador, Chile e Brasil. Além desses países, México, países da América Central e Caribe também recebem significativo número de imigrantes da Venezuela (R4V, 2022). No Brasil, o percurso migratório inicia-se pela fronteira entre Pacaraima e Santa Elena de Uiarén, e o fluxo segue para outras regiões do país. Um dos principais meios desse processo é a Interiorização, realizada por meio de programas que deslocam venezuelanos para diferentes estados, nas modalidades de interiorização para outros abrigos, reunificação familiar, reunificação social ou para uma vaga de emprego sinalizada (R4V, 2022).

Pontua-se aqui o protagonismo no serviço de acolhimento dessa população por parte de instituições religiosas como a Igreja Católica. Um exemplo é a Cáritas Brasileira que em parceria com a Cáritas Suíça, promoveu programas de atendimento aos venezuelanos em situação de vulnerabilidade social no Brasil. A Igreja Católica abriu casas para abrigo dessa população em 7 capitais do país, incluindo Florianópolis. Na capital de Santa Catarina, o grupo inaugurou a “Casa de Direitos” para receber 200 venezuelanos na cidade (Medeiros, 2018). O estado de Santa Catarina é o segundo mais procurado para processos de interiorização, apenas atrás do Paraná. Mais de 12.000 venezuelanos mudaram-se para o estado catarinense por meio

dos programas de interiorização. Esse número não abarca a população venezuelana que migrou para o estado de forma independente.

Tendo em vista o contingente de imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina, é preciso perguntar-nos quais os possíveis impactos psicológicos sofridos por estes em seu processo migratório. Nas migrações involuntárias em geral, não são raros os casos de sintomas depressivos, ansiosos, sintomas de despersonalização, traumas e manifestações psicossomáticas (Martins-Borges, 2013). Na atual conjuntura, o sofrimento é ainda agravado por um contexto de pandemia global e crise sanitária enfrentada por diversos países no ano de 2020, 2021 e 2022. Muitos governos de países da América Latina foram ineficazes na contenção da disseminação do vírus SARS-CoV-2, com destaque para o Brasil, país em que, de acordo com o site do ministério da Saúde - MS -, a quantidade oficial de óbitos pela doença já ultrapassa a cifra 666.000 mortos (MS, 2022).

O sofrimento psíquico se expressa e decodifica de formas distintas de acordo com as diferentes culturas, e esse trabalho buscará o aprofundamento na particularidade venezuelana, a fim de uma sensibilização para o acolhimento dessa população, do reconhecimento do sofrimento existente e trazendo elementos para contribuição na elaboração de práticas de saúde e políticas públicas, ainda tão escassas no Brasil ao que se refere o acolhimento de imigrantes.

O presente trabalho integra o projeto guarda-chuva “Dimensões Psicossociais do Acolhimento de Imigrantes e Refugiados em Santa Catarina”, projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) da Universidade Federal de Santa Catarina. O NEMPsiC realizou diversos estudos sobre populações que migraram para Florianópolis, dos quais podemos destacar pesquisas sobre refugiados legalmente reconhecidos, como os de nacionalidade síria (Boeira-Lodetti, 2018) e sobre a migração proveniente de desastre natural, como a de imigrantes haitianos (Barros, 2016). Sendo assim, o presente projeto propõe-se também a colaborar com as pesquisas do núcleo a partir da aproximação a três novos elementos: a nacionalidade, tipo de migração e a abrangência, ao considerar que a pesquisa se debruçará sobre a cultura venezuelana com enfoque na migração involuntária, oriunda de um conflito político-econômico-social na América Latina, com destino ao estado de Santa Catarina. No que concerne à metodologia, propõe-se um estudo de delineamento qualitativo com caráter exploratório e descritivo, coletando-se os dados através de entrevistas, a serem analisadas através do método de análise de conteúdo.

Tendo em vista que o Brasil está entre os países que mais recebem imigrantes da Venezuela, e Santa Catarina é o segundo estado que mais recebe imigrantes venezuelanos por processos de interiorização, destaca-se a relevância social e científica do estudo dessa temática

para aprofundamento do conhecimento do fenômeno e melhor fundamentação de práticas e políticas de acolhida à essa população. A fim de abranger o conhecimento sobre os impactos psicológicos da migração para os imigrantes venezuelanos, realizou-se uma revisão de literatura a partir dos descritores: (migration OR refugee) AND (Venezuela) AND ("health" OR "mental health" OR "mental disorders"). A autora observou escassez de publicações relativas aos referidos temas em diálogo. Os dados da revisão serão apresentados na fundamentação teórica do presente trabalho, cuja elaboração será norteada pela seguinte pergunta de pesquisa: **Quais os impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina?**

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Refletir sobre os impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes no estado de Santa Catarina

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o processo migratório de venezuelanos residentes em Santa Catarina;
- Identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico decorrentes do processo migratório de imigrantes venezuelanos;
- Investigar os fatores de risco e proteção no processo migratório de imigrantes venezuelanos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. De Viena para o mundo: a cultura na Psicanálise e o surgimento da Etnopsiquiatria

Freud, pai da teoria psicanalítica, alicerçou a psicanálise primordialmente como Ciência do Inconsciente, afirmando-a para além do seu caráter de procedimento terapêutico (Mendes, 2006). Nesse sentido, a psicanálise transcende o lugar da psicopatologia e dos manuais de psiquiatria de seu tempo. Pode-se considerar que a psicanálise se apresenta no campo dos saberes em três facetas, a seguir: como *método de investigação*, como *tratamento* e como *teoria* (Dunker, 2017). A partir desses pressupostos, o presente capítulo irá inclinar-se sobre a compreensão da relação entre a teoria psicanalítica e a cultura.

Freud inicia o desenvolvimento de seu trabalho no contexto histórico da Viena do século XIX, em uma sociedade marcada por fortes contradições sociais cuja expressão era reprimida em uma construção cultural de aparente e artificial harmonia (Mendes, 2006). A cidade era capital do Império Austro-Húngaro, que existiu de 1867 a 1918: um império multinacional com

inúmeros grupos etnolinguísticos, composto por alemães, húngaros, poloneses, tchecos, croatas, romenos, ucranianos, dentre outros povos.

Viena enfrentava problemas como o antissemitismo, a crescente inflação e especulação financeira, os conflitos entre as inúmeras nacionalidades, tensionamentos entre o sistema imperial e a nascente burguesia industrial. O poder imperial buscava fortalecer seu poderio em declínio, fomentando como contraponto a tentativa de conciliação de classes. Isso se expressa na estética da "Belle Époque", predominante entre o final do século XIX e princípio do século XX, na tentativa de ignorar, ou ao menos, não superar estes conflitos ao deslocá-los para o plano do caricato (Mezan, 1986).

Nesse sentido, tomam centralidade nos debates intelectuais e na vida cotidiana vienense aspectos estéticos promulgados de forma superficial e conservadora. O culto ao bom gosto, as peças de teatro e a vida pessoal dos artistas protagonizavam as pautas rotineiras. Essa sociedade repressora, que propiciava o recalque e a culpa, tornou-se um ambiente fértil para a expressão de uma de suas mais famosas contradições; mulheres que externalizavam através de seu corpo suas insatisfações e as dissimulações de seu tempo, chamadas então de histéricas (Mendes, 2006).

Em seu livro "Freud, pensador da cultura", Renato Mezan (1986) traz importantes elementos sobre a cultura em que Freud se constituiu, e que se demonstraram férteis para o advento da teoria psicanalítica. Em uma de suas cartas a Fliess, Freud (1900/1950) reconhece que Viena, a cidade do Danúbio Azul, foi um fator para o nascimento da psicanálise, ao mesmo tempo em que admite odiá-la de forma pessoal. Freud relata que sente que suas forças se recuperam no exato momento em que tira o pé da cidade paterna, ao contrário do gigante Anteu. Anteu, na mitologia grega, era filho de Poseidon (deus dos mares) e Gaia (deusa terra), e era invencível quando estava em contato com o chão (ou a Terra, a sua *mãe*), pois quanto mais seu corpo tocava o solo, mais ela renovava seus poderes. Anteu somente foi vencido quando Hércules, semideus conhecido por sua força e inteligência, o mata em duelo ao levantar seus pés do chão.

Um dos motivos para a desavença de Freud com o berço de nascimento, dá-se pelo caráter antissemita da cidade de Viena. Esse contexto político, econômico e cultural em uma cidade administrada por Karl Lueger, um prefeito abertamente antissemita, de 1896 até 1910, colocava judeus, como Freud, em um campo intelectual "de oposição". Os direitos civis foram cedidos a essa comunidade apenas em 1869, (Freud tinha 13 anos nesse momento) quando, enfim, puderam gozar de livre acesso às profissões liberais e ao ensino universitário. Isso significa que, caso houvesse nascido apenas uma década antes, Freud provavelmente não teria

podido cursar a universidade, e ainda assim, foi diretamente atravessado por essa conjuntura política (Mezan, 1986).

“Lá encontrei essa estranha exigência: eu devia sentir-me inferior, e excluído da nacionalidade dos outros, porque era judeu [...] Nunca pude entender por que deveria ter vergonha de minha origem, ou como se começava a dizer: de minha raça [...] uma consequência dessas primeiras impressões da universidade que mais tarde teve sua importância foi o fato de familiarizar-me logo cedo com o destino de estar na oposição e sofrer a oposição de uma ‘maioria compacta” (Freud, 1976/1925, p. 19).

Trazemos este exemplo para elucidar o papel central que exerceu a cultura na trajetória intelectual do fundador da psicanálise, bem como em seus próprios dilemas e sofreres psíquicos. A história da psicanálise foi permeada de atravessamentos culturais, além da própria guerra, do exílio e da situação de refúgio, que foram violentos parceiros da teoria freudiana.

Em seu artigo *Freud e a Guerra*, Luciana Knijnik (2012) se debruça sobre a interseção entre vida e obra de Freud, que tem em sua biografia a passagem por duas guerras mundiais. A primeira guerra mundial, que durou de 1914 à 1918, tem reflexos diretos na obra do autor. Temas como os entrelaçamentos dos povos, a ética, as variabilidades instintuais e a morte são debatidos, além de em diversas cartas, em textos tais quais “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915), “Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra” (1919) e “Por que a Guerra?” (1932).

Freud, embora não fosse um homem religioso, era judeu: reconhecia-se como herdeiro da cultura desse povo, antes de se considerar herdeiro da cultura do povo alemão ou austríaco. No período pós primeira guerra, que foi marcado pela ascensão do antissemitismo e do anticomunismo, as obras de Freud, bem como de Karl Marx, Albert Einstein e Kafka foram queimados em praça pública. Freud foi expulso da lista de membros da universidade em 1934, quando as leis de raça penetraram o contexto universitário austríaco (Knijnik, 2012).

Com a segunda guerra mundial (1939-1945), Freud vivencia os terrores do holocausto, do exílio e do refúgio. De suas 4 irmãs que permaneceram em Viena, 3 foram assassinadas e uma morreu de fome em um campo de concentração. Sua produção teórica, de forma geral, esteve intrinsecamente conectada à sua época, estando no momento final de sua vida plenamente perpassada por questões acerca do antissemitismo, tendo como exemplo disso a obra “Moisés e o Monoteísmo” de 1939 (Knijnik, 2012).

A Psicanálise convoca os sujeitos a pensarem-se em seu lugar na cultura, bem como a responsabilizar-se frente a ela (Assoun, 1993). De acordo com Barros e Bairrão (2010), exemplos desse desenvolvimento teórico podem ser vistos em textos como “Totem e tabu”

(1913), “Mal-Estar na Civilização” (1930), “O Futuro de uma ilusão” (1927) e “Moisés e o Monoteísmo” (1939), onde, segundo os autores, percebe-se o desejo de Freud em descobrir uma “clínica da cultura”, extrapolando a análise de casos individuais.

Conforme se pôde expor até aqui, Freud e, conseqüentemente, o desenvolvimento de seu pensamento, estiveram situados em um espaço-tempo culturalmente e geopoliticamente localizado, a saber, na Europa do fim do século XIX e início do século XX, com seus conflitos e contradições. A presente pesquisa, contudo, se propõe a ouvir e elaborar sobre o sofrimento de sujeitos localizados em outro contexto, a saber, na América Latina do século XXI. Restamos o questionamento: o quê do legado teórico freudiano é universalizável, e o que deve passar pelo crivo de uma análise crítica? Em que medida a teoria psicanalítica é aplicável em outros contextos, com sujeitos de diferentes culturas que não a ocidental, europeia, que por séculos foi tida acriticamente como a produtora de um “*homem universal*”?

O antropólogo francês François Laplantine em sua obra “Introducción a la Etnopsiquiatria” (1979) aponta algumas críticas à obra freudiana, no sentido de forjar uma teoria etno-psicanalítica. Para o autor, Freud teria uma posição defensiva em relação ao lugar ocupado pela figura materna tanto no campo psíquico quanto no campo cultural, acompanhado de uma imagem paterna inflada e psicoafetivamente sobrecarregada. O autor aponta traços biologicistas e evolucionistas na teoria freudiana, que podem ser vistos como característicos de seu tempo. Laplantine também critica uma sobreposição hierárquica entre as categorias psicológicas e antropológicas, no sentido de atribuição prioritária às categorias psicológicas em detrimento das antropológicas, podendo incorrer no risco da psiquiatrização de fatos sociais. Nesse sentido, o antropólogo propõe importantes questões acerca da compreensão que grupos sociais não-ocidentais atribuem ao adoecimento psíquico, suas terapêuticas e a relação entre estas e a causa do adoecimento (Laplantine, 1998).

Segundo Silva e Domingues (2018), as discussões entre psicanalistas e antropólogos tiveram seu início em 1913, a partir da publicação do livro “Totem e Tabu” de Freud. Barros e Bairrão (2010) relatam que o antropólogo Bronislaw Malinowski se utilizou de dados de sua pesquisa em Nova Guiné a fim de contestar a teoria freudiana do Complexo de Édipo. O teórico afirma, a partir de suas observações, que esta não se fazia presente entre os trobriandeses. Alegava, portanto, que Freud teria partido de experiências localizadas em contextos de cidades como Viena, o que fazia com que sua teoria não fosse aplicável em outros contextos culturais. O antropólogo e psicanalista Géza Róheim, convidado por Freud, seu amigo pessoal, vai então até Nova Guiné para responder *in loco* às críticas de Malinowski à teoria psicanalítica, e demonstra o conhecimento insuficiente do crítico em relação à teoria freudiana.

O embate entre o psicanalista e o antropólogo, todavia, não foi levado adiante no período em que foi travado, e pode-se dizer que a Psicanálise e a Antropologia mantiveram uma relação de tensionamentos. Nessa interação, antropólogos condenam o caráter “universalizante” de algumas compreensões sobre o que é a psicanálise. Os psicanalistas, por sua vez, frequentemente se limitaram à clínica individual, protegendo-se de suas insuficiências nos estudos da cultura (Pulman, 2002).

Porém, não sem dificuldades, os dois campos do saber seguiram em interlocução, a começar por Róheim, etnólogo e conhecedor da psicanálise que pode ser entendido como um pioneiro da “antropologia psicanalítica” ou da “etnopsicanálise” (Barros & Bairrão, 2010). Uma das principais contribuições teóricas de Rohéim é o postulado de que, ao contrário de uma leitura universalizante e simplista da teoria do complexo de Édipo, o que se pode verificar em comum a todas as culturas é um trauma infantil específico, ou seja, a universalidade do trauma infantil, inscrito na singularidade de cada cultura (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019)

Embora Rohéim seja conhecido por ser o pioneiro nessa elaboração, foi Georges Devereux, antropólogo e psicanalista cujo nome de nascença é Gyorgy Dobo, que na década de 1970 consolidou a Etnopsiquiatria como teoria. A nova disciplina foi elaborada a partir da articulação entre conhecimentos desenvolvidos entre psicanalistas, antropólogos e teóricos da etnopsicanálise. O termo “Etnopsiquiatria” foi cunhado pelo psiquiatra haitiano Louis Mars (1906-2000), fazendo-se alusão à relação entre sintoma e cultura, e é também empregado no sentido de reconhecimento de saberes e práticas tradicionais de cura no processo terapêutico (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019). É importante citar que a obra de Devereux ainda é pouco explorada no Brasil. O autor tem a vasta publicação de 400 títulos, dentre eles 13 livros, mas apenas um livro de Devereux foi traduzido para o português. Esse dado aponta para um importante campo de conhecimento aberto à pesquisa no Brasil (Silva & Domingues, 2018).

Enquanto teoria, a etnopsiquiatria parte do pressuposto da universalidade psíquica e busca decodificar o sofrimento psíquico dos sujeitos a partir do reconhecimento e afirmação do papel da cultura nesse processo (Devereux, 1981). Para tal, utiliza-se da teoria psicanalítica, bem como da Etnologia, para propiciar a teorização sobre o encontro intercultural e seus desdobramentos psíquicos. Os aportes teóricos da Psicanálise e Etnologia são pensados na etnopsiquiatria de forma complementar, como um duplo discurso, e não de forma simultânea. Isso caracteriza a Etnopsiquiatria como “complementarista” (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019). Ou seja, convoca as duas disciplinas para debruçarem-se sobre o fenômeno,

não se caracterizando como uma nova disciplina “interdisciplinar”, mas sim pluridisciplinar (Barro e Bairrão, 2010).

A Etnopsiquiatria busca colocar que o fenômeno intercultural comporta diversas leituras. Valendo-se da insígnia da universalidade do psiquismo inscrito na particularidade da cultura, compreende psiquismo e cultura como estruturas homólogas, e já em sua estrutura, coemergentes. Essa relação intrínseca entre cultura e psiquismo se dá nas semelhantes dinâmicas em diferentes esferas de alcance de um e de outro, que se utilizam de semelhantes elementos, processos e mecanismos de defesa. (Martins-Borges & Pocreau, 2009).

O sofrimento é algo universal, constituinte da humanidade, da *civilização*. Contudo, é na cultura, e por meio dela, que o sofrimento é estruturado, exteriorizado e manejado (Martins-Borges & Pocreau, 2009). Rassial (2006) conceitua a cultura como objeto da metapsicologia através de 3 esferas: a defesa contra o desamparo, a construção superegóica que alivia o sujeito de sua culpa e o Supereu cultural.

Em primeiro lugar, a cultura se caracteriza como forma de defesa contra o desamparo, cumprindo a função de substituto social da função materna. Assim, os sujeitos tendem a nutrir relações de ambivalência com sua cultura, uma vez que esta é estruturante de seu psiquismo desde os momentos mais primitivos e, portanto, lhe possibilitam a existência, bem como lhes impõe os limites na relação com o outro. A relação com a cultura estaria assim relacionada com a função materna inclusive no processo de formulação de um narcisismo cultural advindo da necessidade de criação de ferramentas psíquicas para lidar com o desamparo. Essas ferramentas que, como poderemos ver, podem tornar-se obsoletas necessitando então serem repensadas, uma vez que o narcisismo cultural pode estar próximo ao que, no campo da Antropologia, é chamado usualmente de “etnocentrismo” (Betts, 2013; Rassial, 2006).

Em segundo lugar, é possível pensar o papel da cultura em uma construção superegóica que alivia o sujeito de sua culpa. Podemos brevemente caracterizar o Supereu como um dejetivo da relação de ambivalência primitiva em relação ao objeto de desejo, um mecanismo que emerge uma vez que o sujeito se sente culpado por sentir ódio de quem ama. A cultura pode então ser uma via para que haja um deslocamento dessa culpa; no sentido de reparação do sentimento de amor ao seu grupo, e direcionamento da agressividade, de ódio, para outro grupo cultural, o *estrangeiro*. Desta forma, o eu narcísico transfere para o outro o que há de insuportável em si mesmo (Betts, 2013; Rassial, 2006)

A terceira forma de Rassial (2006) caracterizar a cultura como objeto da metapsicologia é através da reflexão sobre o “Supereu cultural”, termo cunhado por Freud no livro “Mal-estar na civilização” (1996/1930). Desde o período infantil da renúncia da satisfação pulsional, que

é substituída pela interpretação e nomeação escolhida pela mãe para designar a necessidade da criança, a cultura está presente. A hereditariedade cultural que propicia certos tipos de transmissão, de formas de cuidado e maternagem, passando pela forma cultural de tratamento do desejo e da sexualidade, até as formas de construção da ritualização da morte, orientam a compreensão global de que é impossível pensar o sofrimento psíquico apartado de seu contexto cultural.

Podemos assim sintetizar a compreensão da importância da cultura para o psiquismo humano através do exercício de vê-la, metaforicamente, como um “mapa mental”, ou uma “bússola” que orienta e direciona o sujeito em sua esfera psíquica e social. Ela permite a mediação entre o mundo “interno” e o mundo “externo”, tornando o real suportável, imbuído de sentido. Através dessa mediação, o sujeito pode se movimentar sem deparar-se com a constante perplexidade e insegurança provocada pela falta de ferramentas para defender-se, significar o mundo ao seu redor, solucionar os desafios da vida cotidiana e comunicar suas necessidades. (Nathan, 1994). É também uma metáfora para exemplificar o papel da cultura a figura de um “envelope”, no sentido de envolver o sujeito e propiciar-lhe continência frente ao real, uma forma de borda, de limite, que oferta um nível de segurança e de proteção psíquica ao dar contorno entre o eu e o outro (Martins-Borges & Pocreau, 2009).

A etnopsiquiatria, a começar por autores como Georges Devereux (1967, 1972), Tobie Nathan (1986, 1994), e Marie-Rose Moro (1988, 2004), evoca a reflexão sobre o sofrimento psíquico dos que foram forçados ao exílio (Martins-Borges & Pocreau, 2009). Deslocados de sua cultura de origem, os imigrantes se encontram afastados de suas referências fundadoras, do quadro cultural que foi transmitido desde os primeiros investimentos afetivos na infância, que incluem os vínculos afetivos, suas formas de cuidado e transmissão social através de significados, suas pontes com o ambiente (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019).

Logo, utilizando-nos da mesma metáfora de Freud, é possível dizer que o imigrante no contexto de exílio, refúgio, de migração involuntária, é como Anteu da mitologia grega, que se enfraquece, se desorganiza apartado de seu chão, de sua língua materna, de seus códigos e costumes, de seu contexto estruturante: sua cultura. Essa histórica relação entre etnologia e psicanálise possibilita o estudo e intervenção da etnopsiquiatria com imigrantes, no sentido de considerar o sofrimento psíquico específico do contexto de exílio. Muito embora aperfeiçoada e complexificada ao decorrer do tempo, a teoria da etnopsicanálise tem seu gérmen encarnado na própria história de Sigmund Freud, fundador da Psicanálise, ele também um imigrante e exilado.

3.2 Contexto Geopolítico da República Bolivariana da Venezuela

Partimos do pressuposto de que os sujeitos são constituídos por uma história não apenas individual, mas coletiva, situada em um contexto político, econômico, histórico e cultural. Portanto, buscaremos trazer neste capítulo um breve resumo de importantes elementos que constituem a realidade e as contradições daquela que hoje é denominada República Bolivariana da Venezuela, com objetivo de melhor entendermos a situação deste país. Traremos também, brevemente, elementos geopolíticos internacionais para uma contextualização ainda mais ampla.

Atualmente, a produção petrolífera da Venezuela supera a de países como Arábia Saudita, Irã, Iraque e Canadá. Com uma produção de aproximadamente 300 bilhões de barris, a Venezuela se configura como a maior reserva de petróleo do mundo. Sua localização geográfica é uma peça-chave, uma vez que se encontra próxima aos Estados Unidos, maior consumidor de petróleo do mundo. Essas enormes reservas petrolíferas começaram a ser exploradas no início do século XX e em menos de 50 anos, a Venezuela já havia se tornado a primeira exportadora mundial de petróleo, passando a desenvolver estreitas relações de dependência com o governo dos EUA (Santos, 2021; Ismael, 2021).

Essa configuração propiciou a conformação de uma elite mantida através da política do “Pacto de Punto Fijo”, selado em 1958 (Ismael, 2021). Essa política se estabelece como uma delimitação de alternância de poder apenas entre partidos tradicionais e conservadores, a saber, Ação Democrática (AD), e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI) em um pacto petroleiro-rentista permanente (Nogara & Wobeto, 2019). A política puntofijista, também previa a nomeação de governadores e prefeitos biônicos pelo presidente da república, fazendo com que apenas em 1989 fossem realizadas as primeiras eleições para prefeitos e governadores no país.

Outra característica do período foi a política internacional contrária à fomentação de relações com outros países periféricos e antagônica à integração regional, além de um isolacionismo econômico que reduzia a política de relações internacionais da Venezuela à órbita dos interesses econômicos dos Estados Unidos. Concomitante a isso via-se uma estrutura social marcada pela forte desigualdade social e a pobreza, e um estado endividado e sem desenvolvimento tecnológico próprio, a despeito do montante de petróleo exportado para o primeiro mundo (Ismael, 2021; Zero, 2017).

Esse contexto de contradição entre a produção social de riquezas e a apropriação privada destas, gerando fortes desigualdades no território, foi potencializado pelo projeto do neoliberalismo de Thatcher (Inglaterra) e Reagan (Estados Unidos) na América Latina. Esse modelo, caracterizado pelo discurso de liberalização da economia, pelos altos índices de

desemprego, repressão sindical, concentração de renda, endividamento e privatização de bens públicos, avançou rapidamente sobre inúmeros países do continente no fim do século XX, como Chile, México, Argentina, Peru, Brasil e Venezuela (Schmitz & Ferreira, 2016).

Em resposta a essa conjuntura de crise, inúmeras manifestações populares eclodiram na Venezuela. Em fevereiro de 1989 ocorre a mais famosa delas, um levante popular contra a pobreza, a carestia, o neoliberalismo e os acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que ficou conhecida como “Caracazo”. Essa manifestação foi brutalmente reprimida pelas forças do Estado, que assassinaram indiscriminadamente centenas de pessoas no ato. Considerado uma derrota militar, mas uma vitória política para o movimento insurgente, o “Caracazo” demarcou o esgotamento do Pacto de Punto Fijo. Desse episódio emerge o clima político para a eleição de Hugo Chávez no final de 1998, com uma plataforma política de oposição, e a promessa de uma assembleia constituinte (Nogara & Oliveira, 2017; Zero, 2017).

O período chavista na Venezuela, inaugurado em 1998, foi caracterizado por uma série de mudanças no país. Através da recuperação de ideais de Simón Bolívar, líder político venezuelano e intelectual da prática de descolonização e unificação da América-Latina do século XIX, o país adotou uma política externa de fortalecimento de relações estratégicas comerciais e diplomáticas de integração e cooperação entre a região geopolítica Sul-Sul. A Venezuela fortaleceu suas relações com o Brasil, Rússia, China e Cuba, ingressou no Mercosul e fomentou diversos fóruns entre países emergentes (Nogara & Oliveira, 2017; Zero, 2017).

Logo no primeiro ano de mandato, o governo bolivariano convocou a nova constituinte, ampliando os mecanismos de participação popular na aprovação de projetos pela via de plebiscitos, bem como no planejamento e execução de políticas públicas. Esse processo foi denominado de “Refundação da República”, que culminou na modificação do nome do país para “República Bolivariana da Venezuela”. A nova constituição foi aprovada em dezembro de 1999, com 71% de votos populares favoráveis. (Nogara & Wobeto, 2019)

Em relação à política econômica, pontua-se o fato de que o cerne da estrutura produtiva do país, substancialmente dependente da exportação de petróleo, não sofreu grandes alterações nesse sentido. Contudo, foram implementadas iniciativas nacional-desenvolvimentistas, diversas nacionalizações de empresas ligadas aos setores estratégicos da economia e a criação de políticas públicas antes inexistentes. No que diz respeito ao Produto Interno Bruto (PIB), houve uma considerável melhora na condição econômica do país, passando de 61 milhões de dólares em 1998 para 332 bilhões em 2012. Ainda, o índice de pobreza reduziu em 20% em relação ao ano de 1999 e a taxa de desemprego passou de 14% desse mesmo ano para 8% em 2012, segundo dados do próprio Fundo Monetário Internacional (Sobral, 2013).

A tônica do período chavista, que sedimentou o apoio popular ao governo, foram as chamadas “missões bolivarianas”, que puderam elevar os indicadores sociais da Venezuela, como a erradicação do analfabetismo, diminuição do desemprego e queda das taxas de pobreza e extrema pobreza (Schmitz & Ferreira, 2016). Neste período, é realizada a “Gran Misión Vivienda”, o maior programa de habitação popular da América Latina, e o programa “Barrio adentro”, que promoveu a assistência médica no interior dos bairros mais pobres e anteriormente desassistidos. Esse programa foi possível graças a parceria com o governo cubano, que proporcionou a ida de 8.300 médicos cubanos para a República Bolivariana da Venezuela (Zero, 2017).

Contudo, muitos foram os tensionamentos ocorridos durante os 14 anos de governo de Hugo Chávez. Em um primeiro momento, uma forte oposição se estabeleceu no campo do grande empresariado venezuelano. Após a aprovação da nova constituição, em 1999, que previa que o Estado possuiria a totalidade das ações da empresa Petróleos de Venezuela, S.A (PDVSA) por razões de soberania econômica, política e de estratégia nacional, (República Bolivariana da Venezuela, 2009), foram fomentadas greves patronais na PDVSA entre 2002 e 2003, que acarretaram o prejuízo de US\$ 20 bilhões de dólares para a empresa e a redução de 27% da sua atividade econômica (Mello, 2020).

Outro importante marco da reação ao governo bolivariano foi o golpe orquestrado em 2002, em que Chávez foi sequestrado por militares dissidentes, e o empresário e presidente da Federação de Câmaras de Comércio (FEDECÁMARAS), Pedro Carmona, assumiu a presidência da república, sob alegação de que Chávez havia renunciado. O governo golpista foi imediatamente legitimado pelos governos dos Estados Unidos, Espanha, Equador, Colômbia e Nicarágua (Mello, 2020). As primeiras medidas do governo autoproclamado foram a dissolução da Assembleia Nacional e o Supremo Tribunal, a anulação da Constituição de 1999, entre outros. O golpe não resistiu à pressão popular e se manteve apenas do dia 11 ao dia 13 de abril de 2002.

O contexto político venezuelano do período chavista foi, desde o princípio, caracterizado por uma forte polarização. Ao contrário do que é amplamente difundido, essa polarização foi forjada com o grupo opositor aderindo abertamente a táticas de derrubada do governo por vias não constitucionais, frente à sua incapacidade de vitória nos processos eleitorais em curso. Esse conflito não se deu apenas no âmbito nacional, mas também internacional, a exemplo da relação conflituosa com os governos da Colômbia e Estados Unidos da América (Nogara & Wobeto, 2019)

Em 2013, falece o presidente da Venezuela Hugo Chávez e a oposição se movimenta no sentido de uma radicalização. Nas eleições presidenciais do mesmo ano, foi eleito Nicolás Maduro com a proposta de um programa de continuidade do processo político chavista. Henrique Capriles, principal candidato de oposição ao governo, exigiu recontagem dos votos, que após realizada alegou novamente a vitória de Maduro, embora com pouca vantagem. Elementos como as correlações de força entre governo e oposição na Assembleia Nacional, a crise institucional, a disparada inflacionária, o desabastecimento de produtos básicos, a sabotagem econômica desenvolvidas pela oposição e até confrontos entre grupos opositoristas nas ruas abalaram a já frágil estabilidade política do país (Nogara & Wobeto, 2019).

De acordo com o Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica (CELAG, 2019), o período de 2013 a 2017 se caracterizou por duros bloqueios econômicos internacionais contra a Venezuela, liderados pelos Estados Unidos da América. Configura-se como consequência um prejuízo de 350 bilhões de dólares durante este período de 4 anos, o que seria correspondente a um ano e meio de interrupção em toda a produção do país e a redução de 3 milhões de postos de trabalho, prejudicando diretamente 24% da população ativa do país. A política de boicote econômico atingiu ainda a esfera de importação de diversos produtos de primeira necessidade, incluindo medicamentos e alimentos.

Em 2015, a administração de Barack Obama declarou a Venezuela como *“ameaça incomum e extraordinária à segurança nacional e à política externa dos Estados Unidos”* mediante a ordem executiva 13.692, que instaura um período de sanções, bloqueio financeiro e econômico abertos contra a Venezuela (Curcio, 2019). Essa ordem foi prorrogada por Donald Trump em 2016, e novamente em 2021 pelo presidente Joe Biden. A esse tipo de estratégia internacional de sufocamento econômico e midiático, que gera um círculo vicioso entre desabastecimento, inflação e maximização do lucro do setor importador, a economista Pasqualina Curcio denomina *“Guerra econômica”* (Curcio, 2018).

Em 2017, quando Nicolás Maduro convoca uma Assembleia Constituinte, inicia-se uma nova fase de tensionamentos na política venezuelana. A oposição, que não reconhece legitimidade nem na Assembleia Constituinte, nem na reeleição de Maduro em 2018, apresenta Juan Guaidó, presidente da Assembleia nacional, como autoproclamado presidente da república no ano de 2019. Em uma repetição histórica, Estados Unidos, Colômbia, e agora também Brasil e Argentina reconhecem Guaidó como presidente. Enquanto isso, potências como Rússia e China mantêm o reconhecimento a Maduro. O acirramento do campo de disputas que têm a Venezuela como palco abre caminho inclusive para conflitos mais graves, como evolução do quadro para uma guerra civil ou intervenção estrangeira no país (Nogara & Wobeto, 2019).

Importante pontuar que, no meio de disputas econômicas entre potências, os males do desemprego, do desabastecimento, da violência, da precariedade e da fome recaem sobre as vidas da população mais pobre. É esse povo, e não um governo, a principal vítima dessa disputa. Esses elementos, hoje responsáveis por aumentar consideravelmente o fluxo migratório de venezuelanos para outras localidades, são fruto de uma complexa cadeia internacional de disputas. O objetivo deste capítulo é trazer elementos para que o debate não se resuma a episódios recortados da história recente, mas parta da compreensão do contexto geopolítico mais global deste país latino-americano.

3.3 O Fenômeno Migratório da Venezuela

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), agência vinculada à ONU, em seu glossário define o termo “migração” como um deslocamento de pessoas que atravessam uma fronteira internacional ou de um Estado. O mesmo documento associa o “migrante” àquele que se desloca por livre escolha e conveniência pessoal, diferentemente do “refugiado”, que se configura como

[...] toda a pessoa que, em razão de fundados temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo. (ONU, 1951, p. 14)

A descrição sistemática do status legal de “refúgio” foi definido na Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados em 1951, e estabelece padrões básicos para a definição e o tratamento internacional para refugiados, incluindo a cláusula de não-devolução de refugiados ou de solicitantes de asilo, passo importante no reconhecimento dos direitos humanos no período pós 2ª guerra (Boeira-Lodetti, 2018).

Contudo, é possível transcender às categorias legais que separam os “refugiados” de “migrantes”, através de uma denominação mais ampla, que considere não apenas os aspectos jurídicos da classificação da ONU que caracterizam os refugiados. Propõe-se aqui a utilização das categorias de “migração voluntária” e “migração involuntária”.

A utilização dos termos de migração voluntária e involuntária se faz pertinente principalmente em estudos do campo do sofrimento psíquico, uma vez que as nomenclaturas jurídicas definidas pela ONU não abarcam a esfera das consequências psíquicas de um deslocamento, seja ele forçado ou não. O termo “migração involuntária” abrange para além do refúgio, outros tipos de deslocamento forçado, como os advindos de desastres naturais, fome

ou extrema pobreza (Martins-Borges, 2013), e pode se fazer particularmente adequado ao contexto da crise venezuelana.

A escolha do termo “migração involuntária”, e não do termo “migração forçada”, que é também recorrentemente usado em trabalhos sobre migração, busca enfatizar a dimensão *psíquica* do sujeito migrante, enquanto o segundo termo enfatiza a dimensão geográfica, política e sociológica (Machado, Barros e Martins Borges, 2019). Estas referências, longe de serem excludentes, são complementares, uma vez que o sofrimento psíquico é um fenômeno localizado em sujeitos inseridos em condições geográficas, políticas e sociológicas específicas. Busca-se aqui uma reflexão voltada sobre a dimensão do sofrimento do sujeito, considerando-se também suas múltiplas condicionantes.

Passemos então a questão sobre o fenômeno migratório da Venezuela. Historicamente, a Venezuela se consolidou como um país acolhedor de imigrantes. O Relatório da Migração Internacional 2017, elaborado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais do Secretariado das Nações Unidas (ONU, 2017), mostra a Venezuela como o país da América do Sul em que mais imigrantes residiam em 2017, totalizando 1,426 milhão. Esse dado, comparado com os dados de acolhimento do Brasil no mesmo ano, mostra que a migração para a Venezuela representou quase o dobro que para o Brasil, que acolheu 736 mil imigrantes.

Como exemplo, podemos citar o caso da migração oriunda dos conflitos e da guerra civil na Colômbia como um dos protagonistas do acolhimento venezuelano nas últimas décadas. Estima-se que mais de 3 milhões de colombianos tenham sido acolhidos na Venezuela (Nogara & Wobeto, 2019). Colômbia e Venezuela têm uma relação próxima e importante, compartilhando 2,219 km de fronteiras e boa parte suas histórias, pois figuravam como um mesmo país, a Grã-Colômbia, juntamente ao que hoje é o Equador, até o ano de 1831. Hoje, no contexto de intensa crise política e econômica, percebe-se o fenômeno de um contrafluxo, sendo a Colômbia o país que mais recebe imigrantes Venezuelanos no mundo. (R4V, 2022)

Semelhante contrafluxo podemos notar na relação entre Venezuela e Brasil. Desde a década de 70 até o início da crise migratória da Venezuela, o fluxo migratório predominante na região da fronteira de Roraima com o país vizinho concentrava-se na saída de brasileiros (Nogara & Wobeto, 2019). Atualmente, 10% da população total da cidade de Boa Vista é composta por Venezuelanos, estimando-se que em 2018, uma média de 800 pessoas tenham cruzado a fronteira da Venezuela em direção ao Brasil, por dia (ACNUR, 2018). De acordo com a plataforma “R4V”, disponibilizada pela OIM e ONU, o Brasil conta, no ano de 2022, com 345.013 imigrantes venezuelanos. Destes, 214.344 tem visto temporário ou definitivo de

residência no Brasil, 95.231 são solicitantes de refúgio e 49.045 têm status de refúgio reconhecido.

De acordo com o site de notícias ONU News (2020) estima-se que cerca de 5,4 milhões de pessoas tenham se deslocado da Venezuela nos últimos anos, caracterizando o segundo maior fluxo migratório do século, após apenas do deslocamento da população síria, que alcançou 6,7 milhões de pessoas deslocadas (UNHCR, 2019) (Esse dado não contempla os números de deslocados ucranianos face à guerra ainda em curso durante a escrita desse trabalho). No Brasil, os imigrantes venezuelanos têm chegado pela fronteira com Roraima e passado por um processo de “interiorização” por meio de diversos programas. De acordo com a última atualização do Painel de Interiorização, publicado em abril de 2022 no site da plataforma “R4V”, desde abril de 2018 74.375 venezuelanos foram beneficiados com o programa. Os estados que mais receberam venezuelanos pelo programa foram, respectivamente, Paraná (12.895), Santa Catarina (12.667), Rio Grande do Sul (10.889), São Paulo (10.183) e Amazonas (5.286).

A Matriz de Monitoramento de Deslocamento, ferramenta elaborada pela OIM para caracterizar os fluxos migratórios internacionais, apontou em seu levantamento que entrevistou 3.516 imigrantes venezuelanos em Boa Vista e Pacaraima a motivação da saída da Venezuela. Dentre os principais resultados de motivação para a migração, encontra-se em primeiro lugar a partida por motivos econômicos e laborais, seguido da falta de acesso a alimentos e serviços médicos. Na sequência, apresentam-se motivos relacionados a insegurança e violência, questões familiares, perseguição e outros (OIM, 2018).

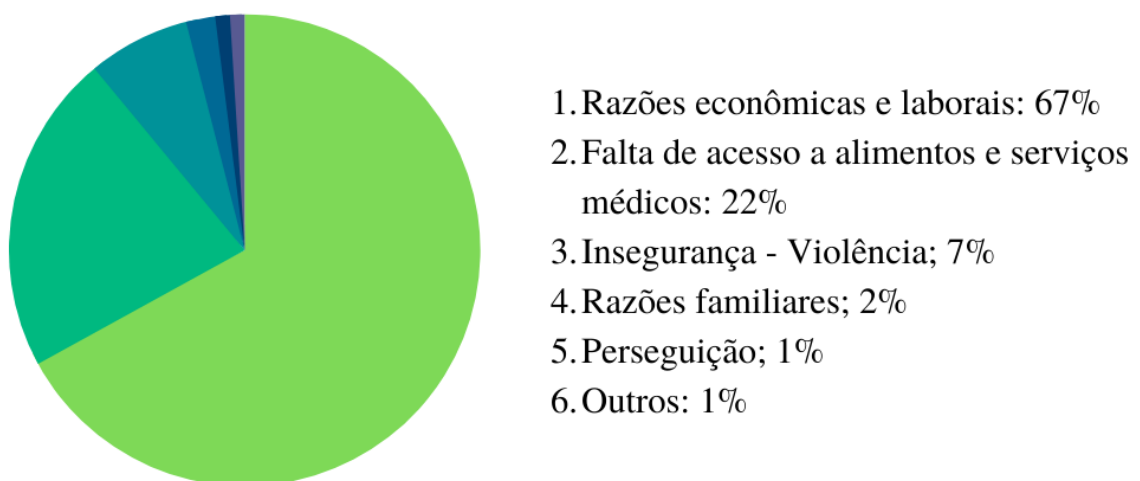


Figura 1: Razões para deixar o país. Fonte: Gráfico elaborado pela autora com os dados da OIM (2018)

É importante, por fim, descrever como se encontra a situação de repatriação dos imigrantes venezuelanos. De acordo com o site do *Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores – MPPRE* - do governo bolivariano (2018), o programa de repatriação “*Vuelta a la Pátria*”, inaugurado em 2018, é responsável por estabelecer uma ponte aérea e terrestre para a repatriação voluntária de todos os migrantes que não tenham condições econômicas de regresso por conta própria. Uma vez chegando a Venezuela, o programa oferta também a incorporação dos repatriados e repatriadas a programas sociais do país (MPPRE, 2018).

De acordo com o “*Boletín Vuelta a la Patria*”, emitido no dia 10 de fevereiro de 2020 pelo governo da Venezuela, no mês de fevereiro do ano de 2020 um total de 100.426 venezuelanos estavam registrados no programa de repatriação e 17.522 haviam regressado através do plano “*Vuelta a la Pátria*”, dos quais 7.285 saíram do Brasil. Do total de repatriados venezuelanos através do plano, 64% tinham como primeira causa do retorno problemas econômicos e impossibilidade de obter emprego digno no país para o qual migraram e 54% relataram como motivo adicional de retorno as hostilidades vivenciadas no país receptor, como xenofobia, exploração, maus tratos trabalhistas e sociais. 21% dos repatriados manifestaram estar sofrendo de graves problemas de saúde (MPPRE, 2020).

3.4 Impactos Psicológicos da Migração Involuntária

O psicólogo e teórico da etnopsiquiatria Tobie Nathan (1993) escreve que o homem, assim como possui um fígado, possui uma cultura. Há, na perspectiva da etnopsiquiatria, uma equivalência entre ser dotado de cultura e ser dotado de psiquismo. Sendo, portanto, o psiquismo estruturado em uma dimensão cultural, como fica o sujeito quando deslocado de sua cultura fundante?

Quando o sujeito se encontra localizado em seu meio cultural de pertença, é possível afirmar que existe um sistema de correspondência de sentidos na leitura e compreensão dos significados do comportamento. No processo migratório, independentemente do tipo de migração, há uma maior chance de rompimento desse sistema de correspondências, acarretando uma ineficiência das formas de defesa da cultura de origem no contexto da cultura de chegada (Boeira-Lodetti, 2018).

É importante pontuar que, embora todas as formas de migração possam apresentar uma consequência psíquica, existem particularidades no risco à saúde mental do imigrante em uma migração involuntária. A possibilidade de planejamento do trajeto entre o ponto de partida e o destino da viagem é um dos recursos escassos no processo de migração involuntária, sendo um

elemento definitivo no que concerne à (des)organização psíquica dos sujeitos (Martins-Borges, 2013).

Na migração involuntária, a oportunidade de ritualizar e elaborar a migração é praticamente inexistente. Atos psiquicamente importantes, como despedir-se dos entes queridos, do território, chorar, levar objetos que representem o país de origem e de preparar-se para o estabelecimento no novo país são impossibilitados por condições bélicas, econômicas, políticas e sociais que submetem o sujeito a partidas abruptas e traumas. Esses elementos fazem da migração involuntária um importante fator de risco para a saúde mental (Martins-Borges, 2013).

Compreende-se o trauma como o acontecimento que têm como consequência o transborde do limite do aparato de proteção do psiquismo, impossibilitando para o sujeito remeter seu sofrimento por meio do campo discursivo. O processo dá-se, assim, apartado da ordem de atribuição de sentido. Ou seja, o trauma existe como condição em que o sujeito perde sua possibilidade de referenciar-se em um significante, não conseguindo responder ao vínculo social, ou necessitando encobrir o real por intermédio de uma fantasia. O trauma pode apresentar graves repercussões no sujeito, que se pronunciam através de violências, excessos e/ou repetições (Costa, 2014; Kehl & Fortes, 2019)

Diferentes eventos de violência podem desencadear um trauma, e os imigrantes involuntários estão mais expostos a essas situações. Exemplo disso são os episódios de violência e precariedade no período pré migratório, passando pelo processo de deslocamento que muitas vezes é também permeado de violências, até impactos hostis que podem ser sentidos no país de destino. Cita-se aqui a exclusão econômica e social, a xenofobia, a estigmatização e preconceito que os imigrantes não raras vezes sofrem nos países acolhedores (Pérez, Navarrete e Gil, 2003).

Dentre os sintomas mais recorrentes de sofrimento psíquico observados em imigrantes, podemos citar estados de tristeza profunda, acompanhados de isolamento social, conflitividade na relação com as pessoas naturais do país de acolhimento, ansiedade, inseguranças em relação ao projeto existencial, despersonalização, anedonia e também sofrimentos de ordem psicossomática, uma vez limitadas as possibilidades de expressão verbal do sofrer, caracterizando a somatização como expressão corpórea da angústia (Martins-Borges, 2013).

Além das dificuldades enfrentadas no período pré-migratório e migratório, o período pós migratório é também marcado por difíceis elaborações. Em geral, as condições desfavoráveis do país de origem geram a grande possibilidade desses sujeitos não retornarem. Psiquicamente, essas circunstâncias dificultam a elaboração do luto em relação à saída do país original e

ocasionam a ausência de um projeto de vida no lugar de destino, o que aumenta a dificuldade de projetar-se no novo contexto e conseqüentemente uma forte ruptura na experiência de continuidade de si (Martins-Borges, 2017). Essas características do processo migratório involuntário fazem com que se possa afirmar que há um *impacto psicológico* no sujeito migrante decorrente da migração.

3.5 Processos migratórios em tempos de Covid-19

Em seu texto “Vai passar?” Marsillac (2020) situa a pandemia enfrentada na atualidade como uma experiência próxima a de uma guerra, de um regime de exceção. Esse momento extremo propiciou psiquicamente um excesso de real que invade e paralisa os sujeitos. Confrontando as pessoas de forma radical com o risco de morte, esse momento escancarou a perversidade do sistema “normal”, sendo a norma a perspectiva dominante, que se mostra nesse tempo em sua “*radicalidade minoritária*” e imperativa à sociedade. Porém, nem todos se afetam por essa catástrofe de forma igual.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações, durante a pandemia de COVID-19, migrantes e refugiados tornam-se mais vulneráveis, à medida que muitos continuaram vivendo e trabalhando em ambientes lotados, com condições insalubres, em que a COVID-19 se alastra mais velozmente (OIM, 2020 a; 2020 b). O acesso ao sistema de saúde também é dificultado, e o acesso restrito a serviços básicos de saúde como água potável, saneamento, alimentação, educação e proteção social agrava a situação de vulnerabilidade (UNHCR, 2020).

Outro aspecto da relação entre migração e pandemia tem sido o fato de que, durante o período de alastramento do vírus, o acesso ao asilo tem se reduzido, uma vez que dezenas de países fecharam suas fronteiras, não abrindo exceções e potencializando os casos de violência contra migrantes, através de detenções, deportações e retornos forçados. Tudo isso em não raras situações de estabelecimentos fronteiriços com superlotação e insalubridade (United Nations, 2020) acelerando a tragédia socioeconômica enfrentada pelos imigrantes e refugiados, especialmente aos que têm como destino países da América Latina, e em particular, o Brasil.

O governo do Brasil destacou-se internacionalmente pela sua absoluta ineficácia na prevenção, contenção e tratamento da pandemia. De acordo com o site do ministério da Saúde - MS -, a quantidade oficial de óbitos pela doença já ultrapassa a cifra 360.000 mortos (MS, 2021). Não obstante, durante a pandemia, observou-se um agravamento no número de deportações realizadas pelo Brasil. As deportações feitas pela Polícia Federal entre abril e julho de 2020 cresceram 9.200% em relação ao mesmo período de 2019: entre abril e julho de 2019, o número de deportados foi de 8 pessoas. No mesmo período em 2020, foram 744 (Prazeres, 2020).

As três nacionalidades que mais sofreram deportações foram a de bolivianos (522) seguidos de venezuelanos (159) e paraguaios (44). Não por coincidência, as cidades onde mais ocorreram deportações foram Corumbá, em Mato Grosso do Sul, localizada na fronteira com a Bolívia, e Pacaraima, localizada no estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela. Esse crescimento nas deportações ocorre relacionado ao período da pandemia, sendo esse o argumento do governo federal para o fechamento das fronteiras terrestres e aquaviárias do país (a entrada de estrangeiros por via aérea foi flexibilizada pelo governo federal), ratificando na realidade brasileira a tendência internacional de aumento das deportações durante a pandemia apresentada pela ONU (Prazeres, 2020). A fronteira com a Venezuela foi a primeira a ser fechada pelo Brasil, em março de 2020. Essa decisão ocorreu de forma arbitrária uma vez que havia outros países fronteiriços com o Brasil que apresentavam um número bastante superior de casos de Covid-19 do que a Venezuela (Ramos, 2020)

Durante o período pandêmico, outra grande dificuldade enfrentada por imigrantes no Brasil têm sido as imensuráveis filas e dificuldades para agendamento de horário na Polícia Federal, que em várias regiões do país reduziu sua disponibilidade de atendimento. Sem acesso ao serviço de regularização migratória, também o acesso ao Auxílio Emergencial concedido pelo Governo Federal fica impossibilitado, deixando os imigrantes e refugiados em uma situação de desproteção econômica (Stropasolas, 2020).

Invisíveis durante sua vida e sua morte, como nomeia Stropasolas (2020), os imigrantes não estão sendo considerados nos Planos Nacionais de resposta a emergências da covid-19 no Brasil. Não existem dados relativos à mortalidade de imigrantes pela Covid-19, uma vez que os dados oficiais são compostos unicamente por dois elementos: as declarações de óbito e a Autorização de Internação Hospitalar (AIH), não sendo a nacionalidade um item obrigatório para preenchimento em nenhum deles. A população imigrante, que representa uma das parcelas mais vulneráveis à pandemia, sofre um apagamento institucional proposital, uma vez que as iniciativas de incluir raça, cor e nacionalidade nos dados oficiais de mapeamento das mortes por Covid no Brasil foram silenciadas a nível federal.

Os dados sobre repatriação também podem apontar para as dificuldades enfrentadas no país de destino. No caso dos venezuelanos, o programa de auxílio à repatriação “*Vuelta a la Pátria*” continuou atuante durante o período da pandemia de covid-19. No ano de 2020, ano marcado pela emergência da Covid-19, mais de 92,5 mil venezuelanos regressaram ao seu país de origem, o que pode indicar, dentre inúmeras possibilidades, também um sistema de acolhida insatisfatória em seus locais de destino, sendo a pandemia da Covid-19 mais um fator de risco para essa população (Mello, 2020).

3.6 Revisão de literatura: Impactos Psicológicos da Migração em Imigrantes Venezuelanos

A fim de embasar esta pesquisa com a produção científica produzida até o momento, bem como identificar as lacunas no debate sobre o tema proposto, realizou-se uma revisão de literatura de análise integrativa e busca sistemática (Ferenhof e Fernandes, 2016). A proposta da revisão integrativa da literatura é compendiar de forma “*sistemática, ordenada e abrangente*” (Ercole, Melo e Alcoforado, 2014) diferentes elementos do conhecimento teórico ou empírico formulado sobre o tema em questão, de forma integrada. Para esse fim, foi realizada uma busca sistemática de produções científicas nacionais e internacionais atuais acerca do tema dos *impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos*. Para atingir o objetivo citado, foram utilizadas as seguintes plataformas de base de dados: Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PsycINFO, Redalyc e o Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A busca ocorreu entre janeiro e abril de 2022. Como estratégia para busca avançada nas plataformas de dados procurou-se literatura que cumprisse com o critério de haver sido publicada no limite temporal de 2014-2022, considerando-se a data de início do processo migratório intensificado da Venezuela. Não foi feita nenhuma restrição acerca do país em que a publicação foi feita, desde que escrita em português, espanhol ou inglês, sendo esses os idiomas de compreensão da pesquisadora. Em cada plataforma a busca foi realizada a partir dos seguintes descritores combinados através dos operadores booleanos: (migration OR refugee) AND (Venezuela) AND ("mental health" OR "mental disorders" OR “psychoanalysis”).

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES não foram encontrados estudos adequados aos objetivos a partir da utilização dos descritores utilizados nas outras plataformas citadas. Assim, passou-se a utilização da combinação (migration OR refugee OR migração) AND (Venezuela) AND ("mental health" OR "mental disorders" OR psychoanalysis OR "mental suffering") nos mesmos marcos temporais, encontrando-se 63 estudos. Após a leitura de todos os resumos e da leitura integral dos textos que atendiam aos critérios pertinentes da revisão, 14 estudos foram selecionados para a efetiva revisão.

Os termos de descrição foram escolhidos de forma a tornar mais ampla possível a gama de publicações a serem estudadas, sem fugir ao tema da pesquisa, focado na especificidade da expressão do sofrimento psíquico no processo migratório de pessoas da Venezuela. Portanto, artigos que abordassem unicamente sujeitos que não se enquadram nos critérios de inclusão dos participantes da pesquisa (crianças e adolescentes, ou imigrantes “latinos” de forma geral, por exemplo) ou com outro enfoque temático, não foram incluídos na revisão. Na plataforma

CAPES, algumas teses e dissertações escolhidas não possuíam divulgação autorizada, não estando disponíveis na internet.

Uma vez feita a pesquisa, os resultados foram sistematizados através de um formulário do programa “google forms”. Por meio desse formulário, cada artigo foi registrado com as informações acerca de ano de publicação, idioma, nacionalidade da pesquisa, abordagem metodológica, principais resultados e dados acerca dos sintomas de sofrimento psíquico apresentados por imigrantes venezuelanos, bem como fatores de proteção e de risco e estratégias para promoção de saúde.

Na plataforma Redalyc foram encontrados 40 artigos com os descritores e filtros acima indicados, sendo 22 em espanhol, 15 em inglês e 3 em português. As nacionalidades das publicações eram respectivamente: Colômbia (10), México (7), Brasil (7), Espanha (4) Costa Rica (3), Chile (3), Venezuela (2), Argentina (1), Equador (1), Portugal (1), Estados Unidos (1). Todos os 40 resumos foram lidos e 11 artigos foram selecionados para a leitura integral. Desses estudos, todos publicados entre 2019 e 2021, 6 estavam em espanhol, 2 em inglês e 3 em português, com as seguintes nacionalidades: Brasil (5), Chile (4), México (1), Peru (1).

No Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) foram identificados 23 artigos publicados entre 2014 e 2022 após a busca com os descritores. Especificamente nesta plataforma, uma grande quantidade de resumos não se enquadrava na temática da pesquisa. Após a leitura de todos os resumos, e a exclusão dos artigos repetidos ou que fugiam à temática, foram selecionados 3 artigos; um número reduzido devido ao grande contingente de publicações da neurociência e biomedicina, que não constam como prioridade neste estudo. Os estudos são de nacionalidade brasileira, venezuelana e estadunidense.

Na plataforma PsyINFO, por meio dos descritores, não foram encontrados artigos condizentes com o tema. Para uma busca mais ampla, colocou-se apenas os descritores “venezuela” AND “migration” OR “refugee”. A partir dessa busca, 190 textos sobre saúde mental foram observados, tratando principalmente sobre o tema do estresse pós-traumático, depressão, suicídio, efeitos da tortura e resiliência, mas especificamente sobre o contexto de migração advinda da Síria, Butão, Irã, Guatemala, Quênia, Camboja, Vietnã, Uganda, Burundi, Somália, Sudão, Serra Leoa, Bósnia, Eslovênia, e do povo palestino. Sobre os imigrantes venezuelanos, havia apenas um estudo com o fim de validação de um questionário psicométrico sobre percepção negativa de contexto de recepção.

Por fim, devido à baixa quantidade de literatura sobre o tema proposto, foi pesquisada na plataforma “Scholar Google” uma série de combinações de descritores mais amplos para uma busca final. Com os descritores “Venezuela” e “mental health” foram encontrados dois

artigos que abordavam a saúde mental de imigrantes venezuelanos, um na perspectiva do deslocamento para o Peru, e outro sobre a relação com a Covid-19 na Colômbia, e que foram utilizados nessa revisão.

Após a leitura de 318 resumos das diferentes plataformas, foram selecionados 50 artigos para leitura integral. Destes, 21 trabalhos foram utilizados nessa revisão (Angulo-Giraldo, Guanipa-Ramírez & Albites-Sanabria, 2021; Bento, 2021; Berríos-Riquelme, 2021; Bezerra, 2020; Capdeville, Carroll, Luzes, Freier & Bird, 2020; Cruz, 2020; França & Barbato, 2019; Mota, 2019; Muniz, 2020; Nascimento, 2021; Nobrega, 2021; Quinelato, 2020; Santos, 2018; Santos, 2021; Schwartz *et al*, 2018; Silva, Barreto & Barreto, 2020; Teixeira, 2019; Villarroel, 2021; Waldman & Téllez 2021; Zambrano, 2021).

Os estudos selecionados vieram de diferentes áreas do saber científico, a saber, Psicologia, Ciências Sociais, Antropologia, Serviço Social, Enfermagem e Direito. As pesquisas envolveram diferentes programas de especialização, como: Sociedade e Fronteiras; Epidemiologia em Saúde Pública; Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania; Comunicação, Cultura e Amazônia e por fim, Bioética.

Dois elementos sobre as publicações internacionais chamaram a atenção da pesquisadora. O primeiro, relativo às publicações advindas dos EUA, em que os artigos em geral não se tratavam sobre uma nacionalidade específica, mas abordavam a questão do sofrimento psíquico em diferentes esferas a partir do demarcador do público “latino”; em que estava enquadrada também a população venezuelana junto a outras nacionalidades. O segundo, referente ao fato da maioria das publicações serem de países fronteiriços ou receptores importantes de imigrantes venezuelanos, como Colômbia, Peru, Chile e Brasil, abordando problemas objetivos às questões de saúde pública no país de acolhimento.

Em relação às publicações brasileiras, é notório a quantidade de pesquisas cujo campo se deu na região fronteira, principalmente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, ambas em Roraima. Publicações enfocando outras regiões do país foram minoritárias, ainda mais especificamente sobre a região sul. Esse dado é relevante uma vez que o sul do Brasil tem sido destino prioritário de interiorização (processo que explicaremos mais a frente) de imigrantes venezuelanos (R4V, 2022) e conhecer como se dá o processo de deslocamento, acolhimento e adaptação é relevante para a formulação de práticas integrativas para essa população. A partir deste levantamento, vemos indícios de que, embora haja uma vasta gama de publicações sobre o fenômeno da migração venezuelana em diversas áreas do conhecimento científico, ainda há escassez de publicações no campo da Psicologia sobre o tema à luz do debate sobre o sofrimento psíquico e saúde mental.

Discussão sobre literatura encontrada

Diante da busca sistemática realizada nas plataformas de dados, apresentaremos a seguir os principais resultados obtidos nas pesquisas nacionais e internacionais sobre os impactos psicológicos da migração em imigrantes venezuelanos. A apresentação se dividirá em debates acerca dos *fatores de risco à saúde mental de imigrantes venezuelanos*, aos *sintomas de sofrimento psíquico* apresentados durante o processo migratório, e, finalmente, os *fatores de proteção à saúde mental de imigrantes venezuelanos*, bem como alguns dados levantados sobre estratégias de promoção de saúde mental para a população venezuelana imigrante.

Fatores de Risco à saúde mental de imigrantes venezuelanos

Migração forçada ou involuntária

Entendendo o protagonismo que os fenômenos migratórios assumem no século XXI, bem como o fato de que problemas de saúde mental serem responsáveis por grande parte das questões patológicas na atualidade, Carroll, Luzes, Freier e Bird (2020) realizaram um estudo sobre a jornada migratória e saúde mental a partir da experiência da migração venezuelana para o Peru e o Equador. Na data de publicação do referido estudo, havia apenas mais um artigo publicado tratando especificamente de questões de saúde mental de imigrantes venezuelanos (Schwartz et al., 2018) no contexto do atual fluxo migratório.

Carroll et al. (2020) qualificam aspectos de vulnerabilidade (risco) e resiliência (proteção) no que tange a saúde mental durante o processo migratório. Por meio de revisão de literatura, concluíram que o momento do processo mais amplamente investigado é o pós-migratório, em pesquisas realizadas nos países de acolhida. Apontam assim para a existência de uma lacuna no desenvolvimento de estudos sobre a saúde mental nos momentos pré-migratórios e de deslocamento.

No período pré-migratório, o estudo aponta como fator de risco psíquico a própria migração forçada, e como fator de proteção a possibilidade de planejamento do deslocamento ao país de destino, o que vai ao encontro com outros estudos na área de migração (Carroll et al., 2020; Martins-Borges, 2013; Nascimento, 2021). A qualidade multidimensional da migração venezuelana, com forte caráter econômico, localiza-se em um campo de migrações as quais os imigrantes não tinham o *desejo* de deixar a Venezuela, mas viram-se obrigados a fazê-lo para a própria manutenção de sua vida. Esses imigrantes têm em seu histórico pré-migratório a passagem por situações traumáticas como a pobreza, fome e ausência de acesso a remédios (Bento, 2021; Carroll et al., 2020; Santos, 2021).

Nessa migração involuntária, não há desejo de deixar a Venezuela, e tampouco há o desejo de vir para o Brasil. Os relatos de imigrantes venezuelanos apontam para uma escolha

por exclusão. Procura-se um país que faça fronteira com a Venezuela para redução de custos. Assim, sendo a Colômbia conhecida pela sua hostilidade contra os venezuelanos e o trajeto para a Guiana muito perigoso, o Brasil apresenta-se, por fim, como uma possibilidade viável (Capdeville, 2021)

Durante o deslocamento, variáveis como rupturas, traumas, perdas e lutos, foram analisados como riscos à saúde mental; assim como a perda de status, o tipo de meio de transporte e deslocar-se em companhia de crianças. (Carroll et al., 2020; Nascimento, 2021; Muniz, 2020). A perda de status não foi associada à diminuição dos ingressos financeiros, mas principalmente à redução na qualidade de vida e perda de status educacional ou profissional no país de origem e destino (Carroll et al., 2020).

Um fator influente na saúde mental dos imigrantes ainda pouco estudado é a duração e a forma de transporte/locomoção no trajeto. Longas trajetórias em meios precários de transporte tendem a ser um fator de estresse. Devido à forte crise econômica, a maioria dos imigrantes venezuelanos não têm condições de pagar uma passagem aérea ou de ônibus, deslocando-se então para os países vizinhos por meio de longas caminhadas. A própria experiência de deslocamento concentra os momentos mais críticos de saúde mental, sendo fator de risco para ansiedade e aumento da exposição a situações potencialmente traumáticas, como a violência sexual contra as mulheres (Carroll et al., 2020; Nascimento, 2021).

Em relação ao percurso, outros elementos se demonstraram estressantes, como a passagem pelas “alcabalas”, como são denominados os pontos de controle viário na Venezuela. Realizar esse percurso com os filhos em idade infantil se confirmou também um fator que aumenta a ansiedade nos imigrantes, embora em níveis que não são superados pelos benefícios de estar acompanhados deles (Bento, 2021; Carroll et al., 2020).

Ao chegar no Brasil, os imigrantes venezuelanos geralmente experimentam um tempo de vivência na fronteira, que segundo Capdeville (2021), é um lugar de limites maleáveis e permeáveis entre Brasil e Venezuela. A decisão por permanecer próximo à fronteira está vinculada a ideia de facilitar a volta rápida para Venezuela caso necessário ou desejado (Villarroel, 2021; Teixeira, 2019), bem como a uma proximidade com a cultura de origem, muito embora as condições de vida sejam marcadamente difíceis.

Contudo, permeia no imaginário do processo migratório venezuelano para o Brasil a ideia de que é a partir da interiorização¹ para outras regiões do país que se conhece uma

¹ No meio da rede de atenção aos imigrantes venezuelanos, o processo de interiorização é uma etapa estabelecida do processo migratório, a ponto de virar verbo. “Interiorizar-se” vira uma expressão tão comum quanto “sair do país”, ou “cruzar a fronteira”.

realidade de possibilidades e receptividade (Capdeville, 2021). O programa de interiorização envolve o governo federal, governos locais, organizações internacionais e não-governamentais. Ela ocorre em 4 modalidades: por meio de uma vaga de trabalho, para morar em abrigo em outra localidade, reunificação familiar, ou por meio de outros laços sociais. A interiorização é benéfica no sentido de abrir novas possibilidades de inserção para os imigrantes em diferentes regiões do país, mas apresentou desafios, como a redução de mais de 50% dos deslocamentos no princípio da pandemia, gerando aumento na lotação dos abrigos fronteiriços (Cruz, 2020).

Um fator de risco que percorre o processo de interiorização é a dificuldade de distinguir as diversidades culturais existentes em um mesmo grupo migratório e de dimensionar os diferentes impactos psíquicos que essa mudança pode causar nos imigrantes. Um exemplo é trazido Capdeville (2021) ao narrar que os indígenas Warao, provenientes da Venezuela, não poderiam passar pelo processo de interiorização sem antes uma avaliação para que não tivessem sua cultura afetada. A mesma preocupação não foi explicitada com os venezuelanos não indígenas, mesmo que todos os imigrantes, indígenas e não indígenas, sejam dotados de cultura.

Questões relativas ao idioma

Um fator de risco na migração é a impossibilidade de comunicação, sendo o domínio da língua um fator importante de análise. Nesse sentido, para além da reafirmação da necessidade de espaços de ensino do português para imigrantes, é preciso pensar outras perspectivas de trocas em diferentes idiomas. No trabalho intitulado *Acolher Entre Línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes*, Zambrano (2021) apresenta alguns dos desafios para a garantia dos direitos linguísticos dos venezuelanos no Brasil. A autora problematiza o que denomina “ideologia do monolinguismo” no Brasil, uma face da lógica colonial de supressão da diferença. São exemplos desse fenômeno a impossibilidade de atendimentos nos equipamentos públicos de cuidado em espanhol, mas também na língua Venezuelana de Sinais e nos diferentes idiomas indígenas do país bolivariano.

Outro desafio é a superação da ideia de que o espanhol é um idioma “fácil”, e, portanto, não sejam necessárias iniciativas específicas de formação para imigrantes e profissionais que interagem com estes. Esse cuidado deve ser considerado especialmente na área da saúde: a premissa da universalidade ao acesso desse direito pelo SUS não contempla integralmente os imigrantes venezuelanos. Pesquisas apontam que imigrantes venezuelanos enfrentam dificuldades no acesso a serviços de saúde por barreiras linguísticas e culturais, e dificuldades

em obter o cartão de saúde antes da regularização migratória, podendo isso acarretar adoecimento físico e sentimento de frustração (Nascimento, 2021; Zambrano, 2021).

Falta de acesso à direitos básicos

Villarroel (2021) buscou com sua pesquisa realizar um mapeamento do acesso aos direitos à saúde, educação, alimentação, trabalho digno e proteção social de imigrantes venezuelanos residentes em Manaus. Obteve a conclusão de que há lacunas na efetivação dos direitos sociais básicos, sendo um dos principais problemas encontrados em relação à falta de moradia e emprego, colocando os imigrantes sem-teto em situação de extrema vulnerabilidade.

Os principais desafios seriam, segundo o autor, o enfrentamento a situações de trabalho análogas à escravidão, a prostituição e a falta de habitação que deixa imigrantes em situação de rua. Esse cenário foi descrito em outras pesquisas, adicionando dificuldade nas criações de laços saudáveis e suporte social que podem desembocar em relações de extrema dependência com terceiros ou com o uso abusivo de drogas. (Nóbrega, 2021; Teixeira, 2019; Nascimento, 2021)

Alguns estudos nomeiam uma “Confusão normativa” intencional e recorrente nos processos de documentação dos Venezuelanos no Brasil, que também pode acarretar dificuldades na inserção e permanência dos imigrantes em nosso país. Essa confusão é relatada não apenas na categorização do status migratório dos venezuelanos, mas em diferentes etapas da Operação Acolhida², em que a falta de informações, ou a recorrente circulação de informações falsas cria entre os imigrantes momentos de tensão. A falta de clareza sobre os processos legais e sobre os fatos que envolvem a migração é um fator de risco para os imigrantes, podendo gerar inseguranças e estresse (Bento, 2021; Capdeville, 2021).

Xenofobia, racismo e aporofobia

Ao estudar as relações transfronteiriças entre o norte do Brasil e o sul da Venezuela, entrevistando imigrantes dos dois lados da fronteira, Santos (2018) aponta que os venezuelanos no Brasil sofrem níveis de estigmatização que os brasileiros não sofreram na Venezuela. Em uma região como Roraima, marcada por históricos conflitos entre povos indígenas, garimpeiros, madeireiras, setores das forças armadas e do latifúndio, o peso da construção da narrativa do “inimigo externo”, como ameaça ao que é “natural do lugar”, ganha caráter de repetição em relação aos imigrantes venezuelanos. Assim, os grandes proprietários colocam

² De acordo com a página oficial da Casa Civil, a “Operação Acolhida, criada em março de 2018, é a resposta do governo brasileiro ao grande fluxo migratório proveniente da República Bolivariana da Venezuela, devido à crise política, econômica e social. É baseada em três pilares: Ordenamento da fronteira, Abrigamento e Interiorização”.

imigrantes venezuelanos no mesmo local de “invasores” ao qual acusam os povos indígenas em relação à luta por demarcação de suas reservas (Capdeville, 2021; Santos, 2018).

Apesar dos avanços legais conquistados com a Nova Lei de Migração em 2017, o contexto político-econômico que se estabelecia no Brasil concomitante ao movimento migratório venezuelano propiciou mais espaço na sociedade para posicionamentos discriminatórios em relação aos imigrantes e refugiados. É o contexto em que ocorre um golpe institucional contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016, seguido pelo governo ilegítimo de Michel Temer e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. O ano de 2018 é marcado por uma onda “nacionalista” de extrema-direita que tem um posicionamento próprio acerca dos imigrantes. A ferida narcísica aberta ao vislumbrar-se a insuficiência de estrutura para acolher os imigrantes em território brasileiro é transformada em discurso de ódio contra a “esquerda” e contra o estrangeiro; em particular o venezuelano é colocado no lugar de “invasor”, “criminoso”, “ilegal”, “faminto”, “vetor de doenças”, “miserável”, “comunista”. À essa lógica de exclusão do imigrante, do não branco e do pobre, denominamos xenofobia, racismo e aporofobia, respectivamente (Quinelato, 2020; Mota, 2019; Villarroel, 2021; Bezerra, 2020).

Parte importante dessa construção de uma narrativa preconceituosa em relação aos imigrantes é ratificada e amplificada pela grande mídia. Diversas pesquisas utilizaram também o levantamento bibliográfico em jornais e portais de notícias (Quinelato, 2020; Mota, 2019; Santos, 2018; Bezerra, 2020) e apresentaram a divulgação de uma imagem negativa dos imigrantes em primeiro plano, com casos muito menos comuns de notícias que promovessem em sua linha editorial a solidariedade e empatia com os imigrantes.

Os comentários após as notícias também são analisados, e circulam majoritariamente em torno de uma concepção higienista de que os imigrantes são sujos, que “favelizam” os lugares onde se alojam. Circula a acusação de que os imigrantes não são afeitos ao trabalho e buscam apenas beneficiar-se de auxílios governamentais, ou mesmo a ideia de que o imigrante vem para “tirar o que é do brasileiro”. A saída sugerida nesse escopo narrativo é que os defensores dos direitos humanos devem “levar para casa” os imigrantes, e é frequentemente seguida da proposta de solução que representa uma ferida nunca cicatrizada na história brasileira: uma intervenção militar. Essa lógica de ódio não raramente se transborda em atos como os incêndios provocados por grupos xenófobos nas barracas de venezuelanos na região norte do Brasil, e outros atos de violência ao longo do país (Quinelato, 2020).

Desemprego e precarização laboral

Ao cruzar a fronteira, estudos demonstram que o desemprego, a impossibilidade de trabalhar enquanto a documentação migratória está sendo preparada e a falta de suporte estatal

influenciam diretamente a saúde mental dos imigrantes na sociedade de acolhida. A precariedade laboral é apontada como fator de aumento no quadro de vulnerabilidade dos venezuelanos (Carroll et al., 2020; Villarroel, 2021)

Um estudo de caso realizado por Berríos-Riquelme (2021) entrevistou 14 imigrantes venezuelanos com formação profissional residentes no Chile sobre a sua inserção no mercado de trabalho e averiguou que uma das principais dificuldades que os imigrantes enfrentam são a burocracia e altos preços para custear o processo de revalidação de diplomas. Outro aspecto de dificuldade é a subutilização de sua bagagem formativa, uma vez que os imigrantes trabalham em funções para as quais eles têm uma formação superior, chegando ao ponto de apagar sua formação do currículo para facilitar sua contratação.

A informalidade laboral é uma realidade presente entre os imigrantes venezuelanos no Brasil. Silva, Barreto e Barreto (2020) constataram entre os participantes de sua pesquisa realizada em Roraima uma média salarial diária de R\$ 29,58 (O valor do salário-mínimo em 2020 dividido por 30 dias seria igual a R\$34,63, ou seja, os imigrantes juntavam menos de um salário-mínimo ao fim do mês) sendo a maioria trabalhadores ambulantes. O ritmo de trabalho é integral (manhã, tarde e noite) e exposto às mais diferentes intempéries climáticas e sociais. Fatores de risco como o desconhecimento dos direitos trabalhistas no Brasil, o aumento dos níveis de desemprego durante a pandemia de Covid-19, a falta de recursos para transporte e a falta de rede para indicações de vagas são também citados nas pesquisas (Villarroel, 2021).

Segundo os autores, essa condição de precariedade pode, psicologicamente, desdobrar-se em desmotivação, em uma sensação de “derrota social”, diminuição da autoestima e depressão. Verificou-se o fenômeno da “desqualificação social” no aspecto laboral em comparação às funções exercidas na Venezuela, o que gera, de acordo com as pesquisas, uma “angústia do fracasso” acompanhada de “vergonha social”. Essa realidade encontra seu escancaramento nas representações culturais brasileiras, a exemplo da música “Lá vem os mira com o rodo na mão”³, que alude aos imigrantes venezuelanos (“¡Mira!” é uma exclamação em espanhol, que pode ser traduzida como “veja!”) que buscam sustento nos sinais de trânsito trocando a limpeza dos vidros dos carros por algumas moedas (Santos, 2018; Silva, Barreto & Barreto, 2020).

A quantidade superior de horas trabalhadas pelos imigrantes em relação aos brasileiros e a discriminação e abusos no ambiente de trabalho foram citados como fatores emergentes no processo de inserção laboral, um alerta frente ao fato de o trabalho estar muitas vezes entre as preocupações centrais dos imigrantes em condições precárias (França e Barbato, 2019; Berríos-

³ Banda Pipoquinha de Normandia, Roraima, 2018

Riquelme, 2021; Silva, Barreto & Barreto, 2020; Villarroel, 2021). Em áreas fronteiriças, como o norte do Chile ou do Brasil, disputas históricas por território somadas a uma legislação migratória de “defesa” fazem a concepção do imigrante como ameaça ser mais facilmente proliferada. A estereotipificação do venezuelano como ameaça, que vem para tirar o emprego de quem vive no país de destino migratório, é presente a ponto de o próprio imigrante internalizá-la e buscar justificar-se ao procurar um emprego (Berríos-Riquelme, 2021).

Aspectos relacionados ao gênero

A literatura aponta para um crescente movimento de feminização da migração e da pobreza no âmbito internacional, especialmente na migração venezuelana (Nóbrega, 2021). Nesse sentido, percebe-se uma tendência à acumulação de tarefas e sobrecarga das mulheres venezuelanas no contexto migratório, enquanto identifica-se entre os homens maior dificuldade na criação de redes para suporte emocional (Santos, 2021; Nascimento, 2021).

Quando levantados aspectos de risco em relação ao gênero dos imigrantes, uma variável que eleva a probabilidade de depressão em mulheres venezuelanas é migrar em período gestacional, sendo a correlação entre depressão e gestação o dado mais robusto em saúde mental encontrado por Carroll et al. (2020). Dar à luz no período de deslocamento ou no país de destino também está entre os fatores de risco para a depressão pós-parto, como apresenta Nascimento (2021) em sua pesquisa sobre os impactos psicológicos da migração em mulheres.

Outros fatores de potencial risco para mulheres imigrantes são a exposição à violência sexual, violência conjugal, separação dos filhos e isolamento social, situações que são acentuadas pelas condições precárias de moradia e subsistência (Nóbrega, 2021; Nascimento, 2021). As venezuelanas são quase 14% das vítimas de violência conjugal em Boa Vista. Contudo, os baixos índices de denúncia por parte das venezuelanas acaba levando ao silenciamento de tais condições, e denunciando a lacuna de segurança para as imigrantes, que temem realizar denúncias na polícia e se prejudicarem em relação a sua permanência no Brasil, serem revitimizadas ou não serem compreendidas (Nóbrega, 2021)

No caso de muitas venezuelanas a sobrecarga com as tarefas domésticas, de cuidado com os filhos e laborais é acentuada com a responsabilidade de realizar um *cuidado transnacional* em relação a integrantes da família que ficaram na Venezuela. Essa tarefa demanda tempo, recursos e desafios próprios de uma atividade complexa, como enviar remédios para o país de origem (Santos, 2021).

Outro fator ansiogênico para as mulheres venezuelanas é a representação segregadora e estereotipada feita pela mídia em relação aos imigrantes, e a divulgação da imagem da mulher venezuelana como vítima passiva, dramática ou como quem ocupa o lugar de emprego de

pessoas nativas. O desafio de ser mulher, imigrante, estar em condições laborais precárias e enfrentar a pobreza se agrava com a crise sanitária mundial, onde a saúde mental é frontalmente atingida pelo contexto de redução de vínculos sociais, gerando aumento em casos de depressão e ansiedade (Angulo-Giraldo, Guanipa-Ramírez & Albites-Sanabria, 2021; Nascimento, 2021).

Por fim, cita-se os estudos sobre a prostituição e situações de exploração sexual. Com o aumento do fluxo da migração venezuelana para o Brasil, o número de casos de exploração sexual de mulheres venezuelanas aumentou significativamente, sendo esse fenômeno inclusive denunciado na grande mídia e investigado pela Polícia Federal no Brasil. A prostituição de mulheres venezuelanas foi tão expressiva em regiões fronteiriças que a população local as nomeou de "as ochenta", fazendo referência ao preço cobrado pelas imigrantes (Santos, 2018).

A pandemia de Covid-19

Muitas das chagas sociais enfrentadas na atualidade foram aprofundadas e complexificadas com o surgimento da pandemia de Covid-19. Angulo-Giraldo, Guanipa-Ramírez e Albites-Sanabria (2021) apresentaram um estudo que identifica o impacto emocional e o cumprimento das recomendações sanitárias frente à Covid-19 gerado pelos meios de informação. O estudo foi realizado com imigrantes venezuelanas residentes em Lima, capital do Peru, segundo país que mais recebeu imigrantes venezuelanos no último período. O estudo foi baseado em um formulário digital respondido por 385 mulheres entre março e abril de 2020.

No Peru, a situação dos venezuelanos é bastante frágil, uma vez que 11% padecem de algum problema crônico de saúde, 77,9% não têm acesso a qualquer tipo de tratamento e 88,5% não têm registro laboral formal. Foi constatado que as mídias tradicionais (televisão, rádio e jornal), redes sociais (whatsapp, facebook e Twitter) e os pronunciamentos oficiais do governo geram um efeito predominantemente inquietante nas imigrantes venezuelanas. O governo peruano não transmitiu tranquilidade para as imigrantes, que não foram contempladas pelos programas governamentais de auxílio e redução do impacto da pandemia. Problemas como a informalidade laboral e o pagamento de aluguéis também não foram solucionados, acarretando consequências psíquicas como sentimentos de preocupação, medo, terror e efeitos relacionados ao estresse (Angulo-Giraldo, Guanipa-Ramírez & Albites-Sanabria, 2021).

Durante a pandemia, o número de deportações e fechamentos de fronteiras no Brasil se intensificou, sob a justificativa de conter os casos de contágio pela Covid-19 (Prazeres, 2020). Vale ressaltar que a culpabilização dos venezuelanos em relação à disseminação de Covid-19 não foi uma situação inédita: Quinelato (2020) denuncia em sua pesquisa que, no contexto de uma onda de contaminação por sarampo no Brasil em 2017, situação causada por falhas na cobertura vacinal do país, os imigrantes venezuelanos também foram responsabilizados.

Assim, os principais fatores de risco à saúde mental de imigrantes venezuelanos circulam entre aspectos do próprio caráter forçado ou involuntário da migração. As dificuldades em relação ao idioma, ao acesso a direitos básicos de sobrevivência, a pobreza, o desemprego e a precarização laboral; bem como a exclusão e marginalização, fruto de preconceitos como a xenofobia, aporofobia, racismo e violência de gênero, são fatores aprofundados após a pandemia de Covid-19. Cada item pontuado abre janelas de inúmeras outras discussões e potenciais aprofundamentos a serem investigados.

Sintomas de sofrimento psíquico

Dentre os estudos levantados, foi possível observar sintomas de sofrimento psíquico descritos por meio de diferentes categorias, mas apontando para o aumento de quadros ansiosos e depressivos no processo migratório venezuelano. O estudo que buscou identificar os efeitos da migração na saúde mental de venezuelanos ao chegar no Equador e Peru demonstrou que o predomínio de depressão e ansiedade nos imigrantes venezuelanos são superiores à média da população global geral (respectivamente, 23% e 19%, comparado a média geral de 4,4% e 3,8 a 4%). A média entre os venezuelanos é, contudo, inferior à de outras populações que passaram por deslocamentos forçados, como os sírios, que apresentaram ocorrência de depressão em uma média estimada de 45% dos casos (Carroll et al., 2020). Cabe considerar que a pesquisa com imigrantes venezuelanos foi realizada durante o percurso migratório, e facetas do sofrimento psíquico continuam a se complexificar em um momento pós migratório.

Em seu estudo qualitativo e exploratório, Waldman e Téllez (2021) entrevistaram imigrantes venezuelanos residentes no México, com intuito de descobrir quais principais experiências emocionais ocorriam no processo migratório a fim de embasar políticas públicas para a saúde mental dos imigrantes. Como resultado, obtiveram o cenário de imigrantes que vivenciaram principalmente estresse vinculado ao desconhecimento do idioma e/ou da cultura, a fragilização ou rompimento de laços sociais, a violência, com baixa resiliência e empobrecimento. Pensamentos suicidas estavam vinculados à falta de perspectiva, quadros psicóticos, isolamento e desespero - sendo este último mais frequente em situações de ausência de intérpretes ou pessoas capacitadas a cumprir um papel de defesa e mediação junto ao imigrante.

A pesquisa também aponta como experiências emocionais as *incertezas*, que têm relação com a recepção no local de destino, o medo de voltar a passar pelas situações que levaram à migração e a instabilidade econômica, que abarca os altos preços de moradia e dificuldade em conseguir empregos. A *preocupação*, outra experiência emocional, é formada por elementos como baixo apoio governamental, fome, desemprego, separações, prisões,

violência sexual e de gênero, exploração etc. *Impotência*, tanto frente a perdas de pessoas queridas e situações legais no destino, quanto ao abandono do país de origem. A *ansiedade* é vivenciada diante de novas experiências físicas vividas no trajeto (longas caminhadas, cruzar desertos etc.), transtornos de adaptação, matrimônios precoces, discriminação e inseguranças; *Solidão*, que se presentifica em casos de desintegração familiar, violência e discriminação e a *baixa autoestima*, relacionada a discriminação, à insegurança em relação a religião, moradia, e ao medo de sair (Waldman e Téllez, 2021).

Já pesquisa realizada com mulheres imigrantes no estado de Santa Catarina, Brasil, encontrou a predominância para sintomas depressivos, expressos pela falta de esperança, tristeza, falta de vontade de alimentar-se e perda de peso, bem como a imposição de obstáculos para a elaboração de perdas. Os sintomas pós-traumáticos foram nomeados por meio de episódios de dissociação, o não reconhecimento de si, picos de agressividade e o receio de que eventos traumáticos ocorridos no país de origem pudessem voltar a acontecer no país de destino. Por fim, os sintomas ansiosos demonstravam-se pela falta de sono, somatizações atreladas ao estresse e pela nomeação da angústia, e a impossibilidade de projetar-se no futuro. (Nascimento, 2021).

Por fim, citamos o caso de um venezuelano que, ao ver prolongar-se o tempo de sua estadia no Brasil, relatou se “sentir intruso em sua própria família”, que havia ficado na Venezuela. Seu relato, segundo o autor, traz uma espécie de culpa, como se deslocar-se pudesse ter sido uma falha *sua*. Este é também um sintoma de sofrimento psíquico, em que o luto do sujeito se encontra no estado da falta, da ausência, não conseguindo estar nem *lá*, nem *aqui* (Capdeville, 2021).

Fatores de proteção e estratégias para promoção de saúde mental de imigrantes venezuelanos

Dentre os fatores de proteção que se apresentaram nos estudos analisados, destaca-se a integração com a comunidade e os vínculos de solidariedade da sociedade civil com os imigrantes. Por meio de atividades voluntárias, doações, mutirões e demais ações coletivas, grupos de congregações religiosas, projetos sociais e universitários amenizam muitas das demandas dos imigrantes por socialização, vestimenta, alimentação e inclusive documentação (Mota, 2019; Zambrano, 2021; Bento, 2021; Cruz, 2020).

Outro fator de proteção à saúde mental dos imigrantes é a possibilidade de projeção, elaboração de projetos e perspectivas para o futuro. A conservação de costumes da cultura da Venezuela, como aspectos da culinária, da espiritualidade e tradições religiosas, bem como o idioma de origem também atua de forma protetiva no contexto do exílio (Nascimento, 2021). Em uma conjuntura muitas vezes hostil como a da migração involuntária, promover espaços

que permitam ressaltar a contribuição dos imigrantes venezuelanos para a sociedade brasileira, que é acrescida de novos elementos culturais, intelectuais, econômicos, de vocabulário e de gastronomia, é também promover saúde mental para os imigrantes (Bezerra, 2020; Cruz, 2020).

A criação de pontes que aumentem as possibilidades de trocas culturais, contato e entendimento entre os serviços públicos de cuidado e os imigrantes é um fator protetivo para os venezuelanos. É importante fomentar o descentramento da língua portuguesa, buscando espaço para efetivação dos direitos linguísticos dos imigrantes. O incentivo à contratação de pessoas que falam espanhol e a língua venezuelana de sinais, dos mesmos imigrantes para o atendimento a outros imigrantes, bem como tradutores e intérpretes oficiais em locais chave da rede de atenção aos imigrantes pode facilitar esse movimento (Zambrano, 2021)

Podemos pontuar a importância de instituições públicas para cuidado especializado à mulher como fator importante de proteção às imigrantes. Exemplo disso são a Defensoria Especializada de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher, ou a Casa da Mulher Brasileira, instituição criada no governo Dilma para atendimento integral à mulher e que, apesar de seu nome fazer referência apenas às brasileiras, atende em Roraima também mulheres imigrantes. A efetivação desses equipamentos em mais municípios e a capacitação dos profissionais desses estabelecimentos para o atendimento às mulheres imigrantes é importante para promover atendimentos de qualidade (Nóbrega, 2021).

A centralidade de instituições de cunho religioso (Bento, 2021) em projetos como PANA da Cáritas, na interiorização para outras regiões do Brasil e assistência social, bem como de arquidioceses, pastorais e igrejas evangélicas, mostra uma lacuna de atuação e protagonismo do Estado Brasileiro. Cada vez mais, as políticas de acolhimento aos imigrantes e refugiados devem ser políticas públicas estabilizadas e articuladas entre governos federal, estaduais e municipais, e não apenas ações pontuais de governo. Portanto, políticas construídas de forma participativa com os sujeitos venezuelanos, a partir também de seus desejos e necessidades concretas, são formas protetivas de desenvolver intervenções que promovam autonomia e articulação de recursos sociais para elaboração psíquica e integração dos imigrantes. (Teixeira, 2019; Capdeville, 2021; Muniz, 2020; Cruz, 2020).

A partir da avaliação da literatura encontrada, é possível afirmar que a migração involuntária tem um importante impacto psicológico em muitos imigrantes venezuelanos ao redor do mundo. Esse impacto é aprofundado pela falta de estrutura no acolhimento dos imigrantes no país de destino, seja pela falta de garantia de direitos básicos, por práticas excludentes como a xenofobia, o racismo, a aporofobia, e a discriminação contra as mulheres, seja pela situação de vulnerabilidade ocasionada pelo desemprego e precarização laboral. No

contexto da pandemia global de Covid-19, esses elementos aparecem de forma ainda mais acentuada.

Contudo, práticas saudáveis de acolhimento podem atuar como fatores de proteção para os imigrantes venezuelanos. A manutenção da cultura por meio de costumes e práticas religiosas, bem como a integração com a comunidade brasileira a partir de manifestações de solidariedade demonstraram-se protetivas. É importante ressaltar o papel do país de acolhida na produção de políticas públicas de promoção de saúde mental e serviços especializados para os imigrantes, bem como a formação dos profissionais nos serviços gerais de saúde, educação, assistência social, entre outros. Encontra-se nesse âmbito também a produção científica nacional sobre os impactos psicológicos da migração em imigrantes venezuelanos residentes no Brasil para fundamentação de práticas coerentes em saúde mental com as demandas dessa população.

Como citado anteriormente, o Estado tem uma responsabilidade que não deve ser substituída, mas fortalecida e complementada pela sociedade civil, agrupamentos sociais e religiosos. Esses grupos criam redes de relações e vínculos importantes para a saúde mental e amparo dos venezuelanos, especialmente quando abrem espaços receptivos para o outro, que se fortalece ao poder vivenciar livremente sua cultura no país de acolhida.

4. MÉTODO

4.1 Delineamento de pesquisa

O presente estudo se configurou como pesquisa de delineamento qualitativo com caráter exploratório e descritivo. A abordagem qualitativa estuda as representações e significados que um indivíduo (ou grupo) confere a um fenômeno, considerando as produções de sentido que são atribuídos e o modo com que as pessoas vivenciam uma dada situação (Turato, 2005). Ou seja, buscamos compreender os impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina por meio do relato de suas vivências, da escuta de suas singularidades e subjetividades. A compreensão desse testemunho como material de estudo é legitimada pela abordagem teórica da Etnopsiquiatria e pela escolha do método qualitativo de pesquisa.

Para atender aos objetivos propostos, a pesquisa se caracterizou como exploratória e descritiva. Exploratória devido à escassez de estudos publicados no Brasil referente ao tema dos impactos psicológicos da migração em imigrantes venezuelanos e a necessidade de promover-se maior familiaridade com o problema (Gil, 2010). A escassez de pesquisas sobre impactos psicológicos da migração venezuelana é compreensível devido à atualidade do

fenômeno, que está ainda em curso. A pesquisa é descritiva, pois buscou a caracterização de um fenômeno e população, possibilitando o estudo acerca de questões como: opiniões, atitudes e crenças de um grupo, nível de atendimento dos órgãos públicos em um dado contexto, além de associações entre variáveis (Gil, 2010). Aqui, o caráter descritivo se fez presente quando buscamos descrever o fenômeno do impacto psicológico decorrente do processo de migração e suas variáveis e determinantes.

No que concerne à temporalidade, tratou-se de um estudo transversal, haja visto que a coleta de dados ocorreu em um momento específico, breve e fixo da vida dos participantes (Creswell, 2013) por meio de entrevista.

4.2 Participantes

Os participantes da pesquisa foram 12 imigrantes venezuelanos residentes no estado de Santa Catarina. A amostra foi definida de acordo com a possibilidade de os dados colhidos nas entrevistas responderem aos objetivos da pesquisa, ou seja, o número de participantes se definiu por saturação teórica, na medida da análise feita ao decorrer das entrevistas (Fontanella, Ricas & Turato, 2008). Como critérios de inclusão, puderam participar da pesquisa venezuelanos residentes em Santa Catarina que tenham saído da Venezuela a partir de 2014 e que tivessem mais de 18 anos, pois considera-se que a pesquisa com o público infanto-juvenil necessita de um aprofundamento específico que não foi o foco deste trabalho.

Não foram entrevistadas pessoas que tenham saído da Venezuela há menos de seis meses, caracterizando o processo migratório com essa temporalidade como critério de exclusão, bem como migrações que tenham ocorrido em um momento pré-crise, ou seja, antes do ano de 2014. O idioma não se configurou um impeditivo, posto que a pesquisadora tem proficiência em espanhol e, por esse motivo, as entrevistas também puderam ser feitas na língua materna dos sujeitos.

O alcance aos participantes se deu por meio da técnica bola-de-neve (*snowball*), um tipo de amostragem não probabilística que se vale de cadeias de referência (Vinuto, 2016). Como forma de acesso a potenciais participantes, a autora contou com a indicação de profissionais da rede de atendimento à imigrantes, a saber, da Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina, que vem atendendo um contingente grande de venezuelanos em seus programas e indicou os participantes da região da Grande Florianópolis, e da AVSI – Brasil, que fez a ponte entre a pesquisadora e os participantes de municípios de outras regiões.

Para melhor contextualizar a amostra da pesquisa, traremos um pequeno histórico de cada sujeito que participou das entrevistas. Para manutenção do sigilo, cada participante foi nomeado

nesse trabalho como “P”, seguido do número da ordem cronológica em que ocorreram as entrevistas:

Breve descrição dos participantes

P1 é homem, de 26 anos, nascido em Barcelona, estado Anzoátegui. Se autodeclara branco. É formado em um curso técnico superior em processos químicos na Venezuela, e é católico. Morava em El Tigre, cidade industrial, e emigrou em 03/03 de 2020, sozinho. Hoje mora na periferia de Florianópolis, com sua esposa, a participante P2, que conheceu quando morava na rua em Boa Vista, e seus dois filhos adotivos. Atualmente está desempregado. Tem estatura média, pele morena e cabelos castanhos. A entrevista com ele durou 52:16, ele optou por fazer em sua residência. Falava de forma tranquila e fluida, emocionou-se bastante ao falar de seu irmão que faleceu antes de que ele pudesse fazer um transplante de órgãos, e ao narrar o momento de cruzar a fronteira e ver a bandeira da Venezuela ficando para trás. A entrevista foi feita em português.

P2 é mulher, tem 24 anos, nascida no estado Monagas. Na Venezuela, trabalhava como recreacionista de festas infantis e não concluiu o Ensino Médio. É cristã. Se auto identificou como “amarela”. A entrevista aconteceu em espanhol, em sua residência (a mesma de P1) e durou 45:30 min. Fala em volume baixo, de forma tímida e embargada. Aos dois minutos de entrevista começa a chorar intensamente ao contar sobre sua história de vida, ao dizer que não tinha família, pois foi abandonada aos 8 meses pelos pais. Relata ter passado por uma infância permeada de violências. Ainda adolescente vai morar na rua, de onde é retirada por um homem que a leva para sua casa. Tem sua primeira filha aos 17 anos com esse homem, que também a maltratava. Vem para o Brasil sozinha em 17/04/2018, de ônibus. No Brasil, morou na rua, até ser abrigada em uma “casa de mulheres”. Depois de um ano trabalhando como ambulante, voltou para a Venezuela para buscar sua filha de 3 anos, que estava com a avó paterna. Em Boa Vista teve seu segundo filho com um homem que a ajudou. Quando o menino nasce, este homem diz que é homossexual e casado, que apenas queria a criança, a qual ele leva contra a vontade da mãe. Após denunciar na polícia, consegue a guarda do filho. O choro está presente durante toda a entrevista. Atualmente mora com P1 e seus dois filhos na periferia de Florianópolis, e trabalha como faxineira. Diz que seu propósito no Brasil é deixar toda a sua história na Venezuela para trás.

P3 é mulher, tem 52 anos, nasceu em Upata, no estado Bolívar. Se auto identifica como “morena clara”. É uma mulher grande, de cabelos negros. Tem o ensino médio completo, era cabeleireira na Venezuela, profissão que ela diz amar e sentir falta. Saiu da Venezuela no dia 18 de dezembro de 2019, chegando dois dias depois no Brasil. A conheci em uma entrega de cesta

básica da Cáritas, e nesse mesmo dia, chorou muito ao contar de sua irmã que havia falecido recentemente na Venezuela. A entrevista aconteceu dias depois no quintal de sua residência, uma espécie de cortiço com quem mora com a mãe e o marido, que é compartilhado com outros vizinhos, em Florianópolis. Durante a entrevista um jovem fez uso de drogas ilícitas no mesmo pátio, o que foi tema também de seus relatos. A entrevista durou 49:01 min, feita totalmente em espanhol, e o tema do português foi trazido como uma imposição traumática em sua experiência. Falou bastante sobre dores no corpo, e chorou em diversos momentos da entrevista. Sua mãe, uma senhora idosa e muito bem-humorada, participou de boa parte da entrevista. Trouxe uma “Chicha” de arroz- bebida doce que pode ser feita à base de arroz, milho ou macarrão - que fez para que eu “provasse um pouco do gosto da Venezuela”.

P4 é mulher, tem 35 anos, nasceu em Maturín, estado Monagas. Se auto identifica como parda. Tem estatura média, pele escura e olhos vivos. Mãe de 3 filhos em idade escolar. A entrevista com ela durou 01:49:10 e aconteceu em espanhol, em sua casa, em um bairro da periferia em Florianópolis. É enfática e muito comunicativa, cada pergunta rendia inúmeras conexões e histórias. Fala bastante da relação com as mulheres de sua família, e com seu esposo, que está na casa. A questão do estudo, da relação com o aprendizado, foi um tema central em seu discurso, bem como os sacrifícios feitos pelas mulheres quando são mães. Migrou em 22/12/2018 sozinha com os filhos, para encontrar o marido, que estava há um ano no Brasil. Viveu por 2 anos em Boa Vista, e pôde voltar para a Venezuela e visitar sua família antes de interiorizar-se para Florianópolis, pois seu marido foi chamado para trabalhar na reforma da ponte Hercílio Luz. Atualmente está desempregada.

P5 é mulher, tem 20 anos, e nasceu em Barinas, Venezuela. Tem dupla nacionalidade: venezuelana e colombiana. Se auto identifica como da cor branca. Se confunde algumas vezes, não sabendo precisar datas e alguns fatos sobre sua história. Tem o ensino fundamental completo, 3 irmãs e dois irmãos e trabalhou desde os 12 anos com agricultura, em uma pequena terra que sua mãe vendeu para custear a vinda para o Brasil. É de religião adventista. A entrevista durou 1:22:11 e foi realizada em uma praça na frente da casa da participante, mesclando-se português e espanhol. P5 ria com facilidade ao longo da entrevista. O vento e o barulho de caixas de som interromperam a entrevista algumas vezes. Ao final, parecia bastante cansada, com vontade de concluir. Conta com orgulho que seu falecido pai biológico, colombiano, foi policial e guarda-costas do presidente Caldeira. Aos 3 anos, a participante se mudou com a família para Bogotá, e regressou à Venezuela quando tinha de “13 a 15 anos”. Não lembra o dia ou o mês que saiu da Venezuela em 2018, contra sua vontade, com a mãe e os irmãos. Engravidou no Brasil aos 18 anos, de um moço venezuelano que conheceu em São

José, Santa Catarina. Mora atualmente em um bairro de periferia na Palhoça com seu filho de 10 meses e seu companheiro de 28, está desempregada.

P6 é mulher, tem 27 anos, e nasceu na Ciudad Bolívar. Se autodeclara branca. O encontro aconteceu em sua casa, na Palhoça. P6 apresentou respostas breves: a entrevista durou ao todo 46:07, em espanhol. A participante nasceu, concluiu o ensino médio e passou sua vida inteira na mesma cidade, onde trabalhava como caixa de banco. Há 5 anos atrás, quando seu primeiro filho nasce, ela e o marido enfrentam dificuldades em dar conta dos gastos com fraldas, lenços e alimentação. Quando nasceu sua segunda filha, a situação se agrava. Pensava em ir para a Colômbia, pois tinha parentes lá, mas como disseram que a vida lá estava ainda mais difícil, decidiram vir para o Brasil. Chegaram em 15/10/2019. Seus dois filhos, um menino de 5 anos e uma menina de dois, estavam junto no momento da entrevista. Conta algumas dificuldades de ser mãe de um menino com deficiência. Atualmente está desempregada.

P7 é mulher, tem 21 anos, nasceu em Sucre. Se auto identifica racialmente como “morena”, tem estatura baixa. Afirma que sua religião é “Cristo”. Tem o ensino médio completo, iria começar o primeiro ano de graduação no ano em que sua família decide emigrar, o que aconteceu em 19/01/2021. A entrevista, em espanhol, ocorreu em sua casa na cidade de Navegantes, e durou 2:00:21. O que inicialmente seria uma entrevista apenas com ela, se transformou em uma entrevista coletiva, na medida em que P8 e P9, um casal que vive na mesma casa, se integram na resposta das perguntas. É tímida, fala baixo, chora muito ao falar sobre seu avô, que ficou na Venezuela e de quem não se despediu. Durante o trajeto, para facilitar o processo de pedir caronas, precisa fazer um trecho apartada de sua mãe e irmãs, que estão hoje no norte do Brasil. Na fronteira, em um abrigo, reencontra-se com P10, um antigo namorado seu, com quem vive hoje. Está atualmente desempregada.

P8 é mulher, tem 29 anos, nascida em San Felix. Se auto identifica como “morena”, e não possui religião. Tem Ensino médio completo, cursava universidade na Venezuela, que não conseguiu concluir, e trabalhava como vendedora. A entrevista foi feita conjuntamente com P7, sua cunhada, e P8, seu esposo, em sua casa, em Navegantes, integralmente em espanhol. P8 é uma mulher alta, extrovertida, fala bastante. Assume o protagonismo nas respostas, muitas vezes tive que direcionar as perguntas especificamente aos outros participantes para que todos falassem. A entrevista durou pouco mais de duas horas. P8 saiu da Venezuela em 13/07/2021, e chora bastante ao falar da decisão de migrar e das despedidas, mas afirma que seu pai, que ficou na Venezuela, não derramou nenhuma lágrima. Mãe de três filhos, de 8,7 e 2 anos, narra com riqueza de detalhes o deslocamento e os desafios enfrentados nos abrigos em Boa Vista e

em Juiz de Fora, em Minas Gerais, antes de chegar em Navegantes. Atualmente está desempregada.

P9 é homem, tem 25 anos e nasceu em Ciudad Guayana, na região de Puerto Ordaz. Se define racialmente como pardo, e não tem nenhuma religião. Tem o Ensino Médio completo, e trabalhava na Venezuela como comerciante, e fazendo bicos de vendas por comissões. Nessa entrevista coletiva, foi o último a chegar. Estava dormindo, descansando do trabalho, e quando ouviu as vozes no primeiro andar, desceu, e ficou observando da escada. Depois foi integrando-se e respondendo as perguntas, tanto durante essa entrevista, quanto depois, durante a entrevista com P10, sempre em espanhol. Casado com P8 e pai de 3 filhos, saiu da Venezuela no dia 13/07/2021, com sua esposa, filhos e alguns outros parentes. O participante é alto, expansivo, e muito bem-humorado. Fala da dificuldade de morar na rua no Brasil e do insólito encontro com P10, em um abrigo: ao se sentarem na mesma mesa para uma refeição, começam a conversar, e juntando alguns fatos, descobrem ser irmãos, filhos de um mesmo pai com mães diferentes. “Meu pai era um safado!” disse algumas vezes, rindo. Depois de seu recém-descoberto irmão ser interiorizado para Santa Catarina, decidiu vir morar com ele, juntando as duas famílias. P9 fez questão de fritar pastéis à moda venezuelana e servir "ponche crema", uma bebida típica, para todos. Atualmente trabalha como descarregador de caminhões.

P10 é homem, tem 25 anos e nasceu em Cumaná, mas cresceu em Valencia. Racialmente, se autodeclara “moreno”. Viveu com seu avô, de quem herdou o nome e que o levou para morar com ele por ser o primeiro neto. A entrevista, que durou 52:32, aconteceu na casa do participante, em Navegantes, após a entrevista com seu irmão (P9), cunhada (P8) e esposa (P7), integralmente em espanhol. Conta que morava atrás de um campo de baseball, e torcia para um time chamado Navegantes, na Venezuela. O participante é bastante magro, tinha uma fala rápida, parecia um pouco desconcentrado. Conta que terminou o ensino médio, e trabalhava na Venezuela como policial, profissão que ocupou um lugar central na vida do participante. Decidiu migrar pois percebeu que não conseguia ajudar sua família economicamente. Diz que saiu para trabalhar no dia 19/04/2021 e só avisou sua mãe que migraria quando já estava no Brasil. Fez todo o percurso fardado. Na fronteira, teve de entregar sua farda para entrar no Brasil, e diz que foi como perder um pedaço de si. Seu irmão brinca, dizendo que é um traidor da pátria: P10 não ri. Perdeu muito peso depois de chegar ao Brasil, a ponto de ficar irreconhecível. Sua companheira diz que foi de tanto chorar. Atualmente, P10 trabalha como pintor em uma loja de reformas.

P11 é homem, tem 35 anos, nasceu em Ciudad Guayana e se identifica racialmente como preto. Tem ensino médio completo e trabalhava como Barman antes de imigrar. É de religião evangélica, casado, com 3 filhas. A entrevista se deu em sua residência, em Blumenau, durou 56:34 e foi realizada inteiramente em espanhol. P11 foi muito receptivo e tranquilo. Relatou que saiu de seu país no dia 21/03/2020 e fez o trajeto com um irmão, a fim de preparar as condições para trazer esposa e filhas. No Brasil, passou por muitas dificuldades, ficando em situação de rua, trabalhando como coletor de material reciclável, até juntar o dinheiro para trazer mulher e filhas. Três meses depois, refez o caminho das “trochas” junto com a família, sendo o único participante que fez o trajeto 3 vezes. Explicitou orgulho de sua trajetória durante a entrevista. Trabalha atualmente como operador de máquinas em uma fábrica da indústria têxtil de Blumenau.

P12 é mulher, tem 44 anos, e nasceu em Cabimas. Se declara racialmente como branca, e religiosamente afirma que tem “fé em Deus”. Tem ensino médio completo e trabalhava na Venezuela como costureira, construtora de casas na “Gran Misión Vivienda”, e também militava em um partido político. A entrevista se deu no pátio da pousada onde estava temporariamente alocada com seu marido e filho até encontrar uma residência. A entrevista, realizada em espanhol, durou 01:38:39. É expressiva e bem-humorada, contando com bastante emoção as dificuldades do percurso iniciado no dia que saiu da Venezuela, 02/11/2020, as “injustiças” que viu no Brasil e os problemas conjugais acontecidos durante o processo. Chora profundamente ao falar da relação com seu filho adolescente que ficou na Venezuela. Atualmente trabalha como costureira em uma fábrica da indústria têxtil de Blumenau.

4.3 Instrumentos e procedimentos

A presente pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva “Dimensões Psicossociais do Acolhimento de Imigrantes e Refugiados em Santa Catarina”, projeto de pesquisa vinculado ao NEMPsiC e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), pelo parecer nº 4.308.430/2021. Todos os procedimentos cumpriram com as determinações das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, conforme a Resolução do Conselho Nacional de Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e prevê os princípios éticos nas pesquisas desse tipo (Conselho Nacional de Saúde, 2016).

Para a realização da coleta de dados e alcance dos objetivos desta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos metodológicos: 1) questionário sociodemográfico; 2) entrevista semiestruturada; 3) mapas da América Latina. As entrevistas individuais

semiestruturadas foram gravadas em áudio (com consentimento dos participantes) e posteriormente transcritas, a fim de manter fidedignidade à narrativa do participante. No decorrer da entrevista, foram colocadas as questões previstas no roteiro, sendo mediadas pelo uso de mapas em que se desenhava o percurso de deslocamento dos imigrantes. Ao final da entrevista, foram aplicados os questionários sociodemográficos com o intuito de caracterização da amostra.

A pesquisadora entrou contato com os grupos que atendem imigrantes supracitados, que indicaram pessoas para participação. Os sujeitos foram contatados pela pesquisadora durante atividades promovidas pelas organizações nos territórios em que moravam. A pesquisadora apresentou o tema da pesquisa e, quando houve interesse de participação, agendou uma data posterior para realização da entrevista. Levando-se em conta o objetivo de fomentar condições de conforto e segurança para o participante, as entrevistas ocorreram em locais indicados por eles. A escolha unânime foi pelo local de residência de cada imigrante. No dia da entrevista, os participantes foram convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em espanhol (ANEXO B) e português (ANEXO A), a ser impresso em duas vias, uma destinada a pesquisadora e outra ao entrevistado.

É importante pontuar que a pesquisa intercultural possui especificidades próprias. Devereux (2018/1967) em sua obra “Da angústia ao método nas ciências do comportamento”, nos convoca a refletir sobre a posição de angústia de que parte o pesquisador em compreender o mundo que o cerca. Suas angústias, inibições, estratégias de defesa, de pesquisa e seu narcisismo das pequenas diferenças estão presentes ao decorrer de toda a pesquisa. Tanto a experiência de angústia como de “sedução” em relação ao objeto de pesquisa não foge à implicação de sua dinâmica contra transferencial. Porém, isso não significa, de modo algum, que melhor “observador” seria uma máquina: o pesquisador é justamente o único capaz de refletir sobre esse processo, devendo explorá-lo abertamente ao longo de toda a pesquisa. Assim, ao debruçarmo-nos sobre o fenômeno intercultural, é necessário partir-se de um paradigma ético que deve caminhar junto com a capacidade de descentramento cultural, uma vez que diferentes culturas podem relacionar-se de formas distintas com um mesmo material psíquico.

Esse cuidado especial de busca pelo descentramento cultural no momento do encontro intercultural levou o trabalho de pesquisa em direção a um esforço metodológico para propiciar mais pontes com o participante. Assim, fez-se pertinente pensar o momento de explicação do TCLE e da entrevista para além de seu caráter burocrático e naturalizado. Na presente pesquisa, buscou-se trabalhar o descentramento linguístico-cultural (Devereux,1973) ao dar-se a

liberdade de escolha do uso do idioma materno durante as entrevistas, bem como a utilização de TCLEs e comunicação escrita com o participante em espanhol.

Levando-se em conta o contexto de pandemia, as entrevistas foram feitas seguindo as recomendações “*Como se proteger*” do Ministério da Saúde (2020) em relação à prevenção à Covid-19. Estas recomendações incluíam a frequente higienização das mãos com álcool em gel 70%, manutenção de distância mínima de 1 (um) metro entre pessoas em lugares públicos e de convívio social, a utilização de máscaras em todos os ambientes e o não compartilhamento de objetos de uso pessoal como talheres, toalhas, pratos e copos. Esses cuidados foram tomados pela pesquisadora, que orientou os participantes a seguirem os mesmos passos.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio do método de análise de conteúdo, a partir da técnica proposta por Bardin (2011). Esta consiste na realização de leitura exaustiva do material obtido por meio das entrevistas e efetivação de agrupamento em categorias temáticas de análise, através das etapas que se organizam cronologicamente por uma pré-análise, seguida da exploração do material e, por fim, do tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A interpretação dos dados aconteceu com base no referencial teórico que fundamenta a construção desta pesquisa, a etnopsiquiatria.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos os principais resultados formulados a partir das entrevistas, bem como as discussões que emergiram do enlace entre teoria e narrativas dos imigrantes venezuelanos. Serão utilizados recortes ilustrativos das falas dos participantes, conforme o idioma utilizado pelos mesmos no momento da entrevista (português, espanhol e, em alguns casos, a mistura de ambos). A escrita se norteará pelas 4 categorias elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa, sendo elas: 1. Caracterização do processo migratório Venezuelano; 2. Sofrimento psíquico; 3. Fatores de Risco; 4. Fatores de proteção. Na tabela, a seguir, apresenta-se as categorias com suas respectivas subdivisões classificadas em subcategorias e unidades temáticas elaboradas a partir da análise realizada:

1. Caracterização do processo migratório Venezuelano	1.1 Situação pré migratória	1.1.1 Relação com região de origem 1.1.2 "Quando as coisas começaram a ficar difíceis" 1.1.3 Decisão de sair
	1.2 Percurso migratório	1.2.1. Preparação da partida 1.2.2 “Cola, gandola, trocha, alcabala”: As condições de percurso
	1.3 Chegada no Brasil e interiorização	1.3.1 Vivências na fronteira: encontro de territórios e culturas 1.3.2 Vinda para Santa Catarina
	1.4 Significado de migrar	1.4.1 Necessidade e obrigação 1.4.2 Sacrifício 1.4.3 Busca de qualidade de vida
2. Sofrimento psíquico	2.1 Sintomas ansiosos	2.1.1 Alteração no sono 2.1.2 Preocupação excessiva
	2.2 Sintomas depressivos	2.2.1 Tristeza 2.2.2 Perda ou ganho excessivo de peso 2.2.3 Lutos
	2.3 Sintomas pós-traumáticos	2.3.1 Medo do retorno de uma situação traumática 2.3.2 Culpa
	2.4 Sintomas psicossomáticos	2.4.1 Dores no corpo 2.4.2 Digestão
3. Fatores de risco	3.1 Xenofobia, Racismo e Aporofobia	3.1.1 Preconceito linguístico 3.1.2 Marginalização
	3.2 Condições laborais precárias	3.2.1 Trabalhar fora da área de formação 3.2.2 Superexploração 3.2.3 Desemprego
	3.3 Falta de acesso à direitos	3.3.1 De saúde 3.3.2 De educação 3.3.3 De moradia 3.3.4 Lazer e direito à cidade 3.3.5 De segurança

4. Fatores de proteção	4.1 Conservação de vínculos afetivos com a Venezuela	4.1.1 Comunicação com quem ficou 4.1.2 Do que sente saudades 4.1.3 Possibilidade de retorno 4.1.4 Manutenção de costumes e tradições
	4.2 Integração Socioeconômica	4.2.1 Vínculos com rede de proteção institucional 4.2.2 Programas de interiorização
	4.3 Criação de vínculos no Brasil	4.3.1 Vínculos familiares ou de apoio mútuo 4.3.2 Vínculos com a cultura 4.3.3 Planos para o futuro

Figura 2: Categorização dos dados

CATEGORIA 1: CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO MIGRATÓRIO VENEZUELANO

Essa categoria configura-se pela contextualização do fenômeno migratório advindo da Venezuela, a partir da narrativa das experiências dos entrevistados. A caracterização do processo migratório Venezuelano será apresentada por meio das subcategorias *1.1 Situação pré-migratória*, onde veremos a relação dos participantes com seu país de origem, a crise e seus desdobramentos na história dos venezuelanos, bem como o contexto da decisão de saída da Venezuela.

Em sequência, analisaremos algumas características do *1.2 Percurso migratório*, como a preparação da partida, as (im)possibilidades de despedida e o percurso realizado até a fronteira com o Brasil. Após, trabalharemos a *1.3 Chegada no Brasil e interiorização*, onde se discute as primeiras impressões e choques culturais, a vivência na fronteira e a interiorização para Santa Catarina. Por fim, com a categoria *1.4 Significado de migrar*, buscaremos refletir sobre os significados atribuídos pelos imigrantes a seu próprio processo migratório e elaborações decorrentes da experiência vivida.



Figura 3: Percursos dos participantes. Fonte: Programa My Maps, Google.

1.1 Situação pré migratória

Cada processo migratório é composto por diferentes etapas. Desafios de diferentes ordens se impõe aos imigrantes, desde os fatores de impossibilidade de permanência no país de origem, passando pelo percurso de travessias até o estabelecimento no país de destino, desdobrando-se em momentos psíquicos singulares (Trad, 2003). Nesse capítulo, iniciaremos com uma contextualização sobre o local de origem dos participantes e sua *1.1.1 Relação com a região de origem* em um momento anterior à crise. Sua situação pré-migratória se caracterizará por meio da análise das categorias que abordam o cenário de *1.1.2 Quando as coisas começaram a ficar difíceis*, e por fim, a *1.1.3 Decisão de sair* da Venezuela.

Como exposto na descrição dos participantes anteriormente, podemos notar que há pluralidade nas regiões de origem dos participantes da pesquisa. As pessoas vinham de cidades

do Estado Bolívar, Zulia, Sucre, Barinas, Anzoátegui e Monagas. Localizada na costa norte da América do Sul, a Venezuela é um país rico em diversidade. É ao mesmo tempo um país caribenho, atlântico, andino, amazônico e de planícies, e é dividido em 23 estados e uma capital distrital. Elementos sobre especificidades culturais de diferentes regiões do país foram percebidos nos relatos sobre a relação das pessoas entrevistadas com sua terra natal, com ênfase nas características de solidariedade dos venezuelanos e na diferença entre campo e cidade na relação com a terra, como podemos observar nas seguintes falas que expressam a *1.1.1 Relação com região de origem*:

De verdad, mi estado, porque obviamente nació allí, me gusta más que otros estados de Venezuela por supuesto. Las personas son muy dadas, de por encima los venezolanos somos muy dados, somos todos hermanos, pero Maturín, por lo menos en mi casa, podríamos acoger 20, 30... donde come uno comen diez, quince, veinte. Así somos las personas de Maturín⁴ (P4).

En Barinas la cultura es más que tudo de las comidas típicas (...) eles fazem muitas coisas na cultura da terra, isso é o que eu quero falar. Plantam milho, batata, entre outras coisas...também a cultura de lá é música llanera, completamente diferente daqui... Isso é lá, a gastronomia, que você sabe muito bem o que é, entre outras coisas que eu posso falar. Allá es bien pequeño, no es como Guayana, es bien pequeño, un pueblo pequeño donde yo nació y me crié⁵. (P5)

Ao expressar a sua relação com o lugar de origem, os participantes citaram elementos múltiplos, desde geográficos como o clima, relevo, rios e temperatura, até a forma de organização do trabalho e da economia, formas de cuidado coletivo, música e gastronomia. Vemos aqui como constituintes da relação com a região de origem elementos do que o geógrafo brasileiro Milton Santos (1990) apresenta como *território*. Para além de uma mera caracterização formal dos limites de um Estado-Nação, ou de um Município, o território abarca as disputas, relações de poder, identidades, culturas e demais dimensões simbólicas presentes em um espaço geográfico.

O território equivaleria, metaforicamente, ao palco em que a vida se desenvolve e se efetiva desde a cultura herdada e transmitida pelo povo que nele habita, afirmam Saquet e Silva (2008). Podemos assim ver como a cultura é parte constituinte do sujeito (Nathan, 1993), bem

⁴ *De verdade, do meu estado, porque obviamente nasci ali, eu gosto mais do que a outros estados da Venezuela. As pessoas são muito dadas, em geral os venezuelanos são muito dados, somos todos irmãos, mas em Maturín, pelo menos na minha casa, poderíamos acolher 20, 30.... onde come um comem dez, quinze, vinte. Assim somos as pessoas em Maturín.*

⁵ *Em Barinas a cultura é mais que tudo das comidas típicas (...) eles fazem muitas coisas na cultura da terra, isso é o que eu quero falar. Plantam milho, batata, entre outras coisas...também a cultura de lá é música típica da planície, completamente diferente daqui... Isso é lá, a gastronomia, que você sabe muito bem o que é, entre outras coisas que eu posso falar. Lá é bem pequeno, não é como Guayana, é bem pequenininho, um povoado pequenininho onde eu nasci e me criei.*

como os sujeitos e cultura são parte constituinte do território, em relações dialéticas de afetação mútua que formam um todo articulado. Esse território é constituinte da própria identidade do sujeito. Sair do território de origem na condição de migração involuntária é, portanto, provocar uma cisão com esse todo articulado, que gera consequências tanto para o sujeito quanto para o território.

Quando questionados sobre sua relação com a região em que nasceram, ou em que viviam, a maior parte dos entrevistados remeteram sua fala à relação existente com sua terra em um momento anterior ao período de crise. As falas trazem comparações com o momento atravessado atualmente e ressaltam elementos de uma Venezuela com recursos, em que era possível viver com mais estabilidade econômica, como podemos ver nas seguintes falas:

Eu vivia em El Tigre, estado de Anzoátegui, por aqui em cima. Uma cidade bonita, tranquila... Grande, muita economia, muita produção de petróleo. Porque ali é onde começa a faixa petrolífera de Orinoco, tem muita indústria, mas quase tudo está parado agora. Ali está a sede de PDVSA, tem muita firma importante ali, mas está parado quase tudo. Tem uma zona agrícola, hay muita siembra, ganado... Tem de tudo essa região da Venezuela. (P1)

¿Ciudad Guayana? ¿Antes de la crisis? oye hermoso! podías comer lo que querías, el sueldo te alcanzaba, trabajabas y comprabas comida, cosas personales, en mi caso yo estudiaba en la universidad y el dinero me alcanzaba! Después fue todo aumentando de precio, y el sueldo bajando...⁶ (P8)

Em relação ao momento de virada conjuntural relatado pelos participantes e que tornaram a continuidade no país inviável, nomeamos como 1.1.2 *Quando as coisas começaram a ficar difíceis*. Os marcos temporais atribuídos pelos venezuelanos ratificam o período apontado pela literatura como gênese do recente fluxo migratório deste país:

P8: (A crise) Empezó como de 2015

P7: Sí, empezó a disminuir todo, y los precios aumentando, fue cuando hubo prácticamente el cambio de gobierno, que entró Maduro

P8: Sí, ahí ya no comías 3 veces, era 2 o una vez al día, porque los alimentos están muy costosos, si desayunas, no almuerzas. Si almuerzas, no cenas. La comida está muy cara. Mira, si vas a comprar yuca allá, por ejemplo las personas que están con bajos recursos, lo único que pueden comprar es yuca. Todo el día, yuca, sardinas, platanos, topocho, que es como un plátano verde⁷ (P7 e P8)

⁶ *Ciudad Guayana? Antes da crise? Escuta, era lindo! Podias comer o que querias, o salário era suficiente, trabalhavas e compravas comida, coisas pessoais, no meu caso eu estudava na universidade e o dinheiro era suficiente! Depois foi tudo aumentando de preço e o salário baixando...*

⁷ *P8: (A crise) começou como em 2015*

P7: Sim, começou a diminuir tudo, e os preços aumentando, foi praticamente quando houve a troca de governo e entrou Maduro.

P8: Sim, aí já não comias 3 vezes, era 2 ou uma vez ao dia, porque os alimentos estavam muito caros, se tomas café da manhã, não almoças. Se almoças, não jantas. A comida está muito cara. Veja, se vais comprar aipim lá por exemplo, as pessoas que estão com baixos recursos, o único que podem comprar é aipim. Todo o dia aipim, sardinha, banana, “topocho”, que é como uma banana verde.

Cuando... creo que... Después que se murió el presidente Hugo Chaves, vino el otro presidente y ahí empezaron las cosas un poco a cambiar, a cambiar, a cambiar... Fué para después que entró el presidente Maduro, ya allí la situación se puso más... empezó como decir, una guerra, una guerra económica (...) Es otra Venezuela. Estando allí en nuestro país, extrañamos nuestro país⁸ (P3)

As dificuldades em relação à carestia, a inflação e por consequência, a dificuldade de suprir-se a si e a família com alimentos e outros itens de necessidade básica permearam a fala de todos os participantes. Esse cenário era contrastado à “Venezuela de antes”, quando o salário era o suficiente para suprir as necessidades de uma família e se podia viajar pelas praias do país. A frase da participante 3, que diz que sentia falta do seu país, mesmo enquanto vivia nele, remonta a ideia de que o processo migratório não inicia apenas quando o imigrante está se deslocando: o trabalho psíquico começa antes de arrumar as malas. Contudo, pode-se perceber em muitas falas uma resistência a sair da Venezuela, uma ausência de desejo de partir superada apenas pelo imperativo da necessidade que caracteriza as migrações involuntárias (Martins-Borges, 2013).

Y fue ese año, en el 2017, que nosotros migramos. Hubo personas que salieron muy antes, el 2015, el 2016... Ya quizás veían que eso iba a pasar... nosotros no, tratamos hasta el final de mantenernos allí, porque no queríamos hacerlo, pero bueno, la misma situación nos llevó.⁹ (P4)

Há, entre a constatação da dificuldade de continuidade no país e a resistência a deixá-lo, situações que operam como a “gota que transborda o copo” em direção a decisão de sair, de migrar. Ver familiares e pessoas queridas em condições de privação se demonstrou o fator mais comum. Nesse sentido, a participante 4 relata o impacto de não poder, mesmo trabalhando, dar presentes de Natal para seus filhos, o que levou primeiramente seu marido a emigrar. No ano seguinte, ver seus filhos muito magros, levou-a a tomar a mesma decisão:

“Él (marido) decidió emigrar primero para ver cómo le iba, o sea, porque en realidad fue lo que derramó la gota del vaso por decirle de esa manera fué que ya venía diciembre, y nosotros, nuestra cultura, cómo se celebra ya 24 de diciembre y el 31, él pensaba mucho en la ropa de los niños, los juguetes, presentes de navidad, entonces, fue como que un impacto me entiendes? Primer diciembre que no voy a tener, por más que trabajo, no voy a tener para darle eso a mis hijos, por lo que estamos acostumbrados. (...) El año siguiente, yo tomé la decisión de yo también venirme,

⁸ *Quando... creio que... Depois que morreu o presidente Hugo Chávez, veio o outro presidente e aí começaram as coisas a mudar um pouco, a mudar, a mudar... Foi depois que entrou o presidente Maduro, já ali a situação ficou mais... Começou, como dizer, uma guerra, uma guerra econômica... É outra Venezuela. Estando lá no nosso país, sentimos saudade do nosso país.*

⁹ *E foi esse ano, em 2017, que nós migramos. Houve pessoas que saíram muito antes, em 2015, 2016... Já talvez viam que isso ia acontecer... nós não, tratamos até o final de nos mantermos ali, porque que queríamos fazer isso, mas bem, a mesma situação nos levou.*

porque ya los niños estaban muy delgados, ya no podía, o sea, lo que me mandaba no alcanzaba, porque son mis hijos mas también mis sobrinos, la mamá, lo que conseguía uno lo compartimos para todos, y el de mi familia era el único que había emigrado, entonces ellos trabajaban y no alcanzaba tampoco, entonces yo tomé la decisión de emigrar.¹⁰ (P4)

Vemos com a participante 4 o relato de uma mãe que decide emigrar em busca de melhores condições para os filhos. Dos 12 participantes, 7 tinham filhos crianças ou adolescentes antes de sair da Venezuela. Em todos os casos, a preocupação com a nutrição, satisfação de necessidades e perspectivas de futuro para os filhos foi um fator citado como importante na tomada de decisão por emigrar. Como afirma Nascimento (2021), ver personificada nos filhos as dificuldades do país torna-se, para uma mãe, insuportável. Podemos ver também, em outra posição, a perspectiva de duas participantes jovens com a decisão de migrar tomada pela mãe:

Eu falei “não mãe, eu não vou para lá, eu fico aqui”. Ai ela falou “Não, filha, é assim... tu tem que ir, porque tu ainda tá jovem, e lá tu pode ser uma pessoa profissional, tu pode estudar... lá tem mais oportunidade de vida, né? Lá tu pode ser... O que eu posso falar filha? O melhor para ti”. Ai eu falei “não mãe, mas assim tu falando para mim, eu não quero. Eu quero ficar aqui, não adianta ir para outro país”. E ela falava “meu deus, eu não entendo” (...) Quando eu montei nesse ônibus, meu deus... esse dia foi o pior dia da minha vida. (P5)

Venimos con mi mamá y mi hermana se quedó porque a ella le faltaba un año por estudio, y se graduó, y terminó la universidad. Pero cuando empecé el primer semestre es que mamá me dijo que veníamos a Brasil. Yo estaba haciendo administración (...) cuando le tocó de verdad, sí me pegó, yo lloré demás cuando iba saliendo de Venezuela.¹¹(P7)

Na cosmologia dos povos originários da América Latina, a terra corresponde à figura materna, ou seja, daquela que gera e que nutre com seus recursos a existência de seus filhos (Salvia, 2013). No contexto da migração, podemos pensar a relação com a terra natal em diálogo com a função materna para a psicanálise. A função materna pode ser entendida como aquela

¹⁰ *Ele (marido) decidiu emigrar primeiro para ver como seria, ou seja, porque na realidade o que derramou a gota do copo, por dizer-se assim, era que dezembro estava chegando, e nós, nossa cultura, como se celebra o 24 de dezembro e o 31, ele pensava muito na roupa das crianças, brinquedos, presentes de natal, então foi como um impacto, você me entende? Primeiro dezembro que não vou ter, por mais que trabalhe, não vou ter como dar isso aos meus filhos, que é o que estamos acostumados. (...) No ano seguinte, tomei a decisão de vir também, porque as crianças já estavam muito magras, não dava mais, ou seja, o que ele me mandava não era suficiente, porque são meus filhos mas também meus sobrinhos, a mãe, o que tinha nós dividimos para todos, e da minha família ele era o único que havia emigrado, então eles trabalhavam e também não era suficiente, então tomei a decisão de emigrar.*

¹¹ *Vimos com mamãe e a minha irmã ficou, porque para ela faltava um ano de estudo, e se graduou, e terminou a universidade. Mas quando eu comecei o primeiro semestre é que mamãe me disse que viríamos para o Brasil. Eu estava fazendo administração... Quando foi a hora de verdade, sim, me pegou, eu chorei demais quando ia saindo da Venezuela.*

que ancora a constituição psíquica do sujeito ao endereçar, para a criança, um lugar de significação à sua existência e de desejo de sua subjetivação, configurando em seu primeiro objeto de amor (Lacan, 1969/2003; Calzavara e Ferreira, 2019). A migração involuntária é a representação primordial de um rompimento com essa relação atávica. A situação pré-migratória mostrou-se até aqui relacionada com a percepção de uma condição de desamparo no país de origem. Nesse contexto, o sujeito vê-se em ambivalência diante do sofrimento pelas condições em que se está colocado e do medo de lançar-se ao desconhecido, uma vez que a relação com a região de origem, constitui um lugar de segurança para o sujeito; esse não necessariamente é o melhor lugar, mas o lugar onde compartilha-se signos e onde o sujeito reconhece a si mesmo.

1.2 Percurso migratório

Após abordarmos as particularidades do período pré-migratório, buscaremos compartilhar um pouco do percurso de migração vivenciado pelos venezuelanos. Começaremos com a 1.2.1 *Preparação da partida*, em que analisaremos as possibilidades de planejamento, de despedida e especificidades da organização para partir. Seguiremos com o elemento de análise que discorrerá sobre os desafios da travessia da Venezuela rumo à fronteira com o Brasil: 1.2.2 *Cola, gandola, trocha, alcabala: As condições de percurso*.

Um elemento que caracteriza a maioria das migrações involuntárias é a impossibilidade de planejamento da partida (Martins-Borges, 2013). Nos contextos de guerra ou desastre natural, as partidas precisam ter uma temporalidade ínfima para garantir a sobrevivência. Esse item mostrou ter uma particularidade entre os imigrantes venezuelanos entrevistados. Muito embora o deslocamento seja indubitavelmente involuntário, houve na maioria dos casos algum tempo para 1.2.1 *Preparação da partida*, como demonstra a participante que planejou por seis meses sua vinda para o Brasil:

Entonces ahí sí pasamos como decir desde febrero hasta octubre pensando cómo irnos, donde conseguir la plata porque todo es en dólares y si es montando en gandola, pidiendo cola y tratar de economizar la plata para la comida para todos. Desde ahí armamos un grupo casi de 14 personas, todos éramos familia, venían mis 2 hijos, mi pareja, mi persona, el papá y la mamá de mi pareja, la hermana el esposo y los 2 hijos de mi pareja, mi hermano y 3 sobrinos y un sobrino de mi pareja que es nieto de papá y mamá de él. Venimos en 15, 5 eran niños¹² (P12).

¹² Então aí sim passamos, como dizer, desde fevereiro até outubro pensando em como irmos, de onde conseguir o dinheiro, porque tudo é em dólares, e sim, é montando em “gandola”, pedindo caronas e tratar de economizar o dinheiro para a comida para todos. Desde ali armamos um grupo quase de 14 pessoas, todos éramos família, vinham meus 2 filhos, meu marido, eu, o pai e a mãe de meu marido, sua irmã, o esposo e os dois filhos do meu marido, meu irmão e 3 sobrinhos, e um sobrinho do meu marido que é neto do pai e da mãe dele. Viemos em 15, 5 eram crianças.

Dentre as condições construídas para deixar a Venezuela, destacaram-se nos relatos as condições econômicas. Houve participantes que mobilizaram um grande esforço para custear a jornada, muitas vezes vendendo sua casa própria, carro e objetos pessoais, desfazendo-se de toda a estrutura que tinham na Venezuela. Outros núcleos familiares optaram pelo envio de um representante, em geral o pai da família, para avaliar as condições do local de destino antes da família inteira migrar. Nenhuma dessas movimentações, contudo, previne integralmente os imigrantes das precariedades e vulnerabilidades enfrentadas pelo caminho.

Outro aspecto importante que marca essa etapa da migração é a possibilidade de ritualizar a despedida com pessoas importantes para o sujeito. Dentre os entrevistados, apenas o participante 10 não se despediu de ninguém da família. Quando questionado sobre o motivo de não se despedir de seus pais, respondeu apenas que foi porque se não saísse naquele exato momento, não sairia mais. Contudo, buscou o seu superior militar, pedindo-lhe sua "bênção" para seguir viagem. A participante 7, que viajou com a família, disse que não pôde despedir-se de seu avô, pois *ele* não aguentaria. Esses relatos demonstram o esforço psíquico feito por esses sujeitos para sair de seu país, uma vez que o encontro com pessoas significativas antes da saída poderia, na sua própria avaliação, gerar uma desorganização.

No, yo salí pues vi la situación de mi casa. Una situación muy fea, y yo no le dije nada a mi mamá ni a nadie. Me salí a trabajar y vine para el otro lado. Le dije "mamá, me voy a trabajar". Y nada más le dije hasta llegar a Pacaraima allá. La llamé y le dije "mami, estoy en Brasil"¹³ (P10).

Dentre os demais participantes, houve os que fizeram reuniões familiares, conversas com pessoas importantes, e puderam durante as entrevistas narrar as lágrimas vertidas nos espaços que foram possíveis de serem construídos para dizer "adeus":

Si nos preparamos, tuvimos las despedidas, reuní con toda mi familia días antes y como siempre a los fines de semana en la casa de mi mamá, aún no estando yo, siempre se reúnen, siempre hay esa misma cultura, nos reunimos. Nos despedimos, lloramos, lloramos mucho, mi mamá no quería que yo me traera los niños vete, porque adora a sus nietos, pero bueno, había que hacerlo¹⁴ (P4).

Também identificamos a imagem da mala do imigrante como representação das (im)possibilidades e condições do percurso. Esse objeto se apresenta socialmente como um

¹³ Não, eu saí pois eu vi a situação da minha casa. Uma situação muito feia, e eu não disse nada à mamãe, nem a ninguém. Saí para trabalhar e vim para o outro lado. Lhe disse "mamãe, vou trabalhar". E nada mais eu lhe disse até chegar em Pacaraima, lá. Liguei para ela e disse "mamãe, estou no Brasil".

¹⁴ Sim nos preparamos, tivemos as despedidas, reuni com toda a minha família dias antes e como sempre aos fins de semana na casa de minha mãe, mesmo que não esteja eu, sempre se reúnem, sempre há essa mesma cultura, nos reunimos. Nos despedimos, choramos, choramos muito, minha mãe não queria que eu trouxesse as crianças veja, porque adora seus netos, mas bem, era preciso fazê-lo.

símbolo do deslocamento, e já foi trabalhado em estudos como metáfora do estado psíquico do imigrante e refugiado (Martins-Borges, 2013; Ferreira, 2019). O que cabe em uma mala? Quanto precisa ficar fora dela? O que se perde pelo caminho? Nessa pesquisa, as respostas a essas questões delinearão a qualidade da migração experienciada por cada participante.

Alguns participantes relatam terem trazido a roupa do corpo e uma muda mais, apenas. Outros, que puderam realizar o trajeto com um pouco mais de condições, escolheram elementos importantes para a jornada: “Harina Pan”, a farinha específica para preparar arepas, prato típico venezuelano, foi de longe a mais citada. Além disso, citaram o brinquedo preferido das crianças, panelas, ferramentas de trabalho, cobertor, entre outros. Os objetos escolhidos podem cumprir com um papel protetivo na migração tal qual o objeto transicional na infância possibilita ao bebê uma separação da mãe com a segurança da continuidade de si (Ferreira, 2019). Esses itens podem propiciar a sensação de familiaridade, de manutenção da identidade em um momento de rupturas como a migração (Martins-Borges, 2017).

Nas entrevistas, três relatos podem ser emblemáticos ao ilustrar diferentes condições de partida dos imigrantes em relação à organização de sua bagagem. O primeiro relato, diz de uma condição de maior precariedade, de urgência na partida. O participante fez o trajeto a pé e em condições bastante incertas. Nesse contexto, a mala carrega o mínimo possível e o imigrante apenas ocupa-se em *chegar* do outro lado.

“Pura ropa, la ropa nada más. Sólo la ropa y sin embargo, llegué sin ropa! Las dejé por el camino para cruzar porque no aguantaba ya, saqué lo que pude (...) No podía pasar con la maleta porque si te veían los federales te iban a transportar”¹⁵ (P11)

O segundo relato diz de uma mala que não tinha o tamanho necessário para tudo que era importante de ser carregado:

“No me traje mi cocina, mi ropero y esas cosas porque no me entraba en la maleta, pero como todo venezolano, muchos van a concordar, porque creo que antes de meter la ropa y todo, me traje un budare. Es algo de metal para hacer arepas. Nosotros los venezolanos comemos arepas. Fue una de las cosas, creo que fué lo primero que metí, cuando llegué aquí para conseguir la harina para hacerlo me costó pero aprendí por lo menos con las harinas que usan aquí”¹⁶ (P4)

¹⁵ Pura roupa, a roupa e nada mais. Só a roupa e, contudo, cheguei sem roupa! As deixei pelo caminho para cruzar porque não aguentava mais, tirei tudo o que pude... Não podia passar com a mala porque se os federais te vissem, iam te transportar.

¹⁶ Eu não trouxe o meu fogão, meu roupeiro e essas coisas porque não entrava na mala, mas como todo venezuelano, muitos vão concordar, porque antes de colocar a roupa e tudo, trouxe um “budare”. É algo de metal, para fazer arepas. Nós, os venezuelanos, comemos arepas. Foi uma das coisas, creio que foi o primeiro que eu coloquei, quando cheguei aqui para conseguir a farinha, para fazer me custou, mas aprendi a fazer com as farinhas que usam aqui pelo menos.

A participante 4, que veio para o Brasil com a intenção de estabilizar-se, pôde viajar de ônibus, em condições um pouco menos desconfortáveis. Ela dimensiona tudo o que não foi possível carregar, ao mesmo tempo em que afirma que o principal, veio. A afirmação da nacionalidade atrelada a itens que representam a cultura, a comida, a vestimenta, e sua priorização na organização da mala, remontam a ferramentas de negociação com a cultura do país de destino e elementos de proteção da identidade. “*Venezuelanos comem arepas*”- não é a mesma coisa fazer *arepas* com a farinha do Brasil, mas é possível desde que se use a panela vinda da Venezuela.

Talvez, a percepção de mala completa seja possível apenas para o imigrante que não deseja voltar, ou que, subjetivamente, nem conseguiu sair do seu país de origem. Nesse sentido, não há o que levar, porque o que importa é voltar. Essa condição está expressa na fala da participante 5, que migra sem a perspectiva de estabelecer-se no país de destino e destaca como seu último desejo voltar para a Venezuela.

Mas na verdade para nós não foi tão difícil porque a gente veio com tudo, a gente traz tudo o que tinha que trazer, a gente traz para aluguel para um tempo, traz o dinheiro, tudo essas coisas. Pra gente não foi tão complicado. A gente se foi triste, porque a gente na verdade, a gente é de lá né. E tu ir para outra cidade, onde fala totalmente diferente, outra cultura... hoje em dia eu tô ainda...eu ainda não...choro mais. A última coisa que peço a Deus é voltar de novo para o meu país (P5).

A bagagem trazida simboliza o que foi e não foi possível em termos de proteção, elaboração e dificuldades para enfrentar o percurso. Ela diz da condição de ser imigrante, sem necessariamente dar as condições necessárias para realização das diferentes formas de jornada. De toda forma, fechar a mala e partir é o que inaugura o ato de migrar.

Durante as entrevistas, encontramos algumas palavras comuns a todos os relatos que se referiam ao percurso da Venezuela até o Brasil. Por isso, discorreremos sobre 1.2.2 “*Cola, gandola, trocha, alcabala*”: *As condições de percurso* com uma breve descrição desses termos citados. Preferimos manter a nomenclatura original, uma vez que a mera tradução dessas palavras não reflete a complexidade simbólica que esses termos acumulam em si; sendo também esta uma possibilidade de acrescentar ao vocabulário expressões que nomeiam com mais exatidão a experiência dos imigrantes venezuelanos.

A primeira palavra destacada na narrativa dos entrevistados foi *cola* que, nesse contexto, apresentou dois significados. O primeiro é “carona”, e remonta ao meio mais comum transporte até a fronteira para os venezuelanos que não têm condições de pagar a passagem de ônibus. A *cola* pode ser pedida para carros ou “gandolas”. As *colas*, contudo, nem sempre são gratuitas, muito embora o valor seja sempre abaixo do cobrado pelos transportes tradicionais. *Cola*

também significa fila, mas essa segunda variante será trabalhada na próxima seção, onde debateremos sobre a fronteira.

Gandolas são caminhões ou carretas que transportam mercadorias. Na estrada, dão *colas* para os venezuelanos que caminham rumo à fronteira. As vezes as caronas são gratuitas, as vezes é cobrado um valor baixo, afinal, esse tipo de jornada é perigoso e ilegal. *Alcabalas* são os postos de controle rodoviário da Venezuela. Especialmente os que estão situados próximos à fronteira, são relatados como lugares que representam tensão. *Trocha*, por fim, teria como tradução “trilha”, palavra essa que não comporta o peso e o conjunto de significantes trazidos em seu uso em espanhol. Segundo um dos entrevistados, algumas *trochas* devem ser feitas apenas à noite. Essa palavra é usada para nomear alguns trechos do trajeto feitos a pé, como a *trocha* de Sierra de Lema, na Venezuela, e o caminho feito entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima, de aproximadamente 15 km.

É importante pontuar que, como vimos anteriormente, os imigrantes venezuelanos empreendem seu percurso migratório geralmente com poucos recursos, o que leva muitos a atravessarem a Venezuela de *cola*. Quando o grupo que migra é composto por muitas pessoas, é necessário por vezes tomar uma decisão: dividir-se ou perder a oportunidade de *cola* que aparece. Para as mulheres, seguir o trajeto (inclusive sozinhas) na companhia de homens desconhecidos é um passo arriscado, mas muitas vezes necessário:

*Fue difícil porque yo llegué a Santa Elena sola, yo vine sola en la gandola, y mi mamá con miedo porque era la primera vez que yo... Imaginate tú, no es fácil para una madre dejar una hija sola con un hombre que ni siquiera lo conoce, nos lloramos pero gracias a dios el señor no era muy malo*¹⁷ (P8).

Durante o percurso, muitos são os medos que assolam os imigrantes: perder-se do grupo, ser “retornado” pelos guardas das *alcabalas*, perdendo o tempo e dinheiro investido até chegar ali, roubos, violência contra as mulheres (Carroll et al., 2020; Nascimento, 2021). Contudo, de todos os entrevistados que fizeram esse tipo de jornada, um dos mais vívidos relatos foi o da fome. Um tempo importante das entrevistas foi dedicado a quem, em algum momento do caminho, ofereceu água e comida. Relatos minuciosos de como era a pessoa, em que contexto, qual o alimento oferecido, a alegria sentida. Também apareceram relatos sobre quando, em um gesto de abnegação, priorizou-se ofertar o alimento às crianças, e o misto de alívio e desejo sentidos ao observá-las comer.

¹⁷ *Foi difícil porque eu cheguei em Santa Elena sozinha, eu vim sozinha na “gandola”, e a minha mãe com medo porque era a primeira vez que eu... Imagina você, não é fácil para uma mãe deixar a uma filha sozinha com um homem que nem sequer conhece, nós choramos, mas graças a Deus o senhor não era muito mau.*

O relato de sofrimento das crianças é comum a vários entrevistados. Foram narradas situações de frio, acidentes durante o trajeto, desmaios por sede, fome e insolação. O exemplo do participante 11, a seguir, ilustra a situação. Ele fez o trajeto sozinho, ficou 3 meses vendendo latinhas em Pacaraima, voltou a Santa Elena pela *trocha* para buscar a esposa e os filhos de 5, 6 e 12 anos. Fez o percurso pela terceira vez, agora acompanhado. Percebe-se que, mesmo enfrentando dificuldades de nível extremo, o participante avalia que a travessia é mais “fácil” quando realizada com o núcleo familiar completo, como foi apontado também em estudos (Bento,2021; Carroll et al.,2020).

Ya, por lo menos veníamos, oye veníamos alegres, porque venía con los niños, venía con ella, claro nos venimos caminando pero ya venía más contentos porque oye, ya tenía la familia ahí, me entiendes? Y se me hizo más fácil...pero cuando crucé con los niños y me tiré de ese riesgo y dije “oye dios mío, que dios ponga su mano” porque junto con los niños vayan a ser que me vayan a agarrar, me vayan a transportar. Bueno, sin embargo la cruzamos bien porque no había nadie esa hora, venimos como de madrugada también, si. Bueno sin embargo el niño, fue el que... el niño, los pequeños, oye venían cansados, ya nos se había acabado el agua, se me desmayaron, fue triste y doloroso también, se me desmayaron los niños, por allá le pedí agua a unos brasileiros y me dijeron que no tenían agua, no me dieron el agua, y voy a seguir... más adelante por allá conocí a una familia y nos ayudaron¹⁸ (P11)

A participante 12 conta que, por medo da Polícia Federal no Brasil, seu grupo foi, em suas palavras, “fugido” de Santa Elena de Uairén a Boa Vista a pé por uma passagem clandestina, trajeto que durou 3 dias e totaliza uma média de 230 km. Porém a parte mais difícil do trajeto, segundo ela, foi cruzar a Sierra Lema, no Estado Bolívar, na Venezuela:

Sierra Lema es una parte fría, montaña, la famosa sabana grande, entonces eso es clima frío, y nosotros íbamos de tanto mojarnos, de irnos frescos por todo el camino, ¿verdad? para no deshidratarnos, lo que nos estaba dando era frío, y del frío viene la hipotermia, ya varios ya íbamos con los dedos congelados, con los pies, la boca ya no puede hablar, y el desespero pendiente, mi cuñada vomitó por el camino, porque ya no podíamos caminar más, pero teníamos de salir de esa carretera porque ahí había muchos animales, y nos contaron mucha historia, de que habían Tigres, este leopardo que te comen, comen la gente, y están pendiente... Todo el mundo cuando venían “¡corran!, ¡corran rápido porque hay animales!¹⁹ (P12)

¹⁸ *Pelo menos vínhamos, escuta, vínhamos alegres, porque vinha com as crianças, e vinha com ela. Claro, vínhamos caminhando, mas já vínhamos mais contente porque escuta, já tinha a família ali, me entendes? Pra mim foi mais fácil...mas quando cruzei com as crianças e me lancei a esse risco e disse “escuta meu Deus, que Deus ponha a sua mão” porque junto com as crianças, pode ser que me peguem, que me transportem. Bem, cruzamos bem porque não havia ninguém nessa hora, viemos de madrugada também, sim. Bem, porém o menino, foi ele que...o menino, os pequenos, vinham cansados, já havia acabado a nossa água, eles desmaiaram, foi triste e doloroso também, as crianças desmaiaram, por lá eu pedi água a uns brasileiros e me disseram que não tinham água, não me deram água, e eu vou seguir... mais adiante conheci uma família e eles nos ajudaram.*

¹⁹ *Sierra Lema é uma parte fria, montanha, a famosa “Sábana Grande”, então isso é clima frio, e nós íamos de tanto nos molharmos, de irmos frescos por todo o caminho, verdade? Para não nos desidratarmos, o que estava dando era frio, e do frio vem a hipotermia, já vários de nós íamos com os dedos congelados, com os pés, a boca já*

Esse tipo de jornada nos faz refletir acerca da posição subjetiva em que os imigrantes se veem ao experienciar essa situação. Pessoas que têm sua história de vida, sua profissão, sua casa, veem-se precisando partir de *cola* com uma *gandola*, forma de transporte completamente fora de sua direção ou controle. A *trocha* em suas linhas sinuosas diz de uma condição em que é preciso largar tudo, ou quase tudo, e carregar apenas o essencial. Há uma contraposição entre o momento da partida, onde se busca trazer o máximo de objetos importantes, com o percurso em que é preciso desvencilhar-se dos objetos que se tornaram um peso.

Durante o caminho, ao lado das pegadas, vislumbra-se a mesma sorte de conterrâneos que por ali passaram antes: bonecas, roupas, sapatos, entre outros. Cada abandono é fruto de um processo rápido de desinvestimento, em que o item selecionado no momento de preparação para o percurso, na verdade, pode e precisa ficar. Essa reflexão nos leva a perguntar, o que é preciso pensar para suportar as condições de sofrimento do trajeto e poder seguir em frente?

¿Qué pasaba por la mente? [Durante o trajeto] Era una mezcla de sentimientos de tristeza, de nuevas oportunidades también, donde uno se siente triste pero también hay esperanza, de que las cosas van a estar bien, que todo va a estar mejor, y bueno, yo principalmente dándoles ánimo a mis hijos, siempre les daba lo positivo de las cosas (P3)²⁰

¡Asustada! Aha, asustada porque cosas nuevas que me están pasando, y la intención era no perder la cabeza, para devolverme si no, pa'lante, pa'lante, no retroceda! sigue adelante! sigue! Porque de verdad no sabía qué es lo que me esperaba, pero sigue adelante, sigue adelante, mi meta era a seguir. Si regreso para atrás no tengo nada porque yo vendí todo, y vendí toda mi casa, todo, yo no puedo, donde yo iba a regresar? Si no tengo donde regresar²¹ (P12).

Como nos mostram as participantes, para não retroceder durante o trajeto era preciso manter a ideia firme de que algo melhor lhe esperava do outro lado da fronteira, uma expectativa de possibilidades. A esperança de novos encontros é um elemento que nesse contexto é

não pode falar, e o desespero pendente, a minha cunhada vomitou pelo caminho, porque já não podíamos caminhar mais, mas tínhamos que sair daquela estrada porque ali havia muitos animais, e nos contaram muitas histórias, de que haviam tigres, esse tipo de leopardo que te come, come gente, e estão pendentes... Todos os que vinham “corram! Corram rápido que tem animais!”.

²⁰ *O que passava pela mente? [durante o trajeto] Era uma mescla de sentimentos de tristeza, de novas oportunidades também, onde tu te sentes triste, mas também há esperança, de que as coisas vão ficar bem, que tudo vai estar melhor, e bem, eu principalmente dando ánimo para os meus filhos, sempre lhes dava o positivo das coisas.*

²¹ *Assustada! Aham, assustada pelas coisas novas que estavam acontecendo, e a intenção era não perder a cabeça para voltar, mas seguir em frente, em frente, não retroceda! Siga adiante! Siga! Porque de verdade eu não sabia o que me esperava, mas siga adiante, siga adiante, minha meta era seguir. Se regresso para trás não tenho nada, porque eu vendi tudo, e vendi toda minha casa, tudo, eu não posso, para onde eu iria regressar? Se não tenho para onde regressar*

protetivo. Do contrário, o abandono objetivo e subjetivo de cada objeto representaria a completa descontinuidade de si. É preciso uma mínima projeção de reconstrução no local de destino. A necessidade de transmitir segurança para os filhos também se demonstrou um fator de organização psíquica em momentos do trajeto de insegurança e pressão.

1.3 Chegada no Brasil e Interiorização

Até aqui, trabalhamos as vivências de sujeitos que atravessaram seu país rumo ao Brasil. Esses sujeitos, desde o momento em que iniciam seu deslocamento, são migrantes. Ao finalmente cruzarem a linha que separa simbolicamente o Brasil da Venezuela, deparam-se com o Outro. É do encontro com o olhar e a narrativa desse Outro, os brasileiros, que os venezuelanos tornam-se então “imigrantes”, aqueles que não apenas saem de um território, mas que adentram em outro (Cicconi et al., 2021), e experienciam as 1.3.1 *Vivências na Fronteira: encontro de territórios e culturas*.

Chamou a atenção da pesquisadora a recorrência com que os entrevistados se denominavam emigrantes - aquele que sai de seu país de origem- e não imigrantes - aquele que entra em outro país. Isso pode denotar, em primeiro plano, o protagonismo da cena de deixar a Venezuela frente à condição de entrar no Brasil, e as diferentes condições de elaboração frente a esse movimento de duas faces, sair e entrar. Se eram escassas as condições de planejamento da saída, mais escassas ainda eram as representações do que iriam encontrar no lugar de destino, que muitas vezes se limitavam a imagens divulgadas pela grande mídia sobre o Brasil:

Pesquisadora: ¿Porqué Brasil?

P10: Porque veía a Brasil mejor que los otros países, un país que siempre me ha gustado, siempre me ha gustado el país, la selección de Brasil, siempre me ha gustado Ronaldo, Ronaldinho, Neymar no. Pero Ronaldo y Ronaldinho fueron buenos jugadores, siempre me atrajo por la camisa de Brasil.

Pesquisadora: Pero conocías algo de Brasil además del fútbol? El idioma...

*P10: No, nada, ni la moneda conocía!*²²

Após uma dura jornada de travessias, o primeiro sentimento narrado pelos imigrantes é de alívio em chegar em solo brasileiro. Contudo, esse cenário não se sustenta por muito tempo, uma vez que novos desafios se impõem: a não compreensão do idioma, as longas filas para documentação, o preconceito por parte de alguns brasileiros, a demora em conseguir abrigo, o

²² *Pesquisadora: Por que o Brasil?*

P10: Porque eu via o Brasil melhor que os outros países, um país do qual eu sempre gostei, sempre gostei do país, da seleção do Brasil, sempre gostei do Ronaldo, Ronaldinho, do Neymar não. Mas Ronaldo e Ronaldinho foram bons jogadores, sempre me atrai pela camisa do Brasil.

Pesquisadora: Mas tu conhecia algo do Brasil para além do futebol? O idioma...

P10: Não, nada, nem a moeda eu conhecia!

desemprego, a situação de rua. Essas condições serão aprofundadas na discussão sobre os fatores de risco à saúde mental, um pouco mais à frente.

Dentre as primeiras impressões do encontro com a outra cultura, a questão econômica foi citada por alguns participantes. A surpresa em relação ao câmbio dos Bolívares para o Real, a sensação de estar sendo roubado ao trocar grande quantia de notas do dinheiro venezuelano por algumas moedas do dinheiro brasileiro, o ulterior espanto em ver que era possível realizar compras com essas moedas. O espanto ao ver a quantidade de conterrâneos em situação de extrema vulnerabilidade, vivendo na rua, também foi citado em diversas entrevistas como um choque inicial.

Um ponto trazido por alguns entrevistados foi a sensação sentida com o anúncio do fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela em de março de 2020. A portaria Nº 120, de 17 de março de 2020 assinada por Walter Souza Braga Netto, Sérgio Moro e Luiz Henrique Mandetta (à época, ministros da Casa Civil, da Justiça e da Saúde, respectivamente) alegava prevenção à covid-19. A pena do descumprimento era a deportação imediata (Diário Oficial da União, 2020). Esse cenário só foi flexibilizado legalmente em junho de 2021 com a Portaria 655/2021, que muito embora não abrisse as fronteiras, permitia a entrada de venezuelanos no Brasil por motivos humanitários. O participante 1 ilustra sua percepção sobre esse momento:

Pesquisadora: Como foi para ti quando fecharam a fronteira?

Eu tinha muitos amigos que queriam vir para o Brasil e muita gente que eu conheci aqui no Brasil que queria voltar à Venezuela porque veio só de visita, por 3 meses a visitar um parente, para voltar, e não puderam voltar, tiveram que ficar no Brasil, então estavam ilegal, problema aí, isso foi lo más duro de todo, porque pessoas queriam vir ao Brasil e não podiam, e gente queria voltar a Venezuela, e não podiam (P1).

Sendo a fronteira essa borda que representa tanto os limites quanto os encontros, seu fechamento significa para o imigrante uma violência, uma barreira colocada entre as suas possibilidades objetivas e subjetivas de manutenção de vínculos com sua terra natal e com as possibilidades de ir e vir. Impõe-se nesse contexto a ameaça de não retorno, ou retorno forçado para o país de origem.

São nos relatos que se abordava a parte do percurso vivenciada na fronteira que o significante “ilegal” aparece em alguns relatos, como na fala do participante 1 supracitada, bem como na fala da participante 4. Essa participante chega no Brasil um dia antes do Natal, data muito importante para os venezuelanos. A entrevistada percebeu que, depois de um dia inteiro na fila para documentação, não poderia ser atendida no dia, e teria que passar o Natal em uma fila com seus filhos pequenos, que tinham frio e fome. Decide então ir à Boa Vista

imediatamente, mesmo sem documentos. Para isso, sobe em um “Pacaraima”, transporte utilizado na fronteira:

Es como un uber, hacen viajes y pasan a las personas ilegales. A veces 50 reales, a veces 100 reales, pero a mí me cobró mucho más! me cobró 450 para todos. A ver, legal, cobran 50 reales por persona. Ilegal, te cobran 100 (...) Fué algo que fue horrible porque yo pensaba nada más que esas cosas que se veían también en las películas, y nada más que la palabra “ilegal” para mí, me da miedo, y yo decía “tengo que hacerlo por ellos, por los niños”²³ (P4)

As vivências na fronteira são marcadas, na maioria dos casos, pela passagem nos abrigos organizados pela Operação Acolhida, que acolhem os imigrantes venezuelanos que aguardam seu processo de interiorização ou mesmo ingresso laboral na região. Os entrevistados também chamavam esses abrigos de “refúgio”. As falas das participantes 6 e 8 ilustram um pouco da relação com esses lugares:

Igualito tuve que dormir en la calle para entrar el refugio... Para poder... o sea, todo venezolano en el refugio tiene la sensación de “para dónde me van a mandar?”²⁴ (P8)

Primera vez en mi vida que veía algo así. Yo veía eso en la televisión y eso, pero nunca pensé en experimentar eso en mi vida, nunca, porque había demasiadas carpas, y había muchas largas, muchas carpas con los tapetes para uno poder dormir. Y nos separaron. Porque por lo menos yo vine con mi cuñada y ella estaba con su niño, mi esposo y su hermano. Nos separaron. Nunca pensé experimentar eso en mi vida, de verdad que me sentí mal²⁵ (P6)

A participante 6, depois de narrar a chegada na fronteira, com uma extensa espera para a documentação, e sua apreensão ao ver uma fila cheia de mulheres grávidas e crianças, conta de sua sensação ao finalmente entrar em um abrigo: a de se sentir muito mal ao ver-se em um lugar que nunca imaginou para si. Um lugar que existe apenas na televisão, sempre distante. Os abrigos, ao mesmo tempo que se propõe a oferecer uma estrutura protetiva, são a representação e a materialização do estado de vulnerabilidade enfrentado pelos imigrantes e refugiados. São lugares precários, onde se dorme no chão, em barracas, onde as famílias são divididas em

²³ *É como um uber, fazem viagens e passam as pessoas ilegais. As vezes 50 reais, as vezes 100 reais, mas me cobrou muito mais! Me cobrou 450 reais para todos. Veja só, legal, cobram 50 reais por pessoa. Ilegal, cobram 100... Foi algo que foi horrível porque eu pensava que essas coisas só se viam nos filmes, e nada mais que a palavra “ilegal” para mim, me da medo, e eu dizia “tenho que fazer isso por eles, pelas crianças”*

²⁴ *Igualzinho eu tive que dormir na rua para entrar no refugio... Para poder... Ou seja, todo venezuelano no refugio tem a sensação de “para onde me vão mandar?”*

²⁵ *Primeira vez na minha vida que eu via algo assim. Eu via isso na televisão e tal, mas nunca pensei em experimentar isso na minha vida, nunca, porque havia muitas barracas, e muitas delas grandes, muitas barracas com os tapetes para que se pudesse dormir. E nos separaram. Porque pelo menos eu vim com a minha cunhada e ela estava com seu filho, meu esposo e seu irmão. Nos separaram. Nunca pensei em experimentar isso na minha vida, de verdade que eu me senti mal.*

diferentes setores. Como nomeia a participante 8, os abrigos são lugares de apreensão pelo próximo destino.

A essa tão esperada sequência no trajeto denominamos 1.3.2 *Vinda para Santa Catarina*. Com exceção dos participantes 8 e 9, um casal que interiorizou-se primeiramente para Minas Gerais, os entrevistados saíram da região fronteira com destino direto ao estado de Santa Catarina. O transporte utilizado na maior parte do trajeto foi avião e após, em alguns casos, ônibus. Ocorreram diferentes processos para realizar a interiorização. Alguns, interiorizados pela OIM, outros por iniciativa própria, por reunificação familiar ou por vaga de emprego por meio do projeto “Acolhidos por meio do trabalho”.

A decisão de deixar a fronteira está comumente vinculada ao diagnóstico de saturação do mercado de trabalho, falta de oportunidades e condições laborais precárias (Capdeville, 2021). Ilustram essa condição os relatos a seguir, de um participante que nega o convite para ir morar com um brasileiro em Boa Vista e vai posteriormente para Blumenau, e de outra participante que é interiorizada para o município de Palhoça:

*No, yo estoy buscando para **adentro**, yo no puedo quedarme aquí en Boa Vista, aquí hay muchos venezolanos, no hay empleo*”²⁶ (P11)

*Eso fue el procedimiento que nos hicieron más rápido, mientras estábamos sacando el papeleo en Roraima nos preguntaron si teníamos algún familiar o eso que podríamos venir por el gobierno mismo de Brasil (...) la situación em Manaus está un poquito también difícil porque hay demasiado venezolanos, muchos muchos venezolanos, y allá más que todo hay vendedores ambulantes, personas en los semáforos, y decidimos venirnos para acá.*²⁷ (P7)

A vinda para Santa Catarina é impulsionada por uma esperança de acesso à qualidade de vida e à empregabilidade, que na experiência dos venezuelanos não pode ser encontrada na fronteira. É preciso ir para “*adentro*”. Santa Catarina, estado situado no sul do Brasil, a mais de 5 mil quilômetros de Pacaraima, é uma dessas possibilidades. Como afirma Nascimento (2021) os índices de Desenvolvimento Humano altos em comparação a outros estados do país estimulam a busca pelo estado, bem recomendado por funcionários dos abrigos na região da fronteira e pela rede de imigrantes que previamente se deslocou:

Pesquisadora: Y tú sabías algo de Santa Catarina antes de venir?

²⁶ Não, eu estou buscando para dentro, eu não posso ficar aqui em Boa Vista, aqui tem muitos venezuelanos, não tem emprego.

²⁷ Esse foi o procedimento que fizeram mais rápido pra nós, enquanto estávamos tirando a papelada em Roraima nos perguntaram se tínhamos algum familiar ou algo assim, que poderíamos vir pelo próprio governo do Brasil... A situação em Manaus está também um pouco difícil porque há muitos venezuelanos, muitos muitos venezuelanos, e lá mais que tudo há vendedores ambulantes, pessoas nos semáforos, e decidimos vir para cá.

*Yo no, él sí (esposo) porque en una entrevista de trabajo ya conoce a su propio jefe allá. En Petry le enseñaban fotos de como era, de las playas, le contaron de los tiburones. sí, como quien dice “vá para la playa pero cuidado, ¡no vá!”*²⁸(P8)

*Allá de Santa Catarina no sabía nada, y sin embargo mi pareja se metía por youtube y empezaba a investigar lo que era Santa Catarina, los trabajos en Santa Catarina (...) que los zapatos son baratos, que hay empresas, bastante empresa textil... Si no queda bien en una pues hay otra... O sea ya veníamos con una mentalidad de que ya sabemos que es lo que vamos a encontrar aquí. Pero no sabíamos que íbamos a encontrar el desastre de los alquileres!*²⁹(P12)

A fala da participante 8 demonstra, novamente, as dificuldades de projeção no lugar de destino, bem como o demarcador do trabalho como fator definitivo do deslocamento. O esposo da participante 8 e a participante 12 foram interiorizadas para Santa Catarina pelo projeto “Acolhidos por meio do trabalho”, em que as empresas contratantes realizam as entrevistas nos abrigos, e o deslocamento só ocorre depois da seleção. Santa Catarina é conhecida por suas praias e belezas naturais, e é destino de milhares de turistas todos os anos. A imagem das praias mostradas junto à advertência da existência de tubarões funcionou, para a participante 8, como um aviso de que o lugar de destino é para trabalho, não para usufruto. Cita-se aqui a icônica frase “*queríamos mão de obra e chegaram pessoas*” de Max Frisch citada por Cavalcanti (2014) para problematizar o fato de que, mesmo Santa Catarina sendo apresentada como um lugar de prosperidade e oportunidades, está permeada de contradições e de dificuldades impostas para os imigrantes, como poderemos aprofundar mais à frente.

1.4 Significado de migrar

Todas as entrevistas com os venezuelanos começaram com a pergunta: “para você, o que significa migrar?”. Os entrevistados trouxeram em suas falas o que significava “migrar” não apenas nesse momento, mas durante a descrição da relação com a Venezuela anterior à crise, o momento em que as coisas começaram a ficar difíceis, a averiguação da necessidade de sair do país, o processo de deslocamento até chegar ao Brasil, os primeiros impactos do encontro com uma outra cultura e por fim, a interiorização.

O primeiro elemento que surge é a questão da 1.4.1 *Necessidade e obrigação*. A percepção da migração como uma questão de necessidade está vinculada à condição de

²⁸ Pesquisadora: *E tu sabias algo de Santa Catarina antes de vir?*

Eu não, ele sim (esposo) porque em uma entrevista de trabalho já conhece o seu próprio chefe lá. Em Petry mostraram pra ele de como era, das praias, contaram pra ele dos tubarões. Sim, como quem diz “vá para a praia, mas cuidado: não vá!”.

²⁹ *Lá de Santa Catarina não sabia nada, e contudo meu esposo se metia pelo youtube e começava a investigar o que era Santa Catarina, os trabalhos em Santa Catarina(...) que os sapatos são baratos, que há empresas, bastante empresa têxtil...Se não fica bem em uma pois, há outra...Ou seja, já vínhamos com uma mentalidade de que já sabemos o que é que vamos encontrar aqui. Mas não sabíamos que íamos encontrar o desastre dos alugueis.*

conservação da própria vida (Martins-Borges, 2013) e da vida de familiares. A obrigação, paralelamente a isso, remonta à conjunção de um encargo oneroso, um imperativo involuntário enfrentado pelos imigrantes. Essa impossibilidade de assegurar a continuidade da vida na Venezuela passou, no relato dos participantes, pela questão econômica do país, pela pobreza e a fome:

*Para mim, migrar seria como uma **necessidade**, mais que tudo, porque na Venezuela não é fácil a situação econômica. Lá tem trabalho, mas não paga bem. Você pode trabalhar um mês e comer dois dias, então aqui no Brasil dá pra trabalhar, chega uma diária a R\$100,00, comer vários dias. Se faço diárias por uma semana, posso mandar dinheiro para a família lá que precisa de ajuda. É mais que tudo uma necessidade, uma **obrigação** para nós venezuelanos. (P1)*

*No es cierto lo que estamos siendo **obligados** a pasar. Así como nosotros hay muchas personas que en ese momento vienen en vías, piden cola, están en la carretera, todavía están con la esperanza de llegar. Todavía, cuando llegas a Pacaraima ya el peso es menos, porque tienes una nueva esperanza, sueltas el peso que traes de Venezuela. El primer peso qué es? El peso de la **necesidad de sustentación**, de un trabajo.³⁰(P7)*

Assim como a migração aparece como a expectativa de aliviar o peso da necessidade, aparece como um peso em si. Em um contexto de migração não sonhada, desejada e almejada, o deslocamento pode ser significado também como um 1.4.2 *Sacrifício*. Esse sacrifício é feito, inicialmente, pelos sujeitos que têm mais condição de enfrentá-lo:

*“La mayor parte considero yo que migra para lograr mantenerse ellos como personas, también a nuestros hijos y a nuestros familiares en Venezuela. Es como que **uno de esa familia se sacrifica**, quizás porque soy el más fuerte, quizás porque estoy psicológicamente más preparado³¹ (P4)*

*¿Me entiendes? Es difícil porque **en la familia hay que sacrificarse**. Eso que hacemos es un **sacrificio**, en realidad, porque nadie quiere dejar su país (choro forte). Nadie quiere dejar su familia, sus padres, su casa. Porque en Venezuela no pagamos alquiler, no pagamos luz, no pagamos nada, tenemos nuestra casa, así, nos acostumbramos con eso.³² (P7)*

A palavra sacrifício remonta à uma pena, a qual o sujeito sofre para algum fim. Uma das definições de sacrifício no dicionário é “*privação, voluntária ou involuntária, de uma coisa*

³⁰ Não é certo o que estamos sendo obrigados a passar. Assim como nós há muitas pessoas que nesse momento vem nas vias, pedem carona, estão na estrada, ainda estão com a esperança de chegar. Todavia, quando chegas em Pacaraima já o peso é menor, porque tens uma nova esperança, soltas o peso que trazes da Venezuela. O primeiro peso o que é? O peso da necessidade de sustentação, de um trabalho.

³¹ A maior parte considero eu que migra para conseguir manter-se a si como pessoas, também aos nossos filhos e familiares na Venezuela. É como que um dessa família se sacrifica, talvez porque sou o mais forte, talvez porque estou psicológicamente mais preparado.

³² Me entendes? É difícil porque na família há que sacrificar-se. Isso que fazemos é um sacrifício na realidade, porque ninguém quer deixar o seu país (choro forte). Ninguém quer deixar sua família, seus pais, sua casa. Porque na Venezuela não pagamos aluguel, não pagamos luz, não pagamos nada, temos nossa própria casa, assim, nos acostumamos com isso.

digna de apreço e estima” ou “risco em que se põe os próprios interesses para interesse de alguém ou alguma coisa” (Houaiss, 2009). Nos relatos, o objeto do sacrifício aparece como elementos da terra natal deixados (casa, cultura, família, alguns direitos do cidadão venezuelano como a liberação de tarifas de energia) ou mesmo o próprio sujeito que se sacrifica (o mais forte ou que tem mais condições psicológicas para tal).

Em ambos os relatos, o objeto sacrificado é algo de valor. Souto (2013) em sua pesquisa sobre a leitura psicanalítica do sacrifício, aponta que na dinâmica deste o objeto dedicado é destruído, sendo vitimizado na busca de uma troca que, na expectativa do sacrificante, deve ser recíproca. Assim, os sacrifícios não estão reduzidos ao âmbito religioso, mas se inscrevem na cultura como uma forma de estabelecer trocas.

No caso dos imigrantes, a contrapartida esperada em meio aos sacrifícios foi nomeada em muitos casos como a 1.4.3 *Busca de qualidade de vida*.

*“Migrar, bueno, migrar es, para mí migrar es que oye, saliste de un país para otro a buscar la mejor solución para la familia, los hijos... y ayudar... **salir a buscar una mejor calidad de futuro para los niños y para la familia pues...**”³³ (P11)*

*¿Migrar? Nos venimos para acá **buscando una mejor calidad de vida (...)** Pero ya, después nosotros poco a poco entendemos un poco más... pero si, buscar una mejor calidad de vida, aunque no estamos cómodos, pero por lo menos estamos mejor, estamos mejor”³⁴ (P3)*

Como se percebe com o relato da participante 3 e 11, muito embora a situação no Brasil não esteja fácil, a migração é sustentada pela constatação e expectativa de uma vida melhor. O acesso à alimentação e educação para os filhos, bem como poder enviar dinheiro para os familiares que permanecem na Venezuela foram apontados como elementos relacionados à essa busca. Percebe-se que os significados da migração para os entrevistados movimentam-se em torno da constatação da impossibilidade de permanência no país, o imperativo da partida como necessidade e obrigação; a nomeação do sofrimento de deixar a Venezuela através do significante do sacrifício e, por fim, a abertura de uma brecha para a projeção no lugar de destino, com a busca de uma melhor qualidade de vida.

Por fim, pudemos discorrer neste capítulo sobre as algumas características do processo migratório venezuelano para o Brasil, desde a situação pré- migratória, a relação com o país de

³³ *Migrar, bom, migrar é, para mim, migrar é que escuta, saíste de um país para outro a buscar a melhor solução para a família, para os filhos... e ajudar... sair a buscar uma melhor qualidade de futuro para as crianças e para a família pois...*

³⁴ *Migrar? Nós viemos para cá buscando uma melhor qualidade de vida... Mas depois nós, pouco a pouco, entendemos um pouco mais... Mas sim, buscar uma melhor qualidade de vida, ainda que não estamos cómodos, mas pelo menos estamos melhor, estamos melhor.*

origem e a constatação da dificuldade de continuidade da vida na Venezuela por escassez de recursos. Percebemos a precariedade da preparação da partida e das condições de percurso, os desafios enfrentados nos primeiros contatos interculturais no Brasil e na interiorização para Santa Catarina, bem como os significados atribuídos pelos imigrantes a sua própria migração. As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos têm consequências em muitas esferas de suas vidas, e no próximo capítulo, abordaremos o sofrimento psíquico advindo da migração involuntária.

CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO

No presente capítulo abordaremos os sinais e sintomas de sofrimento psíquico vivenciados ao longo do processo migratório e narrados durante as entrevistas pelos imigrantes venezuelanos. Como apresentado na fundamentação teórica, a migração involuntária apresenta mudanças abruptas na vida do sujeito que podem causar danos e sofrimento psíquico (Martins-Borges, 2013; Boeira-Lodetti, 2018; Nascimento, 2021). Essas expressões do sofrimento psíquico, inscritas sempre na particularidade cultural do sujeito (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin & Pocreau, 2019) serão apresentadas por meio das subcategorias: 2.1 *Sintomas ansiosos*, onde serão trabalhadas a 2.1.1 *Alteração no sono* e a 2.1.2 *Preocupação excessiva*. Os 2.2 *Sintomas depressivos* serão caracterizados a partir dos descritores 2.2.1 *Tristeza*, 2.2.2 *Perda ou ganho de peso* e 2.2.3 *Lutos*. Delinearemos alguns 2.3 *Sintomas pós-traumáticos* por meio de relatos de 2.3.1 *Medo do retorno de uma situação traumática* e 2.3.2 *Culpa*. Por fim, retrataremos o sofrimento psíquico expresso por intermédio do corpo em 2.4 *Sintomas Psicossomáticos*, onde discorreremos sobre 2.4.1 *Dores no corpo* e 2.4.2 *Digestão*.

2.1 Sintomas ansiosos

Observou-se em pesquisas realizadas com imigrantes venezuelanos a proeminência de sintomas depressivos e ansiosos (Nascimento, 2021; Carroll et al., 2020; Waldman et al. 2021). Em relação a ansiedade, é importante pontuar que a própria condição de imigrante involuntário, permeada por experiências físicas desgastantes, incertezas e inseguranças em relação às condições básicas de manutenção da vida, tem um potencial desdobramento ansiogênico para os imigrantes (Waldman et al., 2021). Um desses desdobramentos ocorre com a 2.1.1 *Alteração no sono*:

Pesquisadora: E o sono, conseguiu dormir bem, como foi?

Primero no, no podía dormir por la niña allá en Venezuela. Después que ella llegó aquí, esteve tudo bem, foi como um pedaço da minha vida que voltou a mim e que com ela eu tenía tudo aqui en Brasil, porque mi familia es ella" (P2)

*Cuando llegamos a Juiz de Fora, los primeros 5 días yo en el baño, lloraba. ¿Por qué no vuelvo? Pero ya estaba aquí, lejos de Venezuela (...) Mucha gente nos decía que ese abrigo donde estábamos era un orfanato ahí, hace años, hubo una masacre de niños, ahí mataron muchos niños, y ahí no estábamos durmiendo. Por la noche escuchábamos “toc toc toc” y a nosotros se nos abrió la puerta, sola. A las 3, 4 de la mañana se escuchaba batidos en las puertas, barullos en la casa, las puertas no tenían seguridad*³⁵(P9)

A participante 2, que ficou alguns meses no Brasil sem sua filha ainda bebê, ilustra sua experiência ao narrar que não pôde dormir até buscar sua filha na Venezuela, demonstrando que as separações, especialmente entre pais e filhos, são fatores ansiogênicos para os pais (Bento, 2021; Carroll et al., 2020). Outros relatos de entrevistados mostravam que os sintomas de sofrimento psíquico acompanham o imigrante desde o período pré-migratório até o estabelecimento no lugar de destino, a exemplo de uma participante que diz começar a sofrer de insônia quando percebe o agravo dos problemas econômicos em seu país e segue com dificuldades para dormir no Brasil.

O caso do participante 9, que estava em um abrigo no interior de Minas Gerais, mostra que as dificuldades para dormir podem estar atreladas também ao medo. Ele narra durante a entrevista que ficou abrigado em um lugar que antigamente funcionava como um orfanato e onde havia acontecido, há muitos anos, um massacre de crianças. A representação da violência a crianças, a sujeitos que não estão em plenas condições de defender-se, seja da ordem do real ou da fantasia, repercute para o imigrante um estado de prontidão, de alerta frente à riscos, uma vez que este encontra-se também em uma posição vulnerável, apartado de suas ferramentas usuais de proteção (Costa, 2014; Kehl & Fortes, 2019).

Outra característica da ansiedade é a 2.1.2 *Preocupação excessiva*. Essa preocupação acompanha o processo migratório, nas diferentes rotinas que o imigrante vivencia em seu cotidiano, tomando uma proporção de atenção e cuidado que antes não lhes era comum. Sendo relacionada em um primeiro momento com a insegurança alimentar na Venezuela, é também sentida durante o deslocamento e no dia a dia do país de destino, como podemos ver nos relatos:

Bueno eso era para mantenerlos a vista, yo veo muchos programas de televisión, y veo que en los aeropuertos hay ese tipo de cosas, que se puede robar a los niños, que si

³⁵ *Quando chegamos em Juiz de Fora, nos primeiros 5 dias, no banho, eu chorava. Por que não volto? Mas eu já estava aqui, longe da Venezuela... Muita gente nos dizia que esse abrigo onde estávamos era um orfanato, e ali, faz uns anos, houve um massacre de crianças, ali mataram muitas crianças, e ali não estávamos dormindo. Pela noite escutávamos “toc toc toc” e a nossa porta se abriu sozinha. ÀS 3, 4 da manhã se escutava batidas nas portas, barulhos na casa, as portas não tinham segurança.*

drogan, que si... Yo estaba tan psicológicamente afectada que pensé “tengo que tenerlos a vista, así que con la camisa roja les tengo fácilmente identificados”³⁶ (P4)

Porque sí, sumí muitas vezes, me perdi em “teibiteibi”, un lugar muy grande, demasiado largo... y después de ahí me perdi en otros lados. Pero gracias a diós después pude aprender el camino y conocí todo... Bueno eso, para mí, fué bastante!³⁷ (P2)

O relato da participante 4 demonstra a preocupação durante o deslocamento. Ao ter migrado com seus 3 filhos pequenos, diz ter ficado durante o trajeto inteiro com altos níveis de tensão por temor de ter seus filhos roubados. Relata estado de vigília constante e uma de suas estratégias foi vestir os 3 meninos da mesma cor para facilitar seu controle durante o trajeto. A participante 2 apresenta o estado de preocupação em perder-se quando saía para vender salgados em Roraima e a demanda de grande energia para realização de tarefas cotidianas, como por exemplo, voltar para casa do trabalho. Essas características remontam à perplexidade constante gerada pela perda de referenciais culturais (Martins Borges, 2013; Nathan, 1994) que geram ansiedade nos imigrantes.

Outros fatores estressores que geraram preocupação nos entrevistados foram a passagem pelos postos de controle na estrada da Venezuela a caminho do Brasil, a viagem de avião para Santa Catarina em que entrevistados relataram medo de morrer e uma sensação de medo extremo, o acesso a serviços em que os profissionais não se mostravam abertos para compreensão do espanhol, dentre outros fatores que serão abordados mais profundamente nos próximos tópicos.

2.2 Sintomas depressivos

Os sintomas depressivos também foram evidenciados em uma série de relatos dos entrevistados. Os estados depressivos são comuns entre os imigrantes venezuelanos (Giraldo, Ramírez e Sanabria, 2021; Nascimento, 2021) e uma de suas expressões nas narrativas dos participantes foi a manifestação de 2.2.1 *Tristeza*:

De verdad que estaba triste por la situación. Ver cada día que tantas personas en la calle, eso me afectó psicológicamente, era como que o estás en tu país e te afectas, o sea, o me muero en mi país de tristeza, de decepción, de decepción por el gobierno, porque aun así muchas personas luchan y luchan y luchan y dicen que aún son

³⁶ Bom, isso era pra mantê-los a vista, eu vejo muitos programas de televisão, e vejo que nos aeroportos há esse tipo de coisas, que podem roubar as crianças, que se drogam, que se... Eu estava tão psicologicamente afetada que pensei “tenho que tê-los a vista, assim que com a camisa vermelha lhes tenho facilmente identificados”.

³⁷ Porque sim, sumi muitas vezes, me perdi em “teibiteibi”, um lugar muito grande, grande demais...E depois dali me perdi em outros lados. Mas graças a Deus depois pude aprender o caminho e conheci tudo...bom, isso para mim foi bastante!

*optimistas. Porque hay muchas personas que salieron, hay muchas. Pero hay muchas en Venezuela que aún siguen con el optimismo de que va cambiar*³⁸ (P4).

Y tú sientes que algo cambió en ti después que migraste? (Pesquisadora)

*Sí. (choro) **estoy muy triste.** Sí... no soy así, esa felicidad de antes... (choro fuerte). Aquí tenemos, ¿verdad? Estamos un poquito más tranquilas, pero tampoco es fácil, no es nada fácil... Por ejemplo en esos días nos trajeron comida, ellos no tenían nada que comer, y llegó justamente en ese momento. Esas cosas uno a veces se siente así porque, yo he sido una mujer que ha trabajado toda la vida sabe? Y nunca nada nos faltaba... **Entonces de repente tu vivir así, un momento así, es un poco... no sé como explicar** (...) **llegamos va hacer 2 años, y fué un poco duro para nosotros, porque era una nueva vida, un nuevo idioma, y yo sufrí mucho, estaba sufriendo de depresión, me entró una depresión horrible***³⁹ (P3).

Vemos com os relatos das entrevistadas 3 e 4 a tristeza vinculada, primeiramente, à constatação da situação de vulnerabilidade do país de origem, e posteriormente, à verificação da continuidade da situação de precariedade no Brasil. É possível observar, na fala da participante 3, a relação entre a tristeza e a afirmação da perda de sua característica de mulher trabalhadora, provedora, que não deixava nada faltar em casa. A depressão está relacionada com a identificação do sujeito com um objeto de amor perdido. A interiorização dessa perda e o não reconhecimento de si são características da melancolia (Freud, 1907/2016). As migrações involuntárias são marcadas por essas e outras perdas, cuja consequência pode ser o desencadear de um trabalho psíquico de 2.2.3 *Lutos*.

A pátria, a família, o lar, o trabalho. Esses são apenas alguns dos objetos aos quais os imigrantes entrevistados precisaram “deixar para trás” em seu processo migratório. Deixar e trazer, contudo, não são movimentos puros e excludentes do ponto de vista do psiquismo. Em Luto e Melancolia, Freud (1907/2016) aponta que a perda do objeto não implica em uma separação psíquica automática entre sujeito e objeto. O investimento libidinal direcionado ao

³⁸ *De verdade que estava triste pela situação. Ver cada dia tantas personas na rua, isso me afetou psicologicamente, era como que ou estás no teu país e te afetas, ou seja, ou morro no meu país de tristeza, de decepção, de decepção pelo governo, porque ainda assim muitas pessoas lutam e lutam e lutam e dizem que ainda são otimistas. Porque há muitas pessoas que saíram, há muitas. Mas há muitas na Venezuela que ainda seguem com o otimismo de que vai mudar.*

³⁹ *E tu sientes que algo mudou em ti depois que migrastes? (Pesquisadora)*

Sim. (choro) estou muito triste. Sim... não sou assim, essa felicidade de antes... (choro forte). Aqui temos, verdade? Estamos um pouquinho mais tranquilas, mas tampouco é fácil, não é nada fácil... Por exemplo, esses dias nos trouxeram comida, eles não tinham nada o que comer, e chegou justamente nesse momento. Essas coisas a pessoas as vezes se sente assim porque, eu fui uma mulher que trabalhou a vida toda, sabe? E nunca nada nos faltava... Então de repente tu viveres assim, um momento assim, é um pouco... Não sei como explicar... chegamos vai fazer 2 anos, e foi um pouco duro para nós, porque era uma nova vida, um novo idioma, e eu sofri muito, estava sofrendo de depressão, me entrou uma depressão horrível.

objeto perdido precisa ser redirecionado por meio de um trabalho psíquico, o qual Freud denomina luto:

*Triste, triste (chora). Porque quando cheguei estavam assim, todas as bandeiras, a de Brasil, de Venezuela, e eu fiquei triste de saber que eu já não estava no meu país. Eso me pegó duro. **Porque es triste, que tu no vas a estar con tu familia, não vai poder vir mais por um bom tempo...** E sem saber se você vai poder regressar ao seu país. Porque muitas coisas podem acontecer. Ou chegar em casa, como já me ha pasado, e ter muitos familiares que já han muerto... e **saber que eu posso llegar a casa e não olhar mais eles, eso también es duro! Eso es lo que más me pegó** (P1)*

*Pesquisadora: Y qué sentiste cuando tuviste que dejar el uniforme en la frontera? **Sentí que se despegaba un pedazo de mí. Un pedazo de mí.** Pero después se fue acostumbrando, acostumbrando, y me dije no, aquí en Brasil voy a ser lo que yo quiera, voy a luchar por mi familia y seguir, aquí se me va a dar.⁴⁰ (P10)*

Os entrevistados trazem em seus relatos exemplos dos lutos que enfrentam, a partir da perda do país, simbolizado pelo participante 1 na cena do atravessamento da fronteira ao ver a bandeira da Venezuela ficando para trás. A perda de familiares, tanto pela falta de convívio gerada pela distância, quanto por morte, também é pontuada. O participante 1, em sua experiência, perde um irmão, e assim como outros entrevistados, não têm condições econômicas de viajar para participar dos ritos fúnebres, o que é um fator que dificulta a elaboração da perda.

Com a migração, elementos importantes da constituição da identidade do sujeito também são afetados, como no caso do participante 10 que se preparou anos para ser policial da Guarda Nacional da Venezuela. O participante fez seu trajeto todo fardado, e, na fronteira com o Brasil, é colocada a condição de não apenas despir-se, mas entregar a farda aos guardas brasileiros, para que pudesse entrar. O processo de elaboração da perda vem ao conseguir “acostumar-se”, como ele mesmo diz, e conseguir reinvestir sua energia em “ser o que quiser” em “lutar” no país de destino. Contudo, essa elaboração não acontece sem antes um sofrimento e uma disputa psíquica importante por parte do sujeito, como sugere a própria ambiguidade da palavra *luto* enquanto substantivo e verbo, bem como sua tradução para o espanhol: *duelo*.

⁴⁰ *Pesquisadora: E o que tu sentistes quando teve de deixar o uniforme na fronteira?*

***Senti que se arrancava um pedaço de mim. Um pedaço de mim.** Mas depois foi se acostumando, acostumando, e me disse não, aqui no Brasil vou ser o que eu quiser, vou lutar pela minha família e seguir, aqui vai dar pra mim.*

Ao nomear a perda de um pedaço de si, o participante 10 abre também outra faceta da expressão da dor sentida no processo migratório, que pode ser enunciada por meio da 2.2.2

Perda ou ganho de peso:

El apetito! En verdad que mi apetito cambió mucho aquí en Brasil. En Venezuela yo comía, pero aquí no lo quiero comer. Aquí? Hoy desayuné, y cuando fui a almorzar ya no comí toda la comida. Yo me quedé flaquito flaquito. No sé no sé, nos daban aquella comida en los abrigos, que era siempre lo mismo, siempre lo mismo, mismo, mismo.

Pesquisadora: Pero ni en navidad, cuando hicieron las hallacas?

Ah sí, con las hallacas sí me dió el apetito! Yo he comido 3 hallacas! (...) la comida de mi abuelo. Eso es lo que más extraño de Venezuela, la comida de mi abuelo y a mi familia. (...) ¡Todos se quedaron, todos menos yo! A eso extraño, a mi familia y la comida.⁴¹ (P10)

*El apetito no lo he perdido! Sufro mucho de ansiedad, entonces me da mucha ansiedad y me provoca que **sin tener apetito, como**⁴². (P3)*

Podemos perceber que o corpo do imigrante acompanha o sofrimento psíquico e vai materializando as marcas das perdas e das tentativas de elaboração. No caso do participante 10 e da participante 3, o não reconhecimento de si mesmo excede a identificação cultural e materializa-se no corpo, na imagem. O corpo vira assim um estandarte da alteração da condição que sofre o sujeito: O participante 10, que diz que na fronteira, ao entregar sua farda, perdeu um pedaço de si, faz questão de mostrar uma foto de como era antes de migrar. A imagem vista na tela do celular mostrava o participante com o dobro de seu peso atual. A imagem da foto era *irreconhecível* se comparada com o sujeito que a mostrava. A participante 7, sua esposa, durante as entrevistas diagnostica a causa do emagrecimento do marido: ficou *flaquito* de tanto chorar.

Muito embora a participante 3 associe seu ganho de peso à ansiedade (e nesse contexto as coisas não são necessariamente excludentes), percebemos uma movimentação psíquica similar a do participante 10 em alguns aspectos. A venezuelana, antes de migrar, era cabeleireira, e diz que a profissão era central em sua construção identitária. Com seu salão de beleza, não só se afirmava como provedora do lar, mas ali socializava, dava conselhos para as clientes, tinha uma função na sua cultura. Assim como P10 perde robustez e assume uma

⁴¹ *O apetite! De verdade que meu apetite mudou muito aqui no Brasil. Na Venezuela eu comia, mas aqui não quero comer. Aqui? Hoje tomei café da manhã, e quando fui almoçar já não comi toda a comida. Eu fiquei magrinho, magrinho. Não sei não sei, nos davam aquela comida nos abrigos, que era sempre o mesmo, sempre o mesmo, mesmo, mesmo.*

Pesquisadora: Mas nem no Natal, quando fizeram as hallacas?

Ah sim, com as hallacas sim me deu apetite! Eu comi 3 hallacas! (...) a comida do meu avô. Disso é o que eu mais sinto falta da Venezuela, da comida do meu avô e a família (...) todos ficaram, menos eu! Disso eu sinto falta, da minha família e da comida.

⁴² *O apetite eu não perdi! Sofro muito de ansiedade, então me dá muita ansiedade e me provoca a que sem ter apetite, como.*

condição de fragilidade incompatível com a função de policial ao perder muito peso, P3 não consegue ficar em pé por muito tempo pois não consegue sustentar seu próprio peso, o que é inviável para uma cabeleireira. Nesses casos, tanto a perda quanto o ganho de peso excessivos no período migratório têm uma relação com a perda de si mesmo, uma despersonalização própria de estados depressivos (Freud, 1907/2016).

2.3 Sintomas pós-traumáticos

O trauma é a experiência psíquica de impossibilidade de dar contorno simbólico a uma determinada situação que causa grande impacto no sujeito, saturando suas ferramentas psíquicas de proteção e discursividade (Costa, 2014; Kehl & Fortes, 2019). A experiência da migração involuntária é permeada de violações de direitos humanos, excessos que têm efeitos psicológicos para os imigrantes que podem configurar-se em traumas (Martins-Borges, 2013). Ao entrevistarmos imigrantes em um momento após o processo de interiorização, foi possível observar, no percorrer das narrativas, cenas que remontam sintomas pós-traumáticos, como por exemplo, o 2.3.1 *Medo do retorno de uma situação traumática*:

Sí, ahora en Brasil está un poquito como que están subiendo los precios de las cosas, ¡es preocupante eso! ¡Es preocupante! Yo dije “Ay dios mío, será que nos tenemos que regresar otra vez?” No queremos andar así, rodando, mudando⁴³ (P3)

*Uno tenía que entrar a ese refugio, más cuando antes iban a deportar venezolanos. A deportar yo digo, mandar otra vez para su país. **Más de uno se volvían locos, empezaron a pegarse en el portón de refugio, encaraban a los militares, hubo muchos militares que golpeaban a los venezolanos por la actitud de ellos, fue, cuando empezó la de los documentos, todo se volvió loco, desordenado, pero en ese tiempo cuando empecé a sacar documentos fue en el abrigo ya, ya teníamos un numerito, un brazalete que identificaba que teníamos un proceso y que ya estaba abrigada allí⁴⁴ (P8)***

Com a fala da participante 3, podemos ver que a percepção de uma crise econômica no Brasil, com a crescente alta no custo de vida e em especial no preço dos alimentos, faz com que o medo de vivenciar novamente uma situação traumática como a fome se instaure. Esse medo atualiza não apenas o evento traumático que impulsiona a migração, mas a própria migração, essa também vista pela participante como algo indesejado.

⁴³ *Sim, agora no Brasil está um pouco, como que estão subindo os preços das coisas, é preocupante isso! É preocupante! Eu disse “ai meu Deus, será que teremos que regressar outra vez?” Não queremos andar assim, rodando, mudando.*

⁴⁴ *Tinha-se que entrar nesse refúgio, mas quando antes iam deportar venezuelanos. A deportar eu digo, mandar outra vez para o seu país. Mais de um ficavam loucos, começaram a agarrar-se no portão do refúgio, encaravam aos militares, houve muitos militares que golpeavam aos venezuelanos pela atitude deles, foi quando começou a questão dos documentos, tudo ficou louco, desordenado, mas nesse tempo quando comecei a tirar os documentos foi no abrigo já, já tínhamos um numerzinho, um bracelete que identificava que tínhamos um processo e que já estava abrigada ali.*

Já a fala da participante 8 mostra a situação dos abrigos, e a condição de institucionalização do imigrante que representa também um potencial traumático. A cena dos venezuelanos agarrando-se ao portão do abrigo, e, na percepção da entrevistada, “ficando loucos”, mostra que o medo do retorno de uma situação traumática pode ter desdobramentos dissociativos, de intenso sofrimento. Esse sofrimento é causado e intensificado por uma política institucional violenta. O abrigo, na fala da participante, abarca tanto a esfera da proteção, do refúgio simbolizado em ter (ou ser) um número e um bracelete, quanto a esfera da violação: o Estado, na figura dos militares, detém o poder de agredir os venezuelanos, bem como de deportá-los. É importante demarcar que a vivência nos abrigos esteve presente em muitos relatos como um momento traumático entre os entrevistados, o que aponta para a necessidade de atenção nas primeiras políticas de acolhimento vivenciadas pelos imigrantes venezuelanos.

Outra face dos sintomas pós-traumáticos é manifestada pelos imigrantes venezuelanos através do sentimento de 2.3.2 *Culpa*, como podemos ver nas falas dos participantes:

*Me vine para acá siendo policía todavía. Yo me vine del sector. Yo deserté de Venezuela, siendo aún policía. Venezuela empezó a empeorar, y yo no sabía que hacer, el sueldo no me alcanzaba para nada, yo no podía ayudar a mi familia, por eso decidí salir a trabajar. Vi la situación de mi casa. Una situación muy fea, y yo no le dije nada a mi mamá ni a nadie. (...) Mi familia está contenta porque, a pesar de que yo les abandoné, les abandoné pero tengo un trabajo mejor*⁴⁵ (P10)

*Él se queda y me dá cosas con él (choro) me siento mal, por qué él está pasando mal. Él necesita orientación de papá y mamá, el cariño de papá y mamá y hermano. Como él se siente solo, anda mal, anda haciendo cosas que no debe hacer allá (...) Entonces el papá de él también se viene aquí a Brasil con su esposa y también me lo abandona allá (...) una de las cosas que me dan cosita es haberlo abandonado allá, dejarlo solo. Si tú no tienes la orientación de mamá y papá tú vas a meter la cara y no es bueno para ti, porque no sabes lo que estás haciendo. Entonces eso es lo que está pasando con mi muchacho allá. Es un dolor...mucho dolor*⁴⁶ (P12)

É perceptível na fala dos participantes a frequência do uso de palavras relacionadas ao abandono. Em relação ao primeiro trecho, a culpa aparece no sujeito ao perceber que não consegue aportar para a família o suficiente para superar a condição de dificuldade. A culpa o

⁴⁵ *Eu vim para cá sendo policial ainda. Eu vim do setor. Eu desertei da Venezuela, sendo ainda policial. Venezuela começou a piorar, e eu não sabia o que fazer, o salário não era suficiente para nada, eu não podia ajudar a minha família, por isso decidi sair a trabalhar. Vi a situação da minha casa, uma situação muito feia, e não disse nada à mamãe, nem a ninguém. Minha família está feliz porque, apesar de que eu os abandonei, os abandonei, mas tenho um trabalho melhor.*

⁴⁶ *Ele fica e me dá coisas com ele (choro) me sinto mal, porque ele está passando mal. Ele necessita orientação de papai e mamãe, o carinho de papai e mamãe e irmão. Como ele se sente só, anda mal, anda fazendo coisas que não deve fazer lá (...) Então o pai dele também vem para o Brasil com a sua esposa e também o abandona lá (...) uma das coisas que me dão “coisinha” é haver abandonado ele lá, deixado ele sozinho. Se tu não tens a orientação de papai e mamãe tu vais meter a cara e isso não é bom para ti, porque não sabes o que estás fazendo. Então isso é algo que está acontecendo com o meu menino lá. É uma dor... muita dor.*

acompanha ao identificar-se como quem *desertou* do país e *abandonou* a família, mesmo que agora tenha um trabalho melhor. Já a participante 12 nos diz de sua culpa por deixar um filho jovem na Venezuela. A culpa em ambos os casos diz de uma condição de relação de dívida com quem permanece na Venezuela, a interiorização da responsabilidade sobre a saída do país e da percepção de fracasso em ocupar um papel, seja o de mãe, seja o de filho (Seineman e Rosa, 2021).

2.4 Sintomas psicossomáticos

O ser humano, como uma totalidade, não pode ser mecanicamente fracionado entre corpo e psique, como se essas fossem estruturas distantes e incomunicáveis. A relação intrincada entre o simbólico e o físico, que se apresenta nas manifestações corpóreas das pulsões e das impossibilidades de elaborações simbólicas nos leva a indicação de que “*o inconsciente é psicossomático*” (Queiroz, 2008). Não são raras as vezes em que os imigrantes, na falta de possibilidades de uso da língua materna ou de acesso a conteúdos inconscientes, comuniquem-se por meio de seu corpo (Martins-Borges, 2013). Os sintomas psicossomáticos foram menos mencionados nas entrevistas, mas apareceram em dois participantes. Em relação a 2.4.1 *Dores no corpo*, destacaram-se os relatos da participante 3:

*Espondilolisis, espondilolisis en la cervical, una enfermedad en la cervical... Y fibromialgia, que son **dolores en todo el cuerpo**, no sé si es por tanta cosa... que yo estoy enferma, problema de tiroides (...) Cuando las cosas se pusieron así, yo sentí que me enfermé, **todo todo me cayó encima, todo.***

*(...) A mi me dió covid porque, a mi me dió una **parálisis facial** cuando estaba en Manaus. Recibí una noticia de que un hermano mío le dió un infarto, un hermano mayor, y el **susto fué tan impresionante que me durmió la cara**, y se me voltió, **se me salía el água por el canto de la boca**, tenía la cara fea fea... Ahí me hospitalizaron, me llevaron al hospital y ahí me contagié con Covid⁴⁷ (P3).*

No relato da participante 3, percebemos um aspecto cumulativo, uma narrativa que aponta para um excesso. Uma das questões somáticas apresentadas foi a fibromialgia. A fibromialgia é definida como uma “*síndrome dolorosa crônica, não inflamatória, de etiologia desconhecida, que se manifesta no sistema músculo-esquelético, podendo apresentar sintomas em outros aparelhos e sistemas*” (Provenza et al., 2004). A doença, em relação a qual ainda existem muitas lacunas de estudo, é diagnosticada majoritariamente entre as mulheres, e teve

⁴⁷ *espondilose, espondilose na cervical, uma doença na cervical... e fibromialgia, que são **dores em todo o corpo**, não sei se é por tanta coisa... que eu estou doente, problema de tiroide (...) quando as coisas ficaram assim que eu senti que eu adoeci, **tudo caiu em cima de mim, tudo.** (...) Peguei Covid porque, me deu uma **paralisia facial** quando estava em Manaus. Recebi uma notícia de que um irmão meu teve infarto, um irmão mais velho, e o **susto foi tão impressionante que me dormiu a cara**, e voltava, **saía a água pelo canto da minha boca**, estava com a cara feia, feia... Ali me hospitalizaram, me levaram ao hospital e ali me contagei com Covid.*

seu desenvolvimento associado a eventos traumáticos em diversos estudos, sendo um fenômeno localizado no campo somático e psíquico (Provenza et al., 2004; Freitas e Peres, 2017). Foi ainda associada, em estudo denominado “O corpo na Psicanálise: o caso da Fibromialgia”, a uma ausência ou debilidade de recursos simbólicos frente a uma carga grande de estímulos pulsionais, que encontram sua expressão no corpo (Avelino, 2014).

Questões como a fibromialgia, a espondilose, os problemas na tireoide começam a surgir na época em que se instaura a crise no país de origem. São tantos os sofrimentos acumulados ao longo do processo migratório, “*tanta coisa*” que “*cai em cima*” da imigrante, que ela chega ao ponto da paralisia, de não poder realizar uma tarefa simples de controle sobre si, como engolir a própria saliva. As perdas sofridas, somadas à condição de isolamento, de não domínio do idioma do país de destino, geram a condição de ausência de um canal de escoamento da dor, que é materializada de diversas formas no corpo. Uma outra forma de localizar no corpo a dor da migração involuntária é por meio de questões de 2.4.2 *Digestão*:

Pasé 3 meses en Pacaraima llorando y sufriendo porque no tenía trabajo y no tenía lo que comer y ya me estaba dando náuseas y ganas de vomitar porque lo que se nos daba era el grano, “feijão”⁴⁸ (P10)

As questões do participante 10 com a comida já foram introduzidas na seção de perda ou ganho de peso. Nesse trecho, ele traz o elemento da náusea, da vontade de vomitar. Essa vontade surge em ligação com dois elementos: primeiramente, em relação com o sofrimento ocasionado pela ausência de trabalho, e conseqüentemente, da impossibilidade de comprar comida. Em segundo lugar, a vontade de vomitar era atrelada a comida a qual ele tinha acesso: o feijão. O participante, que acabou perdendo muito peso durante seu processo migratório, relata não sentir vontade de comer desde que chegou ao Brasil. A exceção se encontra em momentos em que come pratos típicos da Venezuela, que lhe fazem recordar da comida feita por seu avô, que tem um peso importante na construção de sua identidade. A repulsa pela comida do Brasil, a vontade de vomitar, pode tomar uma dimensão metafórica (Netto et al., 2013) ao representar a movimentação psíquica da dificuldade de incorporar, de ingerir e digerir esse elemento alheio a si, que representa a cultura do outro.

Assim, pudemos neste capítulo observar as principais expressões do sofrimento psíquico narradas pelos imigrantes venezuelanos entrevistados. Sintomas ansiosos e depressivos apareceram em um número maior de casos, por meio de alterações no sono, preocupação excessiva, tristeza, perda ou ganho de peso e lutos em relação às perdas sofridas

⁴⁸ *Passei 3 meses em Pacaraima chorando e sofrendo porque não tinha trabalho e não tinha o que comer, e já estava me dando náuseas e vontade de vomitar porque o que nos davam era o grão, “feijão”.*

durante o processo migratório. Em menor escala, mas de igual forma importante, manifestaram-se sintomas pós-traumáticos e sintomas psicossomáticos, manifestos no medo de retorno de situações traumáticas, sentimento de culpa, dores no corpo e problemas de digestão. A fim de nos aprofundarmos sobre o contexto e as variáveis que suscitam o sofrimento trabalhado neste capítulo, nos debruçaremos, na sequência, sobre aspectos dos fatores de risco para a saúde mental dos imigrantes venezuelanos.

CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO

Tendo caracterizado o processo migratório e os sintomas de sofrimento psíquico apresentados no decorrer do trajeto pelos imigrantes entrevistados, partiremos para uma sistematização dos fatores que se configuram como um risco à saúde mental para eles no Brasil. Iniciaremos abordando aspectos da 3.1 *Xenofobia, Racismo e Aporofobia* expressos em ações de 3.1.1 *Preconceito linguístico* e 3.1.2 *Marginalização*. Na sequência, trabalharemos às 3.2 *Condições laborais precárias*, como 3.2.1 *Trabalhar fora da área de formação*, 3.2.2 *Superexploração* e o 3.2.3 *Desemprego*. Por fim, veremos os fatores de risco associados à 3.3 *Falta de acesso à direitos*, como o direito à 3.3.1 *Saúde*, 3.3.2 *Educação*, 3.3.3 *Moradia*, 3.3.4 *Lazer e Direito à Cidade* e 3.3.5 *Segurança*.

3.1 Xenofobia, Racismo e Aporofobia

Os fenômenos migratórios são demarcados pelo encontro de alteridades. A migração de venezuelanos ocorre no contexto do sul global, mais especificamente na América Latina, entre países marcados por séculos de exploração colonialista e capitalista que deixam severas marcas psicossociais e econômicas em suas populações. A colonização, como afirmam Rosa, Faustino, Binkowski e Souza (2021), arraigou na socialização dos sujeitos os marcadores da diferença atrelando-os à desigualdade e conformando a ideia de um Outro racializado, explorável, dezumanizável. Esse Outro, contudo, não é alguém alheio, mas representação de um Eu paradoxal (Souza, 1998), que expurga e concentra o insuportável de si nesse Outro. No contexto brasileiro, esse Outro pode ser representado na figura do negro, da mulher, ou do imigrante, por exemplo. Existem várias formas de expressão da xenofobia, do racismo e da aporofobia como demarcadores da exclusão do Outro expressas contra imigrantes venezuelanos no Brasil. Duas chamaram a atenção mais diretamente nas entrevistas, a começar pelo 3.1.1 *Preconceito linguístico*.

Cuando yo iba a un sitio a comprar o al médico y no me entendían, ay, me ponía a llorar porque habían personas duras, comprende? “Tienes que aprender a hablar portugués!” (imitando a voz) y yo, ok, me sentía como que... ¡Me sentía mal! (...) eh,

fué traumático porque muchas personas nos decían que teníamos que hablar, que si no hablábamos en portugués que no nos irían atender, tuvimos esa... Hubo una secretaria que me afectó mucho cuando dijo “tienes que hablar! tienes que hablar portugués porque si no hablas portugués, no hable conmigo porque no la entiendo!” Y me trataba así, yo salí llorando...⁴⁹ (P3).

*A mí me tocó una pequeña experiencia cuando empecé el principio, de trabajar en las mesas donde están las máquinas de costura, y tengo a otra venezolana que vive junto conmigo en el grupo. Del otro lado está una brasileña. Entonces una brasileña le habla a otra brasileña y le dice “que arrecho, cómo le dan oportunidades al venezolano habiendo tanto brasileiro con ganas de trabajar!” **Ella cree que yo no la escuché, yo la escuche o sea, yo le entendí, porque no puedo hablar el portugués bien pero sí lo entiendo.** Como hay palabras que muy poco entiendo, como hay palabras que si lo entiendo, y lo que dijo ella, lo que te lo estoy diciendo con mi propia palabra, lo entendí⁵⁰ (P12)*

A linguagem é o que nos introduz no mundo simbólico e nos humaniza. Nesse sentido, a interdição da fala, da condição de acesso ao outro, gera no sujeito o isolamento e a impossibilidade de proteger-se. No relato da participante 3, escutamos uma experiência que é comum a outros imigrantes venezuelanos, a saber, a dificuldade de comunicação, especialmente em instituições de saúde (Nascimento, 2021; Zambrano, 2021; Souza, 2020). O espaço de saúde deveria cumprir um papel de esforço de interpretação, de interesse e cuidado sobre o outro, mesmo que esse outro não saiba dizer exatamente do que sofre. A participante, ao narrar o seu choro, diz do nível de sofrimento por não poder comunicar seu mal-estar em um espaço que, a priori, é de cuidado. O que autoriza a negação de atendimento a um imigrante que não domina o português?

Já a fala da participante 12 mostra outro contexto de exclusão por meio do idioma, em que colegas de trabalho criticavam os venezuelanos em português perto de duas venezuelanas, como se essas não as pudessem compreender. Aqui, a linguagem apresenta-se como despersonalização do outro, como negar a própria existência do outro, invisibilizando-o. A participante, contudo, durante a entrevista, afirma seu lugar como sujeito ao dizer que sim

⁴⁹ *Quando eu ia a um lugar fazer compras ou ao médico, e não me entendiam, ai, me punha a chorar porque haviam pessoas duras, compreende? “Tens que aprender a falar o português!” (imitando a voz) e eu ok, me sentia como que... me sentia mal! (...) eh, foi traumático porque muitas pessoas nos diziam que não tínhamos que falar, que se não falássemos em português não iriam nos atender, tivemos essa... Houve uma secretária que me afetou muito quando disse “tens que falar” tens que falar o português porque se não falas o português, não fale comigo porque eu não lhe entendo!” e me trataba assim, eu saí chorando.*

⁵⁰ *Eu tive uma pequena experiência quando comecei no princípio, de trabalhar nas mesas onde estão as máquinas de costura, e tenho ali a outra venezuelana que vive junto comigo, no grupo. Do outro lado está uma brasileira. Então, uma brasileira fala para a outra brasileira e lhe diz: “que absurdo, como dão oportunidades ao venezuelano havendo tanto brasileiro com vontade de trabalhar!” Ela crê que eu não a escutei, mas eu a escutei, ou seja, eu lhe entendi, porque não posso falar o português bem, mas sim o entendo. Como há palavras que entendo muito pouco, como há palavras que eu sim entendo, e o que disse ela, o que estou te dizendo com a minha própria palavra, eu o entendi.*

entende, que ela possui a condição humana de fazer leituras e interpretações sobre as interações. Assim, constata-se que a imposição do monolinguismo no Brasil (Zambrano, 2021), e a ausência de descentramento linguístico nos locais de saúde e trabalho afere aos imigrantes venezuelanos um importante nível de estresse e sofrimento psíquico (Waldman et al, 2021).

Outra esfera do processo de exclusão dos imigrantes ocorre pela 3.1.2 *Marginalização*. Essa palavra, utilizada por uma das participantes para nomear o processo de exclusão identificado em sua vivência, remonta ao movimento de ser levado para a margem, a borda externa, a fronteira, o lado contrário ao centro: a periferia:

*Yo vine con intención de trabajar y de no quitarle el trabajo a nadie. Porque yo vine para trabajar, dar lo que yo pueda. Más no que venga otro brasileiro hasta criticándonos a nosotros, **a marginarnos, porque esa es la palabra, marginarnos.** Entonces he visto y escuchado y he sentido como **nos humillan, prácticamente no nos toman en cuenta!**⁵¹ (P12)*

*Ahorita la frontera está cerrada porque en Pacaraima ya hay demasiado venezolano. Entonces no los quieren tener en la calle y **en las calles duermen y se la ponen demasiado sucia...** entonces es donde quiera hay un venezolano durmiendo y eso lo que le llama la atención, no le gusta pues a los federales que tenga todos esos niños tirados en el suelo, entonces decidieron cerrarla, están dentro de la frontera de Venezuela y Pacaraima están los militares ahí, resguardando y devolviendo para atrás (...)⁵² (P11)*

Os relatos trazem duas perspectivas das inúmeras formas de marginalização sofridas por imigrantes no Brasil. A participante 12 diz sentir-se humilhada e marginalizada, principalmente em seu contexto laboral, o que aprofundaremos em breve. O participante 11 traz em seu relato a cena dos imigrantes em situação de rua no Brasil. O discurso de que os imigrantes “sujam” as ruas ao dormir nelas mostra um aspecto perverso não apenas das desigualdades existentes no país, mas também da narrativa construída sobre os imigrantes. Não são as ruas que são sujas e inapropriadas para que seres humanos durmam nelas, mas os seres humanos (venezuelanos) que sujam as ruas com sua presença. Outros relatos trouxeram a questão da “limpeza” e da “sujeira” em uma perspectiva de demarcação da inferioridade do imigrante. Uma das venezuelanas entrevistadas, de pele negra, diz que onde trabalhava como doméstica não comiam a comida que ela preparava, porque ela era venezuelana. Também relata que, ao fazer

⁵¹ Eu vim com a intenção de trabalhar e não de tirar o trabalho de ninguém. *Porque eu vim para trabalhar, dar o que eu possa. Mas que não venha outro brasileiro até criticando-nos, **marginalizando-nos, porque essa é a palavra, marginalizar-nos.** Então eu tenho visto e escutado e tenho sentido como **nos humilham, praticamente não nos levam em conta.***

⁵² Agora a fronteira está fechada porque em Pacaraima já há venezuelanos demais. Então não os querem ter ali na rua, e nas ruas dormem, e então as deixam muito sujas...então em todos os lugares há um venezuelano dormindo e isso é o que lhes chama a atenção, os federais não gostam que haja essas crianças jogadas no chão, então decidiram fechá-la, e dentro da fronteira entre Venezuela e Pacaraima estão os militares ali, vigiando e deportando.

faxina para uma brasileira, percebeu que “os brasileiros” são fanáticos por limpeza, e que ela, por ser venezuelana, precisava ser mais limpa ainda.

Esses elementos podem ser vinculados à xenofobia, mas também ao racismo. Embora esse marcador não seja nomeado pelos participantes, é impossível falar sobre a sociedade brasileira sem ao menos pontuar a questão do racismo em sua estrutura e nuances. Relatos da pesquisa realizada por Schucman (2012) sobre relações raciais no Brasil demonstram uma associação presente no inconsciente da branquitude brasileira entre o que seria o “branco puro”, associado a elementos como a pureza, a limpeza e até ao sabão em pó. Na contramão, elementos fenotípicos indígenas ou negros estariam relacionados à sujeira, ao que está “encardido”, pois é não-branco e não-europeu. Associar os imigrantes venezuelanos à sujeira pode, então, revelar um aspecto racista da sociedade brasileira. Esses exemplos demonstram como os marcadores de classe social e raciais se apresentam no fenômeno da migração de venezuelanos para o Brasil de forma articulada e permeada pela atualização de uma história cujas feridas abertas seguem sem cicatrizar-se.

3.2 Condições laborais precárias

A relação com o trabalho foi outro fator presente em muitos dos relatos de venezuelanos no Brasil. Pesquisas mostram que a precariedade nas condições laborais é um fator de risco para a saúde mental dos imigrantes (Carroll et al., 2020; Villarroel, 2021). Um dos fatores que caracteriza essa precariedade é 3.2.1 *Trabalhar fora da área de formação*:

Bueno, yo más que todo me desarrollo en el área administrativa, soy técnica en comercio y servicios administrativos, mención en contabilidad. Yo egresé como técnico en eso, y después estudié técnico comercial⁵³ (P4)

*Eu estudava, eu sou, como se diz aqui? Técnico superior universitário em processos químicos. Eu tenho o título e tudo. Mas não pude seguir porque, me falta só uma matéria, matemática, para acabar Engenharia (...) aqui trabalho desde pedreiro, eletricista e carpinteiro, qualquer coisa... pintor... alguém fala “quem tira o barro?” Como eu não tenho trabalho fixo, **tenho que fazer qualquer coisa!** Como agora eu tenho uma família que alimentar também, não tem que pensar muito, tem que trabalhar (P1)*

Embora na presente pesquisa a questão da formação universitária não tenha aparecido com muita frequência, é comum na literatura encontrarmos como um dos desafios para os imigrantes venezuelanos a dificuldade de revalidação de diplomas universitários (Berríos-Riquelme, 2021). O participante 1 e a participante 4 não obtiveram a validação de seus diplomas

⁵³ *Bom, eu, mais que tudo, me desenvolvo na área administrativa, sou técnica em comércio e serviços administrativos, menção em contabilidade. Eu me formei como técnica nisso, e depois estudei técnico comercial.*

técnicos e encontravam-se, no momento da entrevista, desempregados, o que acarreta uma subutilização de sua formação. Todos os entrevistados neste trabalho possuíam ensino médio completo, e muitos no Brasil depararam-se com condições laborais de 3.2.2 *Superexploração*:

*Una de las injusticias que he visto y que he presenciado en el trabajo es que ...ay cómo es la palabra... Oye cómo han humillado el venezolano! En la forma de que no se nos dan a sus derechos (...) lo de ellos es producir, producir, **para que nosotros como animales produzamos para la empresa y no es justo, porque prácticamente nos están tratando como animales**, ves que nos están tratando como animales y no como personas, **no como ciudadanos**, me entiendes? (...) **Entonces qué solamente hay derecho para brasileños y para el para el inmigrante no? ¿Tú tomas más en cuenta al brasileiro y al venezolano no?**⁵⁴ (P12)*

Lá em Boa Vista, vendendo carregador, fone de ouvido, meia, cigarro, essas coisas. Em Manaus não trabalhei porque não consegui trabalho de nada. E aqui, estou trabalhando de faxina, por diária (P2)

A participante 12, que trabalha em uma fábrica da indústria têxtil, relata sobre suas impressões no ambiente de trabalho. A participante perguntou, ao início da entrevista, se poderia fazer uma denúncia em sua fala. Com a resposta afirmativa, contou que na empresa os venezuelanos foram informados de que apenas laudos médicos feitos pelo médico da empresa seriam válidos, e que atestados vindos do posto de saúde ou hospitais não tinham valor para dispensa laboral. Contou de uma colega de trabalho, também venezuelana, que desmaiou na fábrica após consultar inúmeras vezes o médico da empresa, que não pediu exames e receitou apenas um comprimido para dor. Por fim, contou que quando por algum motivo, um venezuelano não comparece à fábrica por um dia, são descontados dois dias de trabalho. Essas condições são sentidas pela participante como desumanas, animaisca.

Outro aspecto da superexploração é visto no contexto de informalidade laboral, vivenciada principalmente por venezuelanos que trabalham como ambulantes (Silva, Barreto, Millene e Costa, 2020), como ilustra a participante 2. Essa forma de trabalho, conforme os autores, além de gerar uma exposição grande sem nenhum tipo de segurança, demonstrou ter como consequência psíquica a desmotivação e a sensação de “derrota social” ao não gerar estabilidade para o sujeito. Além do sofrimento por não conseguir trabalhar em sua área de formação, ou por trabalhar em condições muito precárias, impõe-se ainda a condição do 3.2.3 *Desemprego*, como podemos ver com a fala da participante 3:

⁵⁴ *Uma das injustiças que eu vi e presenciei no trabalho é que... ai, como é a palavra... Escuta, como tem humilhado o venezuelano! Na forma como não nos dão seus direitos(...) o negócio deles é produzir, produzir, **para que nós como animais produzamos para a empresa e não é justo, porque praticamente estão nos tratando como animais**, vês que estão nos tratando como animais e não como pessoas, **não como cidadãos**, me entendes? (...) Então só há direitos para brasileiros e para o imigrante não? Tu tomas em conta ao brasileiro e ao venezuelano não?*

*Y si estuviéramos económicamente bien pues sería más fácil, pero nosotros no venimos con dinero, así como para “vamos a montarnos un negocio, hacer eso...” sería muy bien, pero no nos venimos así, sino a trabajar, y yo digo que **la tristeza mía es sobretudo porque yo no puedo trabajar, porque cuando uno trabaja se siente útil, se siente bien, mi vida cambia***⁵⁵ (P3).

Dentre os 12 entrevistados, 8 estavam desempregados. Destes 8, 7 eram mulheres. Dentre os 4 que tinham emprego formal, 3 foram interiorizados por programas laborais, ou seja, vieram para Santa Catarina com um trabalho garantido. Todos os entrevistados residentes na região da Grande Florianópolis estavam desempregados, vivendo apenas de “bicos” ou sendo sustentados por outro familiar. O desemprego no Brasil em 2022 chegou ao marco de 11,9 milhões de pessoas, ou seja, uma taxa de desemprego de 11,1%. Soma-se a isso as 4,6 milhões de pessoas encontram-se desalentadas, ou seja, já desistiram de buscar emprego, e a conformação de uma taxa de subutilização de 23,2% (IBGE, 2022). Esse cenário demonstra que o desemprego, um dos grandes problemas sociais no Brasil, aflige também a população imigrante venezuelana.

3.3 Falta de acesso à direitos

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, todo ser humano, independentemente de qualquer característica de gênero, raça, origem ou sexualidade, tem direitos básicos que devem ser assegurados em qualquer território (UNESCO, 1998). Contudo, a experiência do migrante involuntário é marcada pela violação desses direitos (Martins-Borges, 2013). Uma dessas violações ocorre em relação ao direito à cuidados médicos e à 3.3.1 *Saúde*, como relatam os participantes:

*Então as pessoas com a pandemia não tinham máscara, todos ficavam juntos na hora da comida, e afinal quase todos ficamos contagiados de Covid (...) eu não tinha olfato, gosto, quatro dias de muita febre. **Eu ficava deitado assim e parava de respirar, batia assim no peito para poder respirar um pouco, toda a noite. (bate com força no peito para demonstrar) Foi assim como por quase 9 dias (...) eu achava que eu ia morrer! Minha família não sabia onde eu estava, meu primo estava em outro sítio, em uma fazenda, saiu para trabalhar, e eu estava sozinho nesse abrigo, não conhecia ninguém, eu pensava que eu ia morrer aqui!*** (P1)

*Entonces mi hermana por teléfono, porque nadie sabía, ni mi esposo, ella que me daba ánimo (...) Tomé vitaminas y un antibiótico que estaban dando en ese tiempo, el azitromicina, no me lo querían vender en la farmacia, **había que irse al médico, pero***

⁵⁵ *E se nós tivéssemos economicamente bem, seria mais fácil, mas nós não viemos com dinheiro, assim como para “vamos montar um negócio, fazer isso...” seria muito bom, mas não viemos assim, se não que para trabalhar, e eu digo que a minha tristeza é sobretudo porque eu não posso trabalhar, porque quando a pessoa trabalha, ela se sente útil, se sente bem, a minha vida muda.*

yo pensaba que me iban a hospitalizar, y mis hijos? (...) para mi fue demasiado, demasiado catastrófico eso de lo coronavirus y el miedo que eso fuera a dar en los niños, estábamos todos en el mismo cuarto, ellos en la cama grande y yo en la cama pequeña. ¡No voy a tocar en las cosas! Hacer la comida y no saber si estaba salgada, o muy dulce... Eso fue de verdad horrible, yo estaba sola, yo tenía que sacar la fuerza, recuerdo que tuve que levantarme a la noche porque sentía que no podía respirar. A esa hora puse agua a hervir e hacer de vaporización, para poder respirar, y mis hijos durmiendo y yo en silencio pero lloraba todas las noches, todas las noches, horrible.⁵⁶
(P4)

Durante as entrevistas, diferentes relatos de imigrantes que obtiveram dificuldades para acessar o sistema de saúde apareceram. Já abordamos anteriormente, ao discutir o preconceito linguístico, as barreiras que o monolinguismo e a falta de descentramento cultural (Zambrano, 2021; Devereux, 1973) impõe aos imigrantes na questão da saúde. Dentre os relatos que tocavam no tema, optamos por trazer dois que narram a experiência de adoecimento pela Covid-19.

Em um contexto de pandemia global, ser contagiado pela Covid-19 representou para muitos a iminência da morte (Marsillac, 2020). Sendo um imigrante, a situação enfrentada é ainda mais delicada. O participante 1 traz em seu relato a exposição massiva dos imigrantes ao vírus nos abrigos, e a situação de precariedade enfrentada ao passar pela doença sem auxílio médico. O caso da participante 4 ilustra uma situação que aparece em mais de um relato. Duas entrevistadas mães que se encontravam sozinhas com crianças no Brasil passaram pela Covid-19 sem buscar auxílio médico, por medo de serem apartadas de seus filhos, que contavam unicamente com o cuidado delas. Uma outra entrevistada relatou que, ao ser contagiada, se trancou em casa com seu filho de colo e sua filha de cinco anos, e que ao chegar ao ponto de não conseguir levantar-se da cama, a menina molhava camisetas e colocava na testa da mãe. Esses relatos apontam para as situações desesperadoras que passaram os imigrantes durante a pandemia.

O Brasil possui um Sistema Único de Saúde ancorado constitucionalmente no princípio da universalidade (Brasil, 1988), ou seja, o acesso à saúde pública não é restrito aos cidadãos de naturalidade brasileira: é um direito de todos, qualquer seja a origem do sujeito. Para que

⁵⁶*Então, a minha irmã por telefone, porque ninguém sabia, nem o meu esposo, ela que me dava ânimo(...) tomei vitaminas, e um antibiótico que estavam dando nesse tempo, a azitromicina, não queria me vender na farmácia, havia que ir ao médico, mas eu pensava que iam me hospitalizar, e os meus filhos? (...) para mim foi muito, muito catastrófico isso do Coronavírus, e o medo que isso fosse dar nas crianças, estávamos todos no mesmo quarto, eles na cama grande e eu na cama pequena. Não vou tocar nas coisas! Fazer a comida e não saber se está salgada ou muito doce... Isso foi de verdade horrível, eu estava sozinha, eu tinha que tirar a força, me lembro que tive que me levantar à noite porque sentia que não podia respirar. A essa hora eu pus a água para ferver e fazer de vaporização, para poder respirar, e meus filhos dormindo e eu em silêncio, mas chorava todas as noites, todas as noites, horrível.*

isso seja uma realidade, contudo, é necessário que os serviços de saúde ofereçam atendimento sensível às singularidades culturais dos imigrantes (Souza-Lopes, 2021), incluindo tanto a atenção às particularidades linguísticas e culturais, quanto a situação de vulnerabilidade própria da migração involuntária que propicia medos e desconfiança no sujeito.

Outro direito ao qual os imigrantes apresentaram dificuldade de acesso durante as entrevistas foi o direito à 3.3.2 Educação:

Pesquisadora: Y tú, tienes algún sueño?

Bueno, si tengo, pero no sé... Lo que me han dicho es que aquí es complicado porque yo quisiera, aparte de trabajar, proseguir mis estudios... Irme a la universidad. Pero me han dicho que aquí en Brasil es muy difícil, hay que hacerse un papeleo, de Venezuela, y no sé cómo hacerlo ⁵⁷(P7).

Sí quiero estudiar, sí quiero ejercer lo que no pude en Venezuela, pero lo que me frena son los niños. Bueno, pero en qué momento entonces yo lo hago? He pasado todo ese tiempo pensando en eso. O son ellos o soy yo. Esperando también que haya tiempo también para uno cumplir su meta, van pasando los días y los niños, los niños, los niños, y yo quiero que ellos estudien, mi hija quiere hacer un curso de inglés, entonces son sus sueños o los míos, porque juntos de verdad que no es posible. Por lo menos yo no, porque soy la que los lleva, los trae, cocina, lava, no hay tiempo ⁵⁸(P4)

Com os relatos das participantes, podemos observar algumas das barreiras que se impõe no acesso ao estudo. A participante 7, uma mulher jovem, que saiu da Venezuela enquanto cursava uma graduação, vê na burocracia de validação de documentos venezuelanos no Brasil um obstáculo para seu acesso à universidade, o que comprovadamente não é um caso isolado (Berríos-Riquelme, 2021). Já a participante 4 pontua que seu sonho de estudar encontra um limite material na sua disposição de tempo, uma vez que o acúmulo de tarefas domésticas e a maternidade a faz ter que optar entre seu estudo e o dos filhos. Esse relato coloca em cena o debate sobre a condição da mulher e mãe imigrante, marcada por abdições em nome do cuidado com o outro, uma vez que a maternidade ocupa um lugar central na própria identidade de muitas mulheres (Nascimento, 2021). Pontuamos que esse cuidado poderia ser socializado por meio de políticas públicas mais efetivas, aliviando a carga que ainda pesa sobre os ombros das mulheres.

⁵⁷ *Pesquisadora: E você, tem algum sonho? P7: Bem, sim tenho, mas não sei... O que me disseram é que aqui é complicado porque eu gostaria, além de trabalhar, de continuar meus estudos... Ir para a universidade. Mas me falaram que aqui no Brasil é muito difícil, tem que fazer papelada, da Venezuela, e eu não sei como fazer.*

⁵⁸ *Quero estudar, quero exercer o que não pude na Venezuela, mas o que me impede são as crianças. Bem, mas em que mometo, então, eu faço isso? Passei todo esse tempo pensando nisso. Ou são eles ou sou eu. Também torcendo para que haja tempo para cumprir a meta, os dias passam e as crianças, as crianças, as crianças, e eu quero que elas estudem, minha filha quer fazer um curso de inglês, então são os sonhos deles ou meu, porque juntos realmente não é possível. Pelo menos não eu, porque sou eu que pego, trago, cozinho, lavo, não dá tempo.*

Além dos direitos à saúde e educação, o direito à 3.3.3 *Moradia* também encontra grandes lacunas em sua efetivação. Desde dormir na rua, passando por condições inóspitas em abrigos, até chegar aos aluguéis com valores altos, a questão da moradia permeia o processo migratório dos venezuelanos para o Brasil. É o caso da participante 2, uma mulher de 24 anos que quando questionada sobre suas primeiras impressões do Brasil, narra sua experiência de viver na rua, e posteriormente ir para uma casa com outras venezuelanas que passaram todas por condição de rua. Também é o caso da participante 12, que compartilha suas condições de habitação em um abrigo na fronteira:

*Ruim, porque no conhecia nadie, o idioma fue un choque para mi, y **dormí na rua por vários dias** até que un rapaz peruano, él tenía una cantina, para vender coisas, y él me dió a mi para vender unas meriendas sabe? para entonces yo ganaba 20 reais para mí e 10 para él, diária. Gané dinero para ir guardando, **para pagar aluguel**, para ir buscar minha filha. (...) **6 dias na rua**. Depois o rapaz peruano me deu um aluguel, procurou um aluguel para mim, e **estavam outras mulheres na rua**, ele falou com elas... o aluguel custava 350 reais, e entre todas pusemos un dinero para pagar el aluguel. (P2)*

*¿Tú sabes lo que es llegar en un en un abrigo de militar donde te daban una carpita militar y dormías en el suelo? Uff! Es sólo lo más horrible! (...) José tenía que tender su ropa para poder dormir en el suelo, porque dormíamos todos en el suelo, duro, o sea, dentro de la carpa, pero en el suelo. **Cerrar esta carpa y dormir con ese calor, la tierra, el polvo que levantaba la brisa en eso, muchas personas se enfermaron...**Dios mío, voy pa lo que quiero, voy a trabajar, voy a empezar una otra vida diferente, voy a dormir en mi cama! **¡No voy más a dormir en el suelo!**⁵⁹(P12)*

Os relatos mostram uma grande vulnerabilidade enfrentada nos primeiros momentos de chegada ao Brasil. Boa parte dos participantes relatou ter passado vários dias em situação de rua, experiência que, pese as condições difíceis enfrentadas na Venezuela, nunca tinha sido vivida no país de origem. Essa experiência tende a ser prolongada entre os homens, uma vez que os abrigos priorizam mulheres e crianças. Mesmo assim, um número expressivo de mulheres, como a participante 2, não consegue abrigo imediatamente, ficando expostas a situações insalubres e de violência. As condições precárias vivenciadas nos abrigos são relatadas pela participante 12, que sintetiza suas expectativas em relação à interiorização no desejo de dormir em uma cama.

Nas entrevistas, outro desafio apresentado pelos venezuelanos entrevistados foi o alto preço dos aluguéis em Santa Catarina, principalmente na região de Florianópolis, frente às

⁵⁹ *Você sabe como é chegar em um abrigo militar onde te dão uma barraca militar e você dorme no chão? Uff! É simplesmente o mais horrível! (...) José teve que estender a roupa para poder dormir no chão, porque todos dormimos no chão, duro, ou seja, dentro da barraca, mas no chão. Fechar essa barraca e dormir com aquele calor, a terra, a poeira que a brisa levantava lá, muita gente adoeceu... Meu Deus, eu vou fazer o que eu quero, vou trabalhar, vou começar uma vida diferente, vou dormir na minha cama! Não vou mais dormir no chão!*

condições de emprego majoritariamente informais. Como veremos mais à frente, dentre as perspectivas de futuro apresentadas, chama a atenção como o desejo por uma casa própria aparece recorrentemente. Os impactos do déficit habitacional na saúde mental da população imigrante em Santa Catarina é um tema a ser aprofundado em próximos estudos.

Nesse sentido, pudemos perceber que o direito à moradia é central, porém não é suficiente sem o acesso ao 3.3.4 *Lazer e direito à cidade*. O termo direito à cidade (Lefebvre, 1991) remete à busca pela superação da desigualdade que segrega e priva sujeitos dos espaços urbanos centrais e dos direitos que ali são acessados. Esse termo remete não apenas a possibilidade de circulação e apropriação, mas de participação, construção e usufruto das cidades (Helene, 2019):

*Ahí empezamos nosotros la rutina que es el tramo **del trabajo a la casa, de la casa al trabajo**. No conozco Blumenau más que por donde el transporte pasa. No he caminado por Blumenau, no conozco el centro, no he visto las tiendas, nada! Porque no me da chance para nada, solo trabajar, sólo trabajar!*⁶⁰ (P12)

*Pesquisadora: Y con quien usted convive aquí en Brasil? Con quien conversa... **Con nadie! Con nosotras mismas (...)** Sí, claro, me hace falta... porque yo he sido una persona que toda la vida he trabajado con el público. Por ejemplo, yo trabajaba en la peluquería toda la vida, acostumbrada a relacionarme con gente, todo tipo de persona, y hablar y eso, y ahora aquí, **estamos como presas***⁶¹. (P3)

A partir das falas, percebemos que o direito ao lazer e o direito à cidade muitas vezes não são acessados pelos imigrantes. A participante 12 traz a queixa de falta de disponibilidade de tempo, que resume sua rotina ao trabalho e ao deslocamento entre a fábrica que trabalha e sua casa, sem poder acessar espaços de lazer da cidade. Já a participante 3 traz a sensação de se sentir como uma prisioneira em sua casa, pois não consegue socializar com a comunidade como fazia na Venezuela. A dificuldade de acesso integral à cidade foi comum a quase todos os entrevistados, principalmente as mulheres desempregadas, que não encontravam condições (em alguns casos objetivas, em outros, subjetivas) de sair de casa e circular pela cidade. Os motivos nomeados para o enclausuramento foram a percepção de que os vizinhos não aparentavam receptividade, medo de perder-se, sobrecarga com tarefas domésticas e medo da violência. Este último elemento nos leva ao debate sobre o direito à 3.3.5 *Segurança*:

⁶⁰ *Foi aí que começamos a rotina que é o trecho do trabalho para casa, de casa para o trabalho. Não conheço Blumenau mais do que por onde passa o transporte. Não andei por Blumenau, não conheço o centro, não vi as lojas, nada! Porque não me dá chance nenhuma, só trabalhar, só trabalhar!*

⁶¹ *Pesquisadora: E com quem você convive aqui no Brasil? Com quem você fala... P3: Com ninguém! Com nós mesmos (...)* Sim, claro, eu sinto falta... porque eu fui uma pessoa que trabalhei com o público toda a minha vida. Por exemplo, eu trabalhei no salão de cabeleireiro toda a minha vida, acostumado a interagir com as pessoas, todo tipo de gente, e conversar e tal, e agora aqui, somos como prisioneiros.

*Todavía le mandé un mensaje a la señora, le digo “llegué a Boa Vista, si no me van a alquilar el apartamento al menos se me devuelvan mis cosas, mis hijos iban a dormir en la calle, no tengo donde estar ni nada”, y ellos nunca me dieron la cara. Yo fui para allá como 4 veces. Una amiga después me dijo “ellos tienen la costumbre de hacer eso a las personas que alquilan aquí, vete a la policía para que te respondan por las cosas y eso”, pero me dió miedo ir a la policía, ¡ no estoy en mi país!*⁶² (P4)

*Muy incómoda, muy incómoda, porque aquí me siento [cochicho muito baixo, quase inaudível, sobre o uso e venda de drogas na vizinhança]. Ese olor todo, eso es muy incómodo. Aquí lo que no me gusta es eso, que la gente consume así, delante de quien sea, y no le importa, no se tiene como, respeto, sabe? Está la niña aquí, nosotras conversando aquí, y se sientan allí mismo y empiezan a consumir drogas. **Entonces eso también me hace llorar, yo he estado traumatizada por eso, porque allá hay eso también, pero la gente no se ve así, allá no se exponen, sabe? No lo hacen delante de los ojos. Aquí es más liberal eso, muy liberal***⁶³ (P3)

A participante 4 conta a situação em que a proprietária da casa alugada por ela tranca o imóvel e deixa a participante e seus filhos na rua. Na sequência, narra o diálogo com uma amiga, que a orienta a prestar queixa na polícia. A imigrante opta por não fazê-lo, pois tem medo de ir à polícia não estando no seu país. A interação com instituições de saúde, de educação e justiça no país de destino pode, segundo Martins-Borges (2013) gerar um estado de sofrimento psíquico nos imigrantes. Acrescentamos aqui às instituições de segurança pública, percebidas como amedrontadoras, e não garantidoras da segurança para estes.

Em relação ao conteúdo abordado pela participante 3, sabemos que a questão do uso de drogas não deveria ser um debate restrito ao âmbito da segurança, e sim, prioritariamente ao âmbito da saúde pública. Mas essa não é a realidade das favelas brasileiras, onde o comércio ilegal de drogas é tratado como subterfúgio para verdadeiras operações de guerra pelo Estado brasileiro. Em uma dessas favelas, mora a participante 3, que ao falar sobre o tema, abaixa sua voz ao nível do inaudível, por medo de ser escutada. Ela mora perto de um ponto de venda de drogas, onde se sente insegura e desrespeitada pela exposição à prática do uso de drogas, que é diferente de seu país natal. Ambos os relatos remetem a condição de silenciamento das

⁶² *Ainda mandei recado para a senhora, disse a ela “Cheguei em Boa Vista, se não vão alugar o apartamento, pelo menos me devolvem minhas coisas, meus filhos iam dormir na rua, tenho nenhum lugar para ficar nem nada”, e eles nunca me deram a cara. Fui lá umas 4 vezes. Uma amiga mais tarde me disse “eles têm o costume de fazer isso com as pessoas que alugam aqui, vão na polícia para que eles respondam pelas coisas e tal”, mas eu tinha medo de ir à polícia, não estou meu país!*

⁶³ *Muito desconfortável, muito desconfortável, porque aqui eu me sinto [muito baixo cochicho, quase inaudível, sobre o uso e venda de drogas na vizinhança]. Esse cheiro todo, isso é muito desconfortável. O que eu não gosto aqui é que as pessoas consumam assim, na frente de quem quer que seja, e eles não ligam, não têm, respeito, sabe? Tem a menina aqui, estamos conversando aqui, e eles sentam bem ali e começam a usar drogas. Então isso também me faz chorar, eu fiquei traumatizada com isso, porque tem isso lá também, mas as pessoas não se veem assim, elas não se expõem lá, sabe? Eles não fazem isso na frente dos olhos. Isso aqui é mais liberal, muito liberal.*

imigrantes venezuelanas frente às condições de insegurança, silenciamento encontrado também em condições de violência (Nóbrega, 2021).

Pudemos, assim, constatar alguns dos principais fatores de risco para a saúde mental dos imigrantes venezuelanos no Brasil. Práticas excludentes como a xenofobia, o racismo e a aporofobia, a precarização laboral e a falta de acesso à direitos básicos evidenciaram-se nas entrevistas como condições que colocam o sujeito migrante em situações de vulnerabilidade psíquica e social. Essas práticas devem ser identificadas e superadas nos diversos âmbitos da sociedade, principalmente ao que tange os serviços públicos.

CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO

Abordaremos, por último, os 4. *Fatores de proteção* à saúde mental dos imigrantes venezuelanos residentes em Santa Catarina observados ao longo das entrevistas. É importante pontuar que o presente capítulo trabalhará elementos subjetivos, culturais e sociais (Nascimento, 2021) que potencializaram a possibilidade de organização psíquica e abrandam os efeitos prejudiciais da migração involuntária nos imigrantes. Iniciaremos pelo fator da 4.1 *Conservação de vínculos afetivos com a Venezuela*, observado por meio da 4.1.1 *Comunicação com quem ficou*, da 4.1.2 *Possibilidade de retorno*, 4.1.3 *Do que sente saudades* e da 4.1.4 *Manutenção de costumes e tradições*. Continuaremos com uma reflexão sobre a 4.2 *Integração socioeconômica* dos imigrantes no Brasil por meio dos 4.2.1 *Vínculos com a rede de proteção institucional* e 4.2.2 *Programas de interiorização*. Por fim, nos debruçaremos sobre a 4.3 *Criação de vínculos no Brasil*, a partir dos 4.3.1 *Vínculos familiares ou de apoio mútuo*, os 4.3.2 *Vínculos com a cultura* e os 4.3.3 *Planos para o futuro*.

4.1 Conservação de vínculos afetivos com a Venezuela

Dentre os elementos que caracterizam os impactos negativos que uma migração involuntária pode ter no psiquismo de um migrante, encontram-se as perdas abruptas e as rupturas com o contexto que constituiu o sujeito, que são de difícil elaboração (Martins-Borges, 2013). Nesse sentido, a possibilidade de conservação de vínculos afetivos com a Venezuela apresentou-se como fator protetivo para os imigrantes entrevistados. Esses vínculos se desvelaram de diferentes formas, sendo uma delas a viabilidade de manter 4.1.1 *Comunicação com quem ficou*:

Converso com todos por whatsapp, pelo facebook, eles sempre tão pendientes de mí como “e aí, como estás?” sempre estou em contato, com a minha irmã, falo todos os dias, de manhã, de tarde, de noite, quando ela tem crédito no telefone ela fica ligando para mim, pero sempre está minha mãe também, como ela não tem telefone me chama

por facebook, quando ela conecta me manda mensagem “oi to bem to trabalhando como está você? (P1)

Hoy en día de aquí mantiene a toda su familia, tanto la casa de su mamá, como la casa de su abuela.⁶⁴ (P7)

Com a fala do participante 1, vemos a importância que o acesso à internet e às redes sociais têm para possibilitar a comunicação entre os imigrantes e as pessoas importantes para eles que ficaram na Venezuela. A possibilidade de atualizar familiares sobre as condições de vida no Brasil, bem como poder participar virtualmente dos eventos familiares na Venezuela, mostrou-se um fator que mitiga, ao menos um pouco, a angústia da separação. A fala da participante 7, pronunciada com ares de muito orgulho, diz de uma realidade comum no contexto da migração venezuelana. Ela fala de seu marido, que com o trabalho que tem no Brasil, pode sustentar seus familiares na Venezuela. Essa é outra forma de manutenção dos vínculos entre os imigrantes e seu país de origem, uma vez que, por meio da remessa de recursos financeiros e remédios, os imigrantes venezuelanos buscam suprir e garantir a integridade de seus familiares (Paez e Penalver, 2017; Santos, 2021)

Outra variável que se mostrou protetiva em alguns relatos é a da 4.1.2 *Possibilidade* de retorno para o país de origem:

*Entonces dije a mi esposo “¡ quiero irme a pasar el 31 con mi mamá!”. Él se puso a vender unas mercancías que su amigo le dió, y me pudo pasar creo que 250 reais. Y mi hermana me pagó el pasaje de Pacaraima a Maturín. **Y me fui a pasar el 31, el año nuevo con mi familia.** Fue una emoción, una sorpresa, lo que fué mi último diciembre allá, aaaaah... **fué de lo mejor! poder volver a hacer hallacas,** porque ya se habían hecho pero yo no estaba entonces vámonos hacer más! Tratamos con las poquitas cosas que teníamos, ¡las hicimos, compartimos!⁶⁵ (P4)*

Sí, yo quiero volver a Venezuela. En los próximos años, me veo allá en Venezuela. No lejos. No 5, 10 años, no tanto! 2 años más o menos⁶⁶ (P6)

A impossibilidade de retorno para o país de origem é um dos fatores que aumenta a ruptura com a continuidade de si (Martins-Borges, 2017). Nos relatos, observamos casos em que a volta para o país depois da migração é uma possibilidade: seja concretamente, como no

⁶⁴ Hoje em dia daqui ele mantém a toda sua família, tanto a casa da sua mãe quanto a casa da sua avó.

⁶⁵ Então eu disse ao meu marido “quero ir passar o dia 31 com minha mãe!”. Ele começou a vender algumas mercadorias que o amigo lhe deu, e conseguiu passar acho que 250 reais. E minha irmã pagou minha passagem de Pacaraima para Maturín, e eu fui passar o 31, o Ano Novo com minha família. Foi uma emoção, uma surpresa, qual foi o meu último dezembro lá, aaaaah... foi o melhor! poder voltar a fazer hallacas, porque já tinham sido feitas, mas eu não estava lá, então vamos fazer mais! Lidamos com as poucas coisas que tínhamos, as fizemos, compartilhamos.

⁶⁶ Sim, eu quero voltar para a Venezuela. Nos próximos anos, me vejo lá na Venezuela. Não longe. Nem 5, 10 anos, não tanto! 2 anos mais ou menos.

caso de P4 que faz uma surpresa para sua mãe e avó, indo passar as festas de Ano-Novo na Venezuela, voltando para o Brasil somente 3 meses depois; seja como plano e perspectiva, como apresenta a participante 6. A viabilidade do retorno pode representar uma redução no sentimento de fracasso individual e coletivo atrelado à migrações involuntárias (Martins-Borges, 2013).

Talvez uma das maiores representações da relação de vínculo com o país de origem tenha sido expressa nas entrevistas quando se pergunta ao participante 4.1.3 *Do que sente saudades da Venezuela*. Os participantes traziam como respostas mais comuns a família, a comida, a rotina e o estilo de vida:

De la harina pan! (risos). De mi familia, definitivamente, de mi familia.. Porque la comida, la cultura, uno trata de traerla aquí. Yo digo a mi esposo, a nosotros no falta nada más que una bandera de venezuela aquí. Con eso tenemos. ¿Por qué en realidad, la comida? Uno trata de hacerla igual que allá. Es eso, es la familia. Y la harina pan!⁶⁷ (P4)

- Isso eu sinto falta...o cheiro do meu país.

Pesquisadora - Como é o cheiro do teu país?

- É tu respirar só a natureza. Sol, rio, a terra é diferente, meu deus, não adianta nem falar. A natureza, o rio... tu respirar outra coisa, né? Outra coisa, muito diferente. É muito diferente as coisas do campo com as coisas... e eu fui no campo aqui no Brasil e não me senti igual, tá? É louco isso aqui, ave maria. A gente vai lá “ah tu é de outra cidade, outra temperatura, outra cultura...” e é verdade. Tu não pode mudar ninguém e querer falar outra coisa, cada um fala o que o país foi ou o que é (P5).

O elemento do cheiro do país remonta a um dos elementos mais primitivos de conexão com o outro. A escritora romena Veteranyi (2004, p. 19) em seu romance "Porque a criança cozinha na polenta", que narra a história de uma família de refugiados, apresenta o seguinte trecho: “*Só conheço meu país pelo cheiro. Ele tem o cheiro da comida da minha mãe. Meu pai diz que a gente se lembra do cheiro do país da gente em toda a parte, mas só o reconhece quando está longe*”. Os elementos trazidos pelos participantes, que circulam entre o cheiro do país, o gosto da comida e a família mostram como, em um momento de distância da terra natal, as memórias mais vívidas são aquelas constituintes do sujeito desde sua infância, assim como no trecho do romance autobiográfico citado. É nesse sentido que a 4.1.4 *Manutenção de costumes e tradições* do país de origem atua de forma protetiva:

*Nos sentamos al lado de la ventana, ponemos nuestra **música venezolana** y empezamos a tomar. Nosotros ahí conversamos, hacemos chistes, y lo pasamos ahí encerrados,*

⁶⁷ Da “Harina Pan”! (risos). Da minha família, definitivamente, da minha família... Porque a comida, a cultura, a gente tenta trazer aqui. Digo ao meu marido, não precisamos de nada mais do que uma bandeira venezuelana aqui. Com isso temos. Por que, na verdade, a comida? A pessoa tenta fazer o mesmo que lá. É isso, é família. E a Harina Pan!

*disfrutando el momento de nosotros ahí. Vallenato, merengue, salsa, reggaeton, calipso, me entiendes? son músicas para bailar, yo he bailado ahí, sola, trato de, ¿cómo se dice? No perder la costumbre. Y la rutina de desayuno, almuerzo y la cena, yo compro mi propia comida y la hago como la hacía en Venezuela. Eso es algo que no se pierde, y algo que a uno le gusta.*⁶⁸ (P12)

P7- No salimos con la maleta porque nos iban a decir “¡ustedes están locos!” (risas)

P9- Pero aquí, él sí estaba con su maleta en las espaldas. Mas tuvimos 10 días para hacer esa hallaca venezolana.

P8- Tuvimos que conseguir la harina pan

P9- ¡Hay que ser harina pan de Venezuela!

Pesquisadora - Solo funciona con la de Venezuela?

*P7, P8, P9- Si!*⁶⁹

A fala da participante 12 e o diálogo entre os participantes 7, 8 e 9 ilustram o papel que a manutenção da culinária, idioma, dança, música, e celebração de datas comemorativas tem para os imigrantes. A participante 12 nomeia em sua fala a preocupação em manter o contato com a cultura, afirmando dançar sozinha em casa para não perder os costumes do país de origem. Já o diálogo entre os participantes 7, 8 e 9 ilustra o esforço feito pelo grupo, que comprou pela internet a farinha “Harina Pan” vinda da Venezuela, e investiu dez dias de esforço para conseguir os ingredientes para preparar as “Hallacas”, prato típico das festas de fim de ano. Explicam que na virada do ano é costume na Venezuela sair pelo bairro carregando uma mala ou mochila (que traz boa sorte) e felicitando a vizinhança. No Brasil, por receio de serem taxados de “loucos”, o grupo reproduz a tradição apenas dentro de casa.

Elementos como práticas de cuidado e manutenção da fé e religiosidade também apareceram como fatores protetivos. O relato sobre chás e ervas que são usadas na Venezuela para cura de doenças apareceu com o estranhamento à percepção de uma medicalização excessiva no Brasil: “*nosotros los venezolanos nos fortalecemos un poco más porque siempre acudimos a las plantas. En Brasil te entuban de una vez, te ponen antibiótico... Allá no. Allá es más natural*”. Outra participante, evangélica, disse que, mesmo sem entender português, vai à igreja todas as semanas no Brasil, pois ali é onde ela sente que não está só. Assim, por meio dos relatos dos entrevistados, observou-se que a manutenção no país de destino de práticas

⁶⁸ *Nos sentamos ao lado da janela, colocamos nossa música venezuelana e começamos a beber. A gente conversa lá, faz piadas, e passamos lá fechados, curtindo o nosso momento lá. Vallenato, merengue, salsa, reggaeton, calipso, você me entende? É música para dançar, dancei lá, sozinha, tento, como se diz? Não perder o hábito. E a rotina de café da manhã, almoço e jantar, compro minha própria comida e faço como fazia na Venezuela. Isso é algo que não se perde, e algo que se gosta.*

⁶⁹ *P7- Não saímos com a mala porque iam dizer “você está louco!” (risos) P9- Mas aqui, ele estava com a mala nas costas. Mas levamos 10 dias para fazer aquela hallaca venezolana. P8- Tivemos que conseguir a harina pan P9- Deve ser a harina pan da Venezuela! Pesquisadora - Só funciona com o da Venezuela? P7, P8, P9- Sim!*

desenvolvidas no país de origem demonstrou-se um fator de proteção psíquica para os imigrantes venezuelanos.

4.2 Integração socioeconômica

Como vimos anteriormente na discussão da categoria “Fatores de risco”, a vulnerabilidade socioeconômica causada por condições laborais precárias, falta de acesso à direitos básicos e marginalização afeta diretamente a saúde mental dos imigrantes venezuelanos no Brasil. Assim, iniciativas de integração socioeconômica podem ser importantes fatores de proteção para essa população. Uma das formas de observarmos isso é por meio dos relatos de

4.2.1 *Vínculos com a rede de proteção institucional:*

*Desde que nosotros llegamos aquí, nosotros nos dirigimos al **CRAS**, y por la parte de la **asistencia social** ellos nos ayudaron mucho. Nos ayudaron por las cosas de alimentación y por las cosas de los niños porque él usaba pañal y ella aún usa... Por la parte de la **iglesia también**, nos ayudaron con alimentos, por la parte íntima también, nos regalaron jabón, pasta dental, champú y eso también, mucho nos ayudaron. Después de eso mi esposo consiguió trabajo, nos independizamos más, el CRAS nos llamó y eso, para saber cómo estábamos, y ellos hicieron también un catastro para recibir el **Bolsa Familia**. Yo he recibido el **Auxilio Emergencial** cuando estaban dando los 1200 también fue muy importante, cuando dieron esos auxilios fue cuando estaba la pandemia, que muchas personas se quedaron sin trabajo. Mi esposo sí tuvo 3 meses sin trabajar, no podíamos salir, nada, y estábamos recibiendo ese auxilio durante esos 3 meses⁷⁰ (P6)*

A fala da participante 6 sintetiza o caminho percorrido pela maior parte dos entrevistados. Dentre a rede de apoio encontrada pelos imigrantes venezuelanos no Brasil, citamos a atenção básica em assistência social pública. Para além de um papel integrador no território, apresenta a possibilidade de acesso a benefícios governamentais que, por mais que sejam insuficientes, representaram o mínimo de estrutura em um momento delicado como a pandemia. O Bolsa Família e o Auxílio Emergencial foram citados em inúmeras entrevistas como definitivos para a organização financeira das famílias imigrantes. Porém, nem todos os imigrantes tinham no serviço público de assistência social seu ponto de apoio: Instituições religiosas de diversas denominações, como católicas, evangélicas e testemunhas de Jeová foram

⁷⁰ *Desde que chegamos aquí, fomos para o CRAS, e em termos de assistência social eles nos ajudaram muito. Ajudavam a gente com a comida e com as coisas das crianças porque ele usava fralda e ela ainda usa... De parte da igreja também, nos ajudaram com a alimentação, do lado íntimo também, deram sabonete, pasta de dente, xampu e isso também, eles nos ajudaram muito. Depois disso meu marido conseguiu um emprego, ficamos mais independentes, o CRAS ligou pra gente e isso, para saber como estávamos, e também fizeram um cadastro para receber o Bolsa Família. Eu recebi o Auxílio Emergencial quando eles estavam dando os 1.200. Também foi muito importante, quando eles deram esse auxílio foi durante a pandemia, quando muitas pessoas perderam o emprego. Meu marido ficou 3 meses sem trabalhar, não podíamos sair, nada, e estávamos recebendo essa ajuda durante esses 3 meses.*

citados como principal ou única rede de apoio por outros entrevistados, reafirmando o protagonismo de igrejas no acolhimento de imigrantes no Brasil (Bento, 2021).

Outro elemento presente na fala dos venezuelanos foram os 4.2.2 *Programas de interiorização*. Do total de 12 entrevistados, 6 foram direta ou indiretamente beneficiados pelo programa “Acolhidos por meio do trabalho”, que consiste na interiorização por meio de vagas de emprego. Esse programa disponibiliza um profissional da Psicologia para fazer o acompanhamento do processo de adaptação dos venezuelanos em Santa Catarina, o que podemos perceber que resulta em um fator protetivo, como demonstra o participante 6:

*Y ahí está pues una mano amiga y mira, agradecido con ella, gracias a Dios, que aquí la escogió a ella entiende? Sobre todo que cuando teníamos un problemita, **llamar a ella, a la hora que sea**. Creo como 2 meses atrás se enfermó el niño, una ronchita, la llamamos. “por favor bueno, este que te digo, vete al centro de salud” bueno y así pues bueno me dieron la receta de la crema, la compramos, la echamos en el niño y todo bien gracias a Dios, **gracias a ella pues, una mano apoyándonos**⁷¹ (P11).*

O relato do participante 6 desvela, indiretamente, o impacto positivo de um processo de interiorização em que a acolhida é planejada e mediada pelo estabelecimento de vínculos de referência e confiança. A disponibilidade de um profissional para orientações, mesmo que simples, sobre onde ir quando um filho adocece, como se deslocar na cidade, que serviços acessar e como, mostrou-se um fator tranquilizante para os imigrantes que chegaram em Santa Catarina pelo programa.

4.3 Criação de vínculos no Brasil

Nesse mesmo sentido, observamos que, após o movimento de partir rumo ao desconhecido, ao estrangeiro, a 4.3 *Criação de vínculos no Brasil* possibilita ao imigrante a integração e organização no país de destino, sendo protetiva inclusive ao propiciar pontes entre o sujeito e seus direitos (Mota, 2019; Zambrano, 2021; Bento, 2021; Cruz, 2020). Podemos verificar a importância da criação de 4.3.1 *Vínculos familiares ou de apoio mútuo* desenvolvidos pelos venezuelanos durante a migração:

Si tienes familia son dos, si, más así como estamos nosotros, si trabajamos los cuatro, de aquí a 4 años vamos a estar con mucho dinero! Porque aseguramos los 4 juntos. Con solo un sueldo te vas a pagar el alquiler, guardas un sueldo, guardas otro sueldo...⁷²(P9)

⁷¹E aí pois, uma mão amiga, veja, agradecido com ela, graças a Deus, que aqui escolheu a ela, entende? Especialmente quando tínhamos um pequeno problema, ligar para ela, a qualquer momento. Acho que faz uns 2 meses que menino ficou doente, um vergão, a gente ligou pra ela. "Por favor, bem, o que te digo, vá ao centro de saúde" bem, e então, bem, eles me deram a receita do creme, nós compramos, colocamos na criança e tudo ficou bem, graças a Deus, graças a ela, bem, uma mão nos apoiando.

⁷²Se você tem uma família são dois, sim, mas como nós estamos, se nós quatro trabalharmos, em 4 anos estaremos com muito dinheiro! Porque nós seguramos os 4 juntos. Com apenas um salário você vai pagar o aluguel, você economiza um salário, você economiza outro salário.

O participante 9, que migrou com sua esposa (P8) e filhos, encontra um irmão (P10 quem não conhecia até então) em um abrigo em Roraima. P10 encontra uma ex-namorada (P7) nesse mesmo abrigo, e decidem casar-se. Os dois núcleos familiares, por fim, optaram por viver juntos em Santa Catarina, compartilhando a casa, as despesas, as tarefas domésticas e a cultura. Eles decidem permanecer juntos, e inclusive planejam um futuro a longo prazo coletivamente, entendendo que assim têm mais chances de atingir seus objetivos. Para além do âmbito econômico, a construção e consolidação de núcleos familiares facilitam trâmites legais e de acesso à direitos e benefícios sociais, mas não só: possibilitam espaços de troca cultural e vida coletiva que favorecem a continuidade de si por meio da cultura e do grupo de pertencimento (Boeira-Lodetti, 2018) no país de destino.

Uma vez que um certo grau de proteção narcísica é benéfico no sentido de proteção da identidade que constitui o sujeito, também se observou que os 4.3.2 *Vínculos com a cultura local* são positivos para os imigrantes ao longo do processo migratório. A participante 4 ilustra isso em seu relato:

Allá en Roraima tuve la oportunidad de trabajar un mes en un restaurante y quisiera aprender la cultura, o sea, la comida. Porque si voy a vivir aquí, y me toca en algún momento un trabajo, un empleo de cocina, ya aprendo. A veces hago comida aquí y los niños me piden “haz la comida típica de allá!” es como frijol, pollito guisado, arroz, pasta y harina, como comen ellos [os brasileiros]. Y a veces lo hago y a ellos les encanta, “mamá, quiero las comidas como las que hacen allá”⁷³ (P4)

Mães imigrantes podem vivenciar o medo de ruptura na transmissão cultural ao criar seus filhos em outro país (Nascimento, 2021). A participante troca “sem querer” a palavra comida por cultura, e depois corrige. Esse ato pode dizer de seu desejo de aprender algo da cultura brasileira pela comida, e transmitir isso também a seus filhos. Poder cozinhar tanto a comida brasileira quanto a venezuelana, poder transitar pela cultura brasileira sem perder sua identidade venezuelana, são sinais de que a participante tem uma condição de organização psíquica que possibilita trocas sem a perda de si.

Como último elemento de análise dos fatores de proteção encontrados nos relatos dos participantes da pesquisa, abordaremos os 4.3.3 *Planos para o futuro*:

Oye me quiero ver realizado, hombre, teniendo al menos una casa aquí, ya una casa, un carrito, oye estar más estable, en esa empresa hacer otra meta, o sea Dios, echar pa'lante, sacar la familia adelante y espero y aspiro tener salud. Y quiero traer a mi

⁷³ Lá em Roraima tive a oportunidade de trabalhar um mês em um restaurante e queria aprender a cultura, ou seja, a comida. Porque se eu for morar aqui, e em algum momento eu conseguir um emprego, um emprego na cozinha, já aprendo. Às vezes eu faço comida aqui e as crianças me pedem “faça a comida típica de lá!” é como feijão, frango guisado, arroz, massa e farinha, como eles [os brasileiros] comem. E às vezes eu faço e eles adoram: “Mãe, eu quero comida igual a que eles fazem lá”

*familia también pa'ca (...) ¡Lejos llegamos! Caminando y luchando, es eso, sólo se quiere sacar adelante la familia, oye?*⁷⁴ (P11)

*Yo pienso en volver, quiero volver. Que no sea tan lejos, sí, quiero volver a Venezuela. Que Venezuela mejore, esté el gobierno que esté, pero que Venezuela mejore la economía, que haya trabajo, que mejore.*⁷⁵ (P6)

Planos de entrar na universidade, de conseguir um emprego, uma casa própria, ver os filhos estudando, sendo profissionais, trazer parentes que ficaram na Venezuela, estabilizar-se no Brasil, voltar para a Venezuela... muitos foram os sonhos trazidos pelos participantes ao serem questionados como se viam no futuro. Assim, vemos que, mesmo com todo o sofrimento e dificuldades impostas aos imigrantes venezuelanos no Brasil, existem subterfúgios, ferramentas e recursos que desempenham um papel protetivo para os imigrantes. Esses recursos devem ser aprofundados, potencializados e difundidos na sociedade de acolhida. É papel do Estado promover essas condições, principalmente por meio de políticas públicas, mas não só: a sociedade civil, organizações não-governamentais, a mídia e todos os setores da sociedade podem atuar no sentido de promoção desses fatores protetivos, para que os efeitos negativos da migração involuntária sejam reduzidos e a integração com a sociedade de acolhida seja a menos traumática possível. Respeitando a origem e constituição do sujeito e possibilitando, por fim, que este se reconheça e seja reconhecido no Brasil, abre-se o espaço para que o imigrante possa elaborar seus planos e construir suas perspectivas de futuro: seja no Brasil, na Venezuela ou em qualquer lugar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos, por fim, ao capítulo de conclusão desse trabalho. Buscaremos, de forma sucinta, retomar os objetivos iniciais da pesquisa e costurá-los com o desenvolvimento e os resultados obtidos, bem como apontar os desafios e limitações do estudo, e indicar lacunas para posteriores pesquisas.

Para a pesquisadora, o desejo de construir esse trabalho partiu primeiramente de uma proximidade com a temática da migração, desenvolvida com os anos de atuação no Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC), principalmente na Clínica Intercultural, um projeto de atendimento psicológico especializado em imigrantes e refugiados.

⁷⁴ *Ei, eu quero me ver realizado, cara, tendo pelo menos uma casa aqui, já uma casa, um carrinho, estar mais estável, nessa empresa alcançar outra meta, ou seja, Deus, seguir em frente, levar a família pra frente e espero e aspiro ser saudável. E quero trazer minha família também pra cá (...) longe chegamos!! Caminhando e lutando, é isso, você só quer levar sua família adiante, sabe?*

⁷⁵ *Penso em voltar, quero voltar. Que não seja tão longe, sim, quero voltar à Venezuela. Que a Venezuela melhore, esteja o governo que estiver, mas que a Venezuela melhore a economia, que haja trabalho, que melhore.*

A escuta do sofrimento de imigrantes, juntamente ao acúmulo teórico do núcleo, proporcionou uma sensibilização para as particularidades da vivência de uma imigração. A ideia de realizar a pesquisa especificamente sobre a migração venezuelana foi despertada em uma aula da professora Lucienne Martins Borges no Centro de Estudos de Reparação Psíquica de Santa Catarina no ano de 2017, em que a professora fala das nacionalidades atendidas pela Clínica Intercultural até o momento, e da necessidade de preparação para o acolhimento dos venezuelanos que não tardariam a chegar em Florianópolis. A demanda social por uma aproximação com essa população, bem como o desejo da autora pelo tema propiciaram a realização dessa investigação alguns anos depois.

Assim, essa pesquisa teve por objetivo refletir sobre os impactos psicológicos do processo migratório em imigrantes venezuelanos residentes no estado de Santa Catarina. Esse objetivo geral se realizou por meio de objetivos específicos que foram abordados a partir da escolha teórico-metodológica pela Etnopsiquiatria e efetivados em uma pesquisa qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Os dados foram coletados em 12 entrevistas, e analisados pelo método de análise de conteúdo.

A escolha pela Etnopsiquiatria pressupôs para além de uma compreensão teórica um posicionamento prático na construção desse trabalho. A busca pelo descentramento cultural no momento da escuta (seja clínica, ou não) nos convida à uma flexibilidade metodológica: elementos que podem parecer detalhes foram importantes na criação de pontes entre a pesquisadora e os imigrantes: desde a total liberdade para que os participantes escolhessem o local da pesquisa, o idioma em que esta ocorreria, a adaptação ao contexto familiar e comunitário de cada participante - entrevistas que seriam a princípio com um sujeito, acabaram sendo entrevistas com famílias inteiras-, o tempo das entrevistas dedicados a observar as fotos e escutar as músicas que os participantes mostravam, a abertura e interesse em provar comidas e bebidas típicas venezuelanas gentil e orgulhosamente ofertadas pelos entrevistados. Essas pontes possibilitaram que a pesquisa, para além de palavras, fosse permeada e permeável por sons, gostos, cheiros, lágrimas, risos e afetos.

Partindo desse posicionamento, o primeiro objetivo da pesquisa foi caracterizar o processo migratório de venezuelanos residentes em Santa Catarina, tanto do ponto de vista das particularidades do deslocamento quanto dos significados atribuídos à migração pelos entrevistados. Com o apoio de mapas, durante as entrevistas traçamos o percurso migratório no papel, a começar pela situação pré-migratória, em que os participantes narraram suas memórias na Venezuela antes da crise, e sua relação com a região de origem. Esse momento foi sucedido pela descrição de quando as coisas começaram a ficar difíceis, em que os participantes

apontaram sua percepção sobre o início da crise. A temporalidade apontada variou entre diferentes momentos dos últimos 9 anos, sendo a morte de Chávez e o início do governo maduro trazido como um marco de mudança nas condições do país. A queixa trazida nas falas foi acerca das condições econômicas enfrentadas na Venezuela: o salário não era o suficiente para cobrir os custos da dolarização da economia, decaimento grande das condições de vida, não era mais possível realizar todas as refeições, faltavam remédios. A partir disso, abordou-se a decisão de sair da Venezuela, tomada principalmente quando as condições difíceis do país se refletiam em pessoas queridas, como pais ou filhos dos participantes. Pudemos observar o caráter involuntário da migração, motivado pela necessidade, e não pelo desejo em deixar o país.

A partir da escuta sobre o percurso migratório, pudemos caracterizar as (im)possibilidades de preparação da partida, em que dois fatores serviram como “termômetro” de condições de realização e elaboração da migração: a possibilidade de despedir-se da família e ritualizar a saída, e a bagagem que foi possível trazer (e não abandonar pelo caminho). A trajetória do deslocamento foi sintetizada em 4 expressões em espanhol utilizadas pelos entrevistados: *cola*, *gandola*, *trocha*, *alcabala*. Essas palavras condensam a representação das dificuldades, desafios e precariedade enfrentadas por muitos imigrantes venezuelanos no trajeto até o Brasil, principalmente mulheres e crianças. Exemplos citados foram as caronas com desconhecidos em transportes arriscados, longos trajetos feitos a pé em lugares sem qualquer estrutura, frio, fome e a tensão ao passar por postos de controle. A chegada no Brasil, pelo estado de Roraima, é marcada pelo sentimento duplo de alívio e apreensão, uma vez que o imigrante chega em um local de encontro com a alteridade onde lhe faltam seus referenciais culturais, precisa enfrentar longas filas para documentação, os desafios dentro dos abrigos, o desemprego, entre outros. A decisão do governo brasileiro pelo fechamento da fronteira com a Venezuela em 2020 foi caracterizada por entrevistados como algo muito difícil, uma vez que a circulação entre os dois países se via limitada, o que impôs barreiras para o encontro entre familiares. Observamos que a saturação de oportunidades nos espaços fronteiriços leva ao processo de interiorização, ou seja, a continuidade do percurso migratório para outros estados do Brasil, feita de forma independente ou por meio de diferentes programas de interiorização. Ao fim dessa jornada, os participantes atribuíram diferentes significados ao seu processo migratório. “Necessidade e obrigação”, “sacrifício” e “busca de qualidade de vida” foram palavras utilizadas nesse sentido. Os termos ilustram a percepção de um imperativo involuntário frente às condições de vida na Venezuela, seguidos de uma renúncia importante cuja esperança de contrapartida encontra-se em uma boa vida no Brasil: acesso à alimentação, educação, emprego e a possibilidade de enviar recursos financeiros para os que ficaram na Venezuela.

O segundo objetivo do presente trabalho foi identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico decorrentes do processo migratório em imigrantes venezuelanos, fruto das perdas e traumas experienciados. Nas entrevistas, foram narrados sintomas ansiosos, depressivos, pós-traumáticos e psicossomáticos. Dentre os sintomas ansiosos, foram descritas alterações no sono em diferentes momentos do processo migratório, relacionadas às incertezas em relação a subsistência, preocupação pela separação entre pais e filhos e medos sentidos no Brasil. A preocupação excessiva aparece em situações de ausência de referenciais de localização, atrelada ao medo de perder-se ou perder os filhos durante o trajeto. Os sintomas depressivos se manifestaram em relatos de profunda tristeza e perdas importantes para o sujeito. Essas perdas geraram, inclusive, um sentimento de diluição de si, articulado com ganho ou perda importante de peso. Os lutos estiveram presentes nos relatos como o trabalho de elaborar perdas de diferentes ordens, como a perda do país, da identidade, e de pessoas importantes, tanto pela falta de convívio quanto em casos de morte em que o sujeito não tem condições de participar dos rituais de despedida.

Em relação aos Sintomas pós-traumáticos, um dos elementos que emergiram nas entrevistas pode ser descrito como medo do retorno de uma situação traumática, ou seja, o temor de que as condições que levaram à migração em um primeiro momento se atualizassem. Esse medo foi nomeado por meio da constatação de uma situação de crise também no Brasil. A condição de abrigo na chegada ao Brasil também se mostrou um fator delicado e potencialmente traumático, apontando para a importância de debatermos as primeiras políticas de acolhimento no momento de chegada dos imigrantes. Outro fator foi a aparição do sentimento de culpa apresentado por entrevistados. Culpa por deixar os filhos, o país, culpa por ter migrado. Essa condição manifestou-se por meio da interiorização da responsabilidade pela partida, ocasionando sentimentos de fracasso em desempenhar determinado papel social. Por fim, o sofrimento psíquico foi manifestado também por sintomas psicossomáticos, como dores no corpo e questões relativas à digestão. As dores apareceram nomeadas como fibromialgia, espondilose, bem como problemas na tireoide e paralisias, e relacionadas cronologicamente com o início da crise na Venezuela ou momentos importantes da migração. Outro elemento relatado foram episódios de fortes náuseas. A vontade de vomitar esteve associada à resistência a ingerir e digerir alimentos como o feijão e à perda de peso pela não adaptação à comida do Brasil.

O terceiro objetivo apresentado foi investigar os fatores de risco e proteção à saúde mental no processo migratório de imigrantes venezuelanos. Em relação aos fatores de risco, pontuamos aqui a xenofobia, racismo, aporofobia, condições laborais precárias e a falta de

acesso à direitos básicos como itens que colaboraram negativamente para a saúde mental dos entrevistados. Cenas de preconceito linguístico afastaram os imigrantes do acesso à direitos básicos, principalmente nos serviços de saúde, bem como os colocaram em uma condição de invisibilidade, mostrando a importância do debate para superar a imposição do monolinguismo no Brasil e do incentivo ao descentramento linguístico para melhor acolher os imigrantes em sua língua materna (Waldman et al, 2021; Zambrano, 2021). Dos relatos sobre a marginalização, chama a atenção a inversão da realidade ao serem criadas narrativas como a de que a fronteira com a Venezuela deveria ser fechada porque os imigrantes sem-teto “sujam” as ruas em que dormem, por exemplo. Esse tipo de violência no Brasil pode ser associado à xenofobia, mas também ao racismo. Sobre o racismo e as relações étnico-raciais em relação à população venezuelana, que não foram nomeados como tal pelos participantes, sugere-se um aprofundamento em próximas pesquisas. A pesquisadora percebeu, ao realizar o questionário sociodemográfico, um estranhamento por parte dos imigrantes em relação ao item de autoidentificação racial, em que achavam incomum a pergunta sobre sua cor/raça, muitas vezes devolvendo a pergunta para a pesquisadora: “de que cor você acha que eu sou?”.

A precariedade nas condições laborais também se apresentou como fator de risco. A começar com o desemprego, condição em que se encontrava a maior parte dos entrevistados, bem como condições de superexploração em trabalhos informais ou regulares em que os direitos trabalhistas não eram efetivados com os venezuelanos. Trabalhar fora da área de formação também se mostrou uma tônica para alguns participantes. Registramos nesta mesma categoria a falta de acesso à direitos como saúde, educação, moradia, lazer, direito à cidade e segurança. Em relação à saúde, chamaram a atenção as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes durante a pandemia de Covid-19, com uma grande exposição ao vírus no período em que estavam nos abrigos, e o desespero de passar pela doença sem auxílio médico por medo de que uma internação pudesse separar mães de filhos, por exemplo. Em relação à educação, a burocracia para revalidação de diplomas e a sobrecarga com tarefas domésticas (o segundo principalmente nos casos de mulheres mães) afasta os imigrantes da continuidade do ensino formal. A falta de condições de moradia digna levou boa parte dos entrevistados à situação de rua, dormir em barracas nos abrigos e por fim, estar sujeito a aluguéis caros. A falta do direito à cidade e ao lazer foi abordado no sentido da sensação de enclausuramento relatada por entrevistados, que muitas têm sua circulação pela cidade limitada ao trajeto entre a casa e o trabalho, no caso dos que trabalham, e a uma rotina integralmente domiciliar no caso de desempregados. A demanda por possibilidades de socialização e circulação pelos territórios no país de destino, tão importante para o desenvolvimento de autonomia para os imigrantes, faz-

se assim presente. O direito à segurança também pareceu não efetivado, uma vez que relatos trouxeram o desconforto de imigrantes em recorrer a instituições como a polícia para realização de queixas e denúncias. É importante pontuar que algumas das barreiras encontradas no Brasil expostas aqui não são enfrentadas exclusivamente pelos imigrantes venezuelanos, mas compartilhadas entre imigrantes involuntários de diversas nacionalidades, o que demonstra facetas de limitações da sociedade brasileira no acolhimento a imigrantes a serem superadas.

Fatores de proteção também foram identificados no decorrer das entrevistas. Um deles nomeamos como conservação de vínculos afetivos com a Venezuela. Uma separação menos abrupta do país de origem se mostrou protetiva, na medida em que os imigrantes podiam manter contato com familiares que ficaram na Venezuela, que vislumbravam ou até mesmo puderam retornar para sua cidade em momentos em que isso foi desejado. Relatar do que sente saudades e manter costumes e tradições da Venezuela no Brasil também se mostrou importante nos relatos dos entrevistados, uma vez que elementos da gastronomia, da música, dança, festas comemorativas, fé e religiosidade, formas de cuidado e de relacionamento e até mesmo os símbolos nacionais, como a bandeira do país e heróis nacionais, apareciam com facilidade e protagonismo no discurso dos imigrantes, sendo importantes para a manutenção da integridade de sua identidade.

A integração socioeconômica dos imigrantes, relacionada aos vínculos com a rede de proteção institucional e com os programas de interiorização, também é um fator de proteção no processo migratório. O contato com a assistência social, principalmente com o CRAS, foi importante para, além de propiciar uma integração com o território, acessar os benefícios “Bolsa Família” e o “Auxílio Emergencial”, que embora insuficientes, especialmente durante a pandemia foram importantes frente às altas taxas de desemprego. Na rede de referência dos imigrantes, diferentes denominações religiosas foram citadas, mostrando inclusive um protagonismo destas no atendimento aos imigrantes. Programas de interiorização que planejavam a chegada do imigrante à Santa Catarina e ofertavam estrutura mínima de estabelecimento foram também importantes para a integração dos imigrantes no estado. Entendendo a centralidade da criação de vínculos para a proteção psíquica dos imigrantes, observou-se que a elaboração de novas configurações familiares, seja por casamentos ou criação de comunidades de venezuelanos no Brasil, também foi importante para a partilha e continuidade de si por meio da cultura. A Partir disso, estabelecer laços com a cultura do país de destino por meio de trocas culturais e conseguir projetar-se no futuro, verbalizar sonhos e desenhar as condições para materializá-los, também aponta para uma configuração protetiva do ponto de vista psicológico.

É importante apresentarmos também algumas limitações encontradas na presente pesquisa. Primeiramente, em relação à diversidade de regiões do estado de Santa Catarina de residência dos participantes. Foram entrevistadas pessoas que residem em diferentes municípios da região da Grande Florianópolis e na mesorregião do Vale do Itajaí. Outras importantes regiões de destino de imigrantes venezuelanos em Santa Catarina, como o sul e o oeste do estado, não foram contempladas na pesquisa. Em relação aos participantes, foram entrevistadas majoritariamente mulheres (4 homens e 8 mulheres), o que não é em si uma limitação, mas uma característica, que faz com que a pesquisa reflita mais os relatos femininos no processo migratório venezuelano.

Assim, com a ciência de que essa pesquisa não esgota a discussão sobre os temas abordados, esperamos haver contribuído para a sensibilização dos leitores acerca da experiência migratória venezuelana e aportado elementos para melhor recepcionar essa população no Brasil. Esperamos ter criado um material que escute, testemunhe e transmita uma parte da história de pessoas que, como disse um dos entrevistados, segue em movimento, “*caminando y luchando*”.

REFERÊNCIAS

- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR]. (2019). *Número de refugiados emigrantes da Venezuela ultrapassa 4 milhões, segundo o ACNUR e a OIM. 25 de nov. de 2020* Recuperado de: <https://www.acnur.org/portugues/2019/06/07/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-ultrapassa-4-milhoes-segundo-o-acnur-e-a-oim/>
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR] (2018) *Venezuela situation: responding to the needs of people displaced from Venezuela*. Genebra: ACNUR. Recuperado de: <https://reporting.unhcr.org/sites/default/files/unhcr%20venezuela%20situation%202018%20supplementary%20appeal.pdf>
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR] (2022) *ACNUR atualiza dados sobre pessoas refugiadas na Ucrânia para refletir movimentos recentes*: ACNUR. Recuperado de: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/10/acnur-atualiza-dados-sobre-pessoas-refugiadas-na-ucrania-para-refletir-movimentos-recentes/>
- Angulo-Giraldo, M., Guanipa-Ramírez, L. & Albites-Sanabria, J. (2021). *Medios de información, impacto emocional y recomendaciones sanitarias en migrantes venezolanas durante el COVID-19. Estudios Fronterizos*, 22, 1-29. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53066645008>
- Assoun, P.L.(1993). *Freud et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin.
- Avelino, S.E.R.de C. (2014). *O corpo na Psicanálise: o caso da Fibromialgia*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Go, Brasil.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. 70a. ed. São Paulo: Lisboa.
- Barros, A.F.O. (2016). *Reconstrução em movimento: os impactos psicológicos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Barros, M. L. de, & Bairrão, J. F. M. H. (2010). *Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. Revista da SPAGESP*, 11(1), 45-54. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v11n1/v11n1a06.pdf>
- Bento, M. L. (2021). *Violência na migração: vivências de venezuelanos em Pelotas-RS*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.
- Berrios-Riquelme, J. (2021). *Labor market insertion of professional Venezuelan immigrants in northern Chile: precariousness and discrimination in the light of migration policy. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 29(62),117-132. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407068647008>
- Bezerra, G. do N. (2020). *Mídia e Diáspora Venezuelana: Recepção dos leitores sobre a migração no GI Roraima*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil
- Betts, J. (2013) *Diferença cultural, sofrimentos da identidade e a clínica psicanalítica hoje. SIG Revista de Psicanálise*, v. 2, n. 1, p. 85-97. Recuperado de: <https://silo.tips/download/diferenca-cultural-sofrimentos-da-identidade-e-a-clinica-psicanalitica-hoje>
- Boeira-Lodetti, M. (2018). *Continuidade Partida: Impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios residentes na Grande Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Calzavara, M.G.P.& Ferreira, M.A.V. (2019). *A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. Estilos da Clínica*, 24, 432-444. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p432-444>
- Capdeville, J. de. S. e. (2021). *Llegar, Estar y Salir: da Venezuela ao Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

- Carroll, H., Luzes, M., Freier L. F. & Bird, M.D. (2020). The migration journey and mental health: Evidence from Venezuelan forced migration. *SSM- Population Health*, 10, 100551. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2020.100551>
- Cavalcanti, L., Oliveira, A.T., Tonhati, T. (Orgs.) (2014). A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais.
- Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica. CELAG. (2019). *Las consecuencias económicas del boicot a Venezuela*. Recuperado de <https://www.celag.org/las-consecuencias-economicas-del-boicot-venezuela/>
- Cicconi, A., Santilli, E., Zamparini, E., Barbieri, L., Ferrero, L., Giovannetti, M. de F., Orlando, M. P., Giampà, M. & Coppola, P.. (2021). O que é uma fronteira, hoje? *Ide*, 43(71), 98-103. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062021000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, A. (2014). Um luto impossível: efeitos de traumas em imigrações. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 1, 32-36. Recuperado de https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, (98).
- Creswell, J. W. (2013). *Projetos de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, V. M. de S. (2020). *A interiorização dos migrantes venezuelanos abrigados em Boa Vista - RR*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil.
- Curcio, P.C. (2018). Desabastecimento e Inflação na Venezuela. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 12(2), 1984-1639. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16000>
- Curcio, P. C. (2019) Quais são os impactos da guerra econômica contra a população da Venezuela? Brasil de Fato, 25 de março de 2019. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/25/artigo-or-quais-sao-os-impactos-da-guerra-economica-contr-a-populacao-da-venezuela>
- Devereux, G. (1973). *Ensayos de etnopsiquiatria general*. Barcelona: Barral Editores.
- Devreux, G. (1981) A Etnopsiquiatria. *Análise Psicológica*, 4(1), 521-525. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/95049117.pdf>
- Devereux, G. (2018). Da angústia ao método nas ciências do comportamento [Trad. G. I. Binkowski.]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 6. Recuperado de <https://revistalacuna.com/2018/12/14/n06-07/>
- Diário Oficial da União. <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-120-de-17-de-marco-de-2020-248564454>
- Ercole, F. F., Melo, L. S. de & Alcoforado, C. L. G. C. (2014), Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-11. doi: 10.5935/1415-2762.20140001
- Fagundes Netto, M. V. R.; Santos, N. de O.; Benute, G. R. G. & Lucia, M. C. S. de (2013). "Graças a Deus vomito, senão morria": o sintoma bulímico e a clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(3), 373-386. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000300002>
- Feldman-Bianco, B. (2015). Apresentação: deslocamentos, desigualdades e violência do estado. *Ciência e Cultura*, 67(2), 20-24. doi: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200009>.
- Ferenhof, H. A. & Fernandes, F. (2016) Desmistificando a Revisão de Literatura FLUXO DA DISCUSSÃO como base para Redação Científica: Método SSF. *Revista ACB*, 21(3), 550-563. Retrieved from https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5664211/mod_forum/intro/Desmistificando%20a%20revis%C3%A3o%20da%20literatura.pdf?time=1584711901754

- Ferreira, A.V.S. (2019). *Imigração e Saúde Mental: Narrativas de Estudantes Latino-Americanos em uma Universidade Intercultural*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Fontanella, B. J., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 17- 27. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- França, R.A., & Barbato, S.B. (2019). Trajetórias em transição: a produção de significados de uma migrante venezuelana. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(3), 292-306. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79962488006>
- Freud, S. (1996). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- Freud, S. (2016). Luto e Melancolia. In: Freud, S. (1856-1939). *Neurose, Psicose e Perversão*. (1ª ed., Moraes, M. R. S., Trad.). Editora Autêntica (Obra originalmente publicada em 1917), p. 99-118.
- Freud, S. (1950): Los Orígenes del Psicoanálisis. Carta 130 a Fliess (11/3/1900) p.3637. BN–III: 3433–3656. AE–I: 211–322. SE–I: 173–280. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1976) *Um estudo autobiográfico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago. (originalmente publicado em 1925[1924])
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5a ed. São Paulo. Atlas.
- Helene, D. (2019). Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. *Cadernos Metrópole* [online], v. 21, n. 46 pp. 951-974. ISSN 2236-9996. doi: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4612> .
- Ismael, V. P. (2021). Mobilidade espacial da força de trabalho no capitalismo contemporâneo: estudo do processo migratório venezuelano para o Brasil (2013-2019) (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista -Unesp, Rio Claro, SP.
- Jarochinski-Silva, J. C.& Baeninger, R. (2021). O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.*, 29(63), 123-139. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006308>.
- Kehl, M., Fortes, M. I. (2019). De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(3), 520-539. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p520.7> .
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 369 - 370). Rio de Janeiro, RJ : Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lefebvre, H. (1991). *O direito à cidade*. São Paulo, Moraes.
- Machado, G. da S., Barros, A. F. O. & Martins-Borges, L. (2019). A escuta psicológica como ferramenta de integração: práticas clínicas e sociais em um Centro de Referência de Atendimento a Imigrantes em Santa Catarina. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 27(55), 79-96. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005506>
- Marsillac, A. L. M. (2020). Vai passar!?. *Correio da APPOA.*, 1, 1-8 Recuperado de http://www.appoa.com.br/correio/edicao/298/vai_passar/837
- Martins-Borges, L; Boeira-Lodetti, M; Jibrin, M.; Pocreau, J.B. (2019). Inflexões epistemológicas: A Etnopsiquiatria. *Fractal: revista de psicologia*, 31, 249- 255. doi: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29001
- Martins-Borges, L. (2017). Migrações involuntárias e impactos psíquicos: a mediação da cultura. In Peres, R. S.; Hashimoto, F.; Casadore, M. M. & Braz, M. V. (Org.). *Sujeito contemporâneo. Saúde e trabalho: Múltiplos olhares*. São Carlos: Edufscar, 169-186.

- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 21 (40), 151-162. Recuperado de : <https://www.scielo.br/j/remhu/a/5ybFYzvWhw9K6TXFHY9QVpD/abstract/?lang=pt>
- Martins-Borges, L. (2017). “Os refugiados que chegam ao Brasil estão em situação de abandono”. Centro de Estudos em Reparação Psíquica de Santa Catarina - CERP-SC. Boletim Informativo N.20. Recuperado de: <https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/boletim-20.html>
- Martins-Borges, L. & Pocreau, J. B. (2009). Reconhecer a diferença: o desafio da etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15(1), 232-245. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682009000100014&lng=pt&nrm=is.
- Medeiros, S. (2018). Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina lança o Programa Pana, uma grande rede de solidariedade para integrar os migrantes venezuelanos no estado. Cáritas Brasileira. 23 de nov. de 2019. Recuperado de: <http://caritas.org.br/caritas-brasileira-regional-santa-catarina-lanca-o-programa-pana-uma-grande-rede-de-solidariedade-para-integrar-os-migrantes-venezuelanos-no-estado/40695>
- Mello, M. (2020). Venezuela é o único país do continente com programa de repatriação durante a pandemia. *Brasil de Fato*, 20 de out. de 2020. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/03/venezuela-e-o-unico-pais-do-continente-com-programa-de-repatriacao-durante-pandemia>
- Mello, M. (2020). 11 de abril: golpe de Estado contra Hugo Chávez completa 18 anos. *Brasil de Fato*, 11 de abril de 2020. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/11/11-de-abril-golpe-de-estado-contra-hugo-chavez-completa-18-anos>
- Ministério da Saúde. (2022). Painel Coronavírus. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-diarios-covid-19>
- Ministério da Saúde. (2020). *Como se proteger*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado de <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>
- Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores. (2020). *Boletín Vuelta a la Patria*. Caracas, Venezuela. Disponível em: <http://mppre.gob.ve/wp-content/uploads/2020/02/2020-02-10-Bolet%C3%ADn-Vuelta-a-la-Patria.pdf>
- Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores. (2018). Reporte Venezuela/Vuelta a la Patria: un nuevo comienzo. Disponível em: <http://mppre.gob.ve/wp-content/uploads/2018/10/REPORTE-VENEZUELA-OCT.pdf>
- Mota, D. M. (2019). *Representações sociais, mídia e violência: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio dos websites da Folha de Boa Vista e Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140017>
- Muniz, F. de M. R.P.(2020). *Son Mías las Fronteras que Crucé: dores e resiliência no deslocamento forçado de venezuelanas ao Brasil*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Nascimento, V. N. do. (2021). *Reconstruindo uma nova casa: impactos psicológicos da imigração involuntária em mulheres imigrantes residentes na região da Grande Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Nathan, T. (1993). *Fier de n'avoir ni pays, ni amis, quelle sottise c'était*. Paris : Dunod.
- Nathan, T. (1994). *L'influence qui guérit*. Paris : Odile Jacob.
- Nóbrega, D. G. de F. (2021). *Feminização das migrações e violência contra as mulheres venezuelanas em Roraima*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil

- Nogara, T. S.; Oliveira, T. P. (2017). O MBR-200 e o enfrentamento prolongado ao neoliberalismo. *REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, 7, 53-77. Recuperado de: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2583>
- Nogara, T. S.; Wobeto, V. L. (2019) Implicações da Crise Migratória Venezuelana para as Políticas Brasileiras de Segurança e Defesa: Perspectivas para o Equacionamento de Conflitos. *Espaço Aberto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, 9, 23-42. doi <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2019.19021>
- ONU News. (2020). *ONU precisa de US\$ 1,44 bilhão para apoiar refugiados e migrantes da Venezuela*. 10 de dezembro de 2020. Recuperado de <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1735772>
- ONU News. (2021). *Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado*. 01 de dezembro de 2021. Recuperado de <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272>
- Organização Internacional para as Migrações (2018). DTM Brasil - Nº 1- Monitoramento do Fluxo Migratório Venezuelano. Ministério dos Direitos Humanos, Brasil Governo Federal. Retrieved from: https://migration.iom.int/sites/default/files/public/reports/MDH_OIM_DTM_Brasil_N1_0.pdf
- Organização das Nações Unidas. ONU. (2018). *Relatório Internacional de Migração*. Recuperado de https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_en.pdf.
- Organização Internacional para as Migrações. OIM. (2020). *Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2020*. Recuperado de: <https://publications.iom.int/books/informe-sobre-las-migraciones-en-el-mundo-2020>.
- Organização Internacional para as Migrações. OIM. (2009). *Glossário sobre Migração*. Direito Internacional da Migração, 22. Recuperado de: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>
- Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2020). Trabalhadores migrantes podem ficar mais vulneráveis a abusos e exploração durante a pandemia. Recuperado de: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/trabalhadores-migrantes-podem-ficar-mais-vulneraveis-abusos-e-exploracao-durante-pandemia#:~:text=Os%20trabalhadores%20migrantes%20podem%20ficar,atual%20crise%20da%20COVID%2D19>.
- Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2020) OIM doa 1,5 toneladas de alimentos para migrantes que aguardam abertura das fronteiras no Acre. Brasília. Recuperado de: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/oim-doa-1-5-tonelada-de-alimentos-para-migrantes-que-aguardam-abertura-das-fronteiras-no-acre>
- Pérez, A., Navarrete, M., & Gil, M. (2003). Necesidades en salud de la población desplazada por conflicto armado en Bogotá. *Revista Espanhola de Salud Pública*, 77(2), 257-266. Recuperado de: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1135-57272003000200008&lng=es&tlng=es.
- Plataforma R4V (2022). *Interiorização em números*. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/> Acesso em: 04 de abril de 2022.
- Prazeres, L. (2020). Deportação de estrangeiros pela Polícia Federal dispara durante a pandemia. O Globo. 06 de set. de 2020. Recuperado de: <https://oglobo.globo.com/brasil/deportacao-de-estrangeiros-pela-policia-federal-dispara-durante-pandemia-24626208>
- Provenza, J. R., Pollak, D.F., Martinez, J.E., Paiva, E.S., Helfenstein, M., Heymann, R.; Matos, J.M.C., Rosário & Souza, E.J. (2004). *Fibromialgia*. In: Raul Cutait; Moacyr Roberto Cuce Nobre; Wanderley Marques Bernardo. (Org.). Projeto Diretrizes. São Paulo: Associação Médica Brasileira, v. 3, p. 121-133.
- Pulman, B. (2002). *Anthopologie et Psychanalyse: Malinowsky contre Freud*. Paris: PUF.

- Queiroz, Edilene Freire de. (2008). O inconsciente é psicossomático. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 8(4), 911-924. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400004&lng=pt&tlng=pt.
- Quinelato, F. de S. (2020). *A relação entre saúde e experiências de xenofobia de imigrantes refugiados nas reportagens jornalísticas no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Rassial, J.J. (2006). Cultura como conceito psicanalítico. *Textura – Revista de Psicanálise*, 6(6), 32-34.
- República Bolivariana de Venezuela (2009). Constitución de la República Bolivariana de Venezuela 1999. Gaceta Oficial N° 5.908 extraordinario. Ediciones de la Asamblea Nacional Impreso en la Imprenta Nacional y Gaceta Oficial. Recuperado de <http://www.minci.gob.ve/wp-content/uploads/2011/04/CONSTITUCION.pdf>
- Rosa, M.D., Faustino, D.M., Binkowski, G.I. & Souza, P.S.(2021) . Por que a paz? globalização, colonialismo e violências. In.: *Violências e Psicanálise: atualizações intersaberes..* 1. ed. São Paulo: USP, 2021. 390p .
- Santos, A. R. (2018). *Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos* .Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Santos, M. (1990). *Por una geografía nueva*. Madrid: Espasa Calpe.
- Santos, M.N.R. (2020). Migrantes relatam sentir dor profunda por consequência da pandemia. In *Migrações Internacionais e a Pandemia de Covid-19*. 1. ed. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. v. 1. 633p.
- Santos, N. N. dos. (2021). *Redes de Manutenção em Saúde e Envio de Medicamentos no Contexto das Migrações Transnacionais Venezuelanas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
- Salvia, D. di (2013). La Pachamama en la época incaica y post-incaica: una visión andina a partir de las crónicas peruanas coloniales (siglos XVI y XVII). *Revista Española de Antropología Americana*, 43, (1), 89-110. http://dx.doi.org/10.5209/rev_REAA.2013.v43.n1.42302
- Seincman, P. M.; Rosa, M. D. (2021). Dimensões da Clínica Psicanalítica com Migrantes em Urgência Social : a Rede Transferencial. *Psicologia em Estudo*, 26, 47467. doi: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.47467>
- Schmitz, G. M.; Ferreira, L. S. (2016). Neoliberalismo e recuperação nacionalista na Venezuela: Considerações Introdutórias. In *Anais, XII Seminário Internacional Jornadas Bolivarianas*, Florianópolis.
- Schucman, L. V. (2012). *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. www.teses.usp.br
- Silva, L. N. B., Barreto, F.& Barreto, T. M. A. C. (2020). Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. *Saúde em Redes*, 6, 1-15. doi: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n3p%25p>
- Sobral, L. (2013). Os principais números da Venezuela, antes e depois de Chávez. *Revista Exame*, 06 de março de 2013. Recuperado de <https://exame.com/economia/os-principais-numeros-da-venezuela-antes-e-depois-de-chavez/>
- Souza, N. S (1998). O estrangeiro: nossa condição. In: *Koltai, Caterina (Org.). O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Schwartz, S.J., Salas-Wright, C.P., Pérez-Gómez, A., Mejía-Trujillo, J., Brown, E.C., Montero-Zamora, P., Meca, A., Scaramutti, C., Soares, M.H., Vos, S.R., Javakhishvili, N., & Dickson-Gomez, J. (2018). Cultural stress and psychological symptoms in recent Venezuelan

- immigrants to the United States and Colombia. *International Journal of Intercultural Relations*, 67, 25–34. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2018.09.001>
- Silva, M. A.; Domingues, E. (2018). Georges Devereux e a etnopsicanálise no Brasil: pesquisa bibliográfica em livros e artigos. Trabalho apresentado no 27º encontro anual de iniciação científica, Maringá, Brasil.
- Teixeira, P. de V. (2019). *Refugiados Venezuelanos no Brasil: uma análise da vulnerabilidade sob enfoque da Bioética de Intervenção*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
- Trad, L. A. B. (2003). Processo migratório e saúde mental: rupturas e continuidade na vida cotidiana. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 13(1), 139-156. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312003000100007>
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- UNESCO (1998). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Brasília, 1998. Recuperado de: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>
- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR] (2019). *UNHCR Global Trends: forced displacement in 2018*. 20 junho 2019. Recuperado de https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf#_ga=2.92568981.983310421.1569352072-1537404977.1569352072.
- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR] (2021). *Mid Year Trends Report 2021*. Recuperado de https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/618ae4694/mid-year-trends-2021.html#_ga=2.185592361.1800118897.1654122947-1245199508.1652561395 .
- United Nations Department of Economic and Social Affairs Secretariat (DESA) (2017). *International migration report*. New York: United Nations. Recuperado de https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf
- Veteranyi, A. Porque a criança cozinha na polenta. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2004.
- Villarreal, E. J. W. (2021). *A Efetivação dos Direitos Humanos e Proteção Social na migração forçada de venezuelanos em Manaus*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.
- Vinuto, J. (2016). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um Debate em Aberto. *Temáticas*, Campinas, 22(44), 203-220. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf>
- Waldman, D. H. G. & Téllez, G. D. O. (2021). Principales experiencias de refugiados para la formulación de políticas públicas eficientes. Caso Montemorelos, Nuevo León. IUS. *Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla A.C.*, 15(47), 259-292. Retrieved from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293267111011>
- Zambrano, C. E. G. (2021) *Acolher entre línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes venezuelanos em Roraima*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Zero, M. (2017). Para Entender a Venezuela. Disponível em <https://www.viomundo.com.br/politica/marcelo-zero-para-entender-a-venezuela-e-preciso-saber-como-era-antes-da-revolucao-bolivariana.html>

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Prezado(a) participante,

Eu, **Júlia Andrade Ew**, estudante do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Prof. Dra. Lucienne Martins Borges e coorientação da Prof. Dra. Marcela de Andrade Gomes. Essa pesquisa se intitula **Impactos Psicológicos da Migração em Imigrantes Venezuelanos Residentes na Grande Florianópolis** que tem por objetivo compreender os impactos psicológicos da migração em imigrantes venezuelanos residentes na Grande Florianópolis. O seu papel enquanto participante consiste em responder a perguntas em uma entrevista e também responder um questionário sociodemográfico. Cabe salientar que a entrevista será gravada em áudio, em ambiente onde sua privacidade esteja protegida, e que apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso direto às informações oferecidas por meio dos dados coletados. De acordo com os preceitos éticos contidos na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, referentes à proteção aos participantes, asseguramos que a sua participação será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo (a). Caso você se sinta prejudicado de alguma forma em decorrência da participação nesta pesquisa, você poderá solicitar indenização de acordo com as leis vigentes. No entanto, antes de falarmos com você, o projeto desse estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC, que é um órgão que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Caso você queira entrar em contato com este Comitê, pode fazê-lo por meio dos telefones (48) 3721-6094, pelo e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br e/ou pelo 195 endereço Rua Des. Desembargador Vitor Lima, número 222, sala 401, Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88.040-400. Informamos, também, que a sua participação é absolutamente voluntária, e que não haverá nenhuma retribuição financeira para que você colabore com a pesquisa. Porém, caso tenha gastos financeiros decorrentes de sua participação, estes serão reembolsados ao término da entrevista. Esse estudo não se isenta de apresentar riscos psicológicos, podendo causar desconforto a você ao responder as perguntas e contar histórias de sua vida. Caso você se sinta desconfortável, tem o direito de interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, bem como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Além disso, caso necessário, o pesquisador poderá o (a) encaminhar para atendimento no SAPSI – Serviço de Atenção Psicológica da UFSC. As informações obtidas serão armazenadas pelo pesquisador principal por cinco anos e utilizadas na elaboração de trabalhos científicos que poderão vir a ser publicados em meios acadêmicos e científicos, após este período estes dados serão destruídos. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas intervenções psicológicas em saúde mental e na implementação de políticas públicas dirigidas à imigração. Ressaltamos que os dados utilizados em produções científicas não farão qualquer alusão a sua identificação. Após a defesa da Dissertação, os resultados da presente pesquisa poderão ser apresentados a você, em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito que, por favor, assine em duas vias este termo de consentimento. Uma dessas folhas ficará com você, pois é um documento que comprova o nosso contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Para quaisquer outras informações, coloco-me a sua disposição pelo telefone (48) 998546423, e-mail juliaaew@gmail.com, e/ou endereço profissional localizado no Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC), Sala 8B do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88040-500. A pesquisadora responsável, Prof. Dra. Lucienne Martins Borges, também

estará a sua disposição no e-mail lucienne.borges@ufsc.br , bem como a coorientadora do trabalho, no e-mail marceladeandradegomes@gmail.com .

Júlia Andrade Ew
Pesquisadora principal

Dra. Lucienne Martins Borges
Profª Pesquisadora - Orientadora

Eu _____,

CRNM/CPF _____,

declaro através deste documento o meu consentimento em participar da pesquisa intitulada Impactos Psicológicos da Migração em Imigrantes Venezuelanos Residentes na Grande Florianópolis. Declaro ainda, que estou informado(a) dos objetivos da pesquisa, do método, de meus direitos de desistir de participar a qualquer momento e também do meu anonimato.

Assinatura

_____, _____ de _____ de 2021.
Local dia mês

APÊNDICE B

TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFÍA Y CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POSGRADO EN PSICOLOGÍA

Estimado (a) participante,

Yo, **Júlia Andrade Ew**, estudiante del Programa de Posgrado en Psicología de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), le invito a participar en el proceso de recolección de datos de mi Disertación de Maestría, bajo la orientación de la Profesora. Dra. Lucienne Martins Borges y coorientación de la Prof. Dra. Marcela de Andrade Gomes. Esta investigación se titula **Impactos psicológicos de la migración en inmigrantes venezolanos que residen en el Gran Florianópolis**, que tiene por objetivo comprender los impactos psicológicos de la migración en los inmigrantes venezolanos que viven en el Gran Florianópolis. Su papel como participante consiste en contestar preguntas en una entrevista y también responder a un cuestionario sociodemográfico. Cabe señalar que la entrevista será grabada en audio, en ambiente donde su privacidad esté protegida, y que sólo los investigadores responsables tendrán acceso directo a la información ofrecida a través de los datos recolectados. De acuerdo con los preceptos éticos contenidos en la Resolución 510/16 del Consejo Nacional de Salud - CNS, referentes a la protección de los participantes, aseguramos que su participación será absolutamente sigilosa, no constando nombre o cualquier otro dato que pueda identificarlo(a). Si usted se siente perjudicado de alguna forma como resultado de la participación en esta investigación, usted podrá solicitar indemnización de acuerdo con las leyes vigentes. Sin embargo, antes de hablar con usted, el proyecto de este estudio fue evaluado y aprobado por el Comité de Ética en Investigación con Seres Humanos (CEPSH) de la UFSC, que es un órgano que tiene como objetivo defender los intereses de los participantes de la investigación en su integridad y dignidad y contribuir en el desarrollo de la investigación dentro de estándares éticos. Si desea ponerse en contacto con este Comité, puede hacerlo a través de los teléfonos (48) 3721-6094, a través del correo electrónico cep.propesq@contato.ufsc.br y/o en la dirección Calle Desembargador Vitor Lima, número 222, sala 401, Trindade, Florianópolis - SC, CEP 88.040-400. Informamos, también, que su participación es absolutamente voluntaria, y que no habrá ninguna retribución financiera para que usted colabore con la investigación. Sin embargo, si tengas gastos financieros derivados de su participación, éstos serán reembolsados al término de la entrevista. Este estudio no se exenta de presentar riesgos psicológicos, pudiendo causar molestias a usted al responder las preguntas y contar historias de su vida. Si usted se siente incómodo, tiene el derecho de interrumpir la participación en cualquier fase de la investigación, así como solicitar la exclusión de sus datos, retirando su consentimiento sin ninguna penalización o perjuicio. Además, en caso de ser necesario, el investigador podrá orientarlo para ser atendido en SAPSI- Servicio de atención Psicológica de UFSC. Las informaciones obtenidas serán almacenadas por la investigadora principal por cinco años y utilizadas en la elaboración de trabajos científicos que podrán ser publicados en medios académicos y científicos, después de este período estos datos serán destruidos. Los resultados de esta investigación pueden ayudar en intervenciones psicológicas en salud mental y en la implementación de políticas públicas dirigidas a la inmigración. Resaltamos que los datos utilizados en producciones científicas no harán ninguna alusión a su identificación. Después de la defensa de la disertación, los resultados de la presente investigación podrán ser presentados a usted, en fecha a ser programada. Después de leer este Término de Consentimiento Libre y Esclarecido y aceptar participar del estudio, solicito que, por favor, firme en dos copias este término de consentimiento. Una de esas hojas quedará con usted, pues es un documento que comprueba nuestro contacto y garantiza sus derechos como participante de la investigación. Para cualquier otra información, me pongo a su disposición por teléfono (48) 998546423, correo electrónico juliaaew@gmail.com, y/o dirección profesional ubicada en el Núcleo de Estudios sobre Psicología, Migraciones y Culturas (NEMPsiC), Sala de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), en la calle Ing. Agrónomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis - SC, CEP 88040-500. La investigadora responsable, Prof. Dra. Lucienne Martins Borges, también estará a su disposición en el e-mail

lucienne.borges@ufsc.br, así como la coorientadora de este trabajo, en el e-mail marceladeandradegomes@gmail.com.

 Júlia Andrade Ew
 Investigadora principal

 Dra. Lucienne Martins Borges
 Prof^a investigadora - Orientadora

Yo _____,

CRNM/CPF _____,

declaro a través de este documento mi consentimiento para participar en la investigación titulada Impactos psicológicos de la migración en inmigrantes venezolanos que residen en el Gran Florianópolis. Declaro que estoy informado de los objetivos de la investigación, del método, de mis derechos de renunciar a participar en cualquier momento y también de mi anonimato.

 Firma

_____, _____ de _____ de 2021.
 Localidad día mes

APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTA

1. Caracterizar o processo migratório de venezuelanos residentes na Grande Florianópolis;

- 1.1 Você poderia me contar como era a região que você vivia na Venezuela?
- 1.2 E como era sua relação com ela?
- 1.3 O que motivou a sua saída da Venezuela?
- 1.4 Como se deu a sua saída da Venezuela? (que trajeto fez, com quem migrou, por onde passou até chegar em SC)
- 1.5 Mais pessoas da sua cidade na Venezuela migraram?
- 1.6 Para você, quais são os principais motivos para os Venezuelanos saírem da Venezuela?
- 1.7 Em que circunstâncias se definiu sua vinda para o Brasil?
- 1.8 Como foi a sua chegada no Brasil? Alguém ajudou você no momento em que chegou?

2. Identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico decorrentes do processo migratório de imigrantes venezuelanos

- 2.1 Como você estava se sentindo na Venezuela?
- 2.2 Como você se sentiu quando soube que sairia do seu país?
- 2.3 Como você experienciou o deslocamento?
- 2.4 Como você se sentiu no momento que chegou no Brasil?
- 2.5 Você sente alguma mudança na sua rotina desde que saiu do seu país? (sono, sonhos sobre o assunto, apetite...)

2.6 Você percebe que algo mudou em você depois de passar pelo processo migratório?

2.7 Você sente falta de algo da Venezuela? O que?

3. Investigar os fatores de risco e proteção no processo migratório de imigrantes venezuelanos.

3.1 Você conseguiu se despedir de seus amigos e familiares antes de sair da Venezuela?

3.2 Você conseguiu trazer alguns objetos com você? O que você trouxe consigo?

3.3 Você se sentiu exposto a alguma violência durante seu trajeto migratório?

3.4 Você falava o português antes de chegar no Brasil? Como é para você a relação com o idioma?

3.5 Você mantém contato com seus familiares e amigos que permanecem na Venezuela? E com os que migraram para outros lugares?

3.6 Como foi sua chegada no Brasil em termos de moradia e acesso a serviços básicos (alimentação, saúde, moradia)?

3.7 E como está agora? Você teve acesso ao auxílio emergencial?

3.8 Como a pandemia lhe afetou?

3.9 Você trabalhava com o quê na Venezuela? E aqui no Brasil?

3.10 Você tem costumes aqui no Brasil que te fazem lembrar da sua cultura de origem? (O que fazia para se divertir, práticas religiosas...)

3.11 Quem são as pessoas que você convive e conversa aqui? Quem você procura quando precisa de ajuda? (há relação com conterrâneos que vivem aqui?)

3.12 Como você imagina seu futuro nos próximos anos?

ANEXO 1

FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO INTERCULTURAL

Data de aplicação: ___/___/___

Dados Pessoais:

1. Nome Completo: _____

1.1 Há diferença entre o nome do registro brasileiro e o nome de registro no país de origem

 Sim Não.

2. Aplica-se nome social?

Se sim, especifique: _____

3. Sexo/Gênero: Feminino Masculino Outro: _____

4. Idade: _____ anos

5. Data de nascimento: ___/___/___

6. País de nascimento: _____

7. Cidade de nascimento: _____

8. Pertence a algum grupo étnico? Sim Não

9. Se sim, indique qual grupo étnico: _____

10. Cor/Raça: branca preta amarela parda indígena outro: _____

11. Nacionalidade(s): _____

12. Cidade onde reside atualmente: _____

13. Status Conjugal:

 Solteiro(a) Namorando União Estável Casado(a) Separado (a) Divorciado(a) Viúvo(a)**Escolaridade e Ocupação:**

14. Escolaridade:

 Não alfabetizado

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo - aproximadamente 9 anos de duração
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo - aproximadamente 3 anos de duração
- Ensino técnico incompleto
- Ensino técnico completo. Qual(is) curso(s) _____
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo. Qual(is) curso(s) _____
- Pós Graduação incompleta. _____
- Pós Graduação. Qual(is) curso(s) _____

15. Ocupação antes da imigração: _____

16. Qual foi a 1ª ocupação no Brasil? _____

17. Ocupação atual: _____

Renda:

18. Qual a sua renda mensal, aproximadamente?

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos.
- De 3 a 6 salários mínimos.
- De 6 a 9 salários mínimos.
- Mais que 9 salários mínimos.
- Nenhuma renda

19. Em relação a sua posição financeira:

- Respondo unicamente por minhas despesas
- Sou a/o responsável pelo sustento de minha família/outros
- Contribuo secundariamente com os gastos familiares/outros
- Conto exclusivamente com o apoio financeiro de familiares/outros

Moradia:

20. A residência em que você mora é:

- Própria
- Alugada
- Cedida
- Outro: _____

21. Número de cômodos da residência: _____

22. Número de pessoas na sua residência, contando com você: _____ pessoas

23. Atualmente você mora:

- Com cônjuge
- Com filhos
- Com os pais
- Com irmão(ã)
- Com outros parentes. Quem? _____
- Com amigos
- Em república
- Em pensão
- Sozinho
- Outro:

23- Identificação dos membros que residem com o participante:

Vínculo	Sexo	Idade	Nacionalidade

Utilização do SUS e SUAS

24. Você já teve acesso ao Sistema Único de Saúde - SUS? Sim Não

25. Você possui o cartão do Sistema Único de Saúde - SUS? Sim Não Não sei

26. Você já teve acesso ao Sistema Único de Assistência Social - SUAS? Sim Não

27. Você possui um CADÚNICO? Sim Não Não sei

28. Se sim, usufrui/já usufruiu de algum benefício? () Sim.Qual _____ () Não

Religião/Crença:

29. Possui alguma religião/crença? () Sim () Não

30. Se sim, qual? _____

31. É praticante?

() Sim () Não

Língua

32. Qual/quais a(s) sua(s) língua(s) primária(s)? _____

33. Fala outra língua? () Sim () Não

34. Se sim, qual(is)? _____

35. Nível da língua portuguesa antes da imigração:

a) Compreensão oral: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

b) Compreensão escrita: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

c) Expressão oral: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

d) Expressão escrita: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

36. Apropriação da língua portuguesa atualmente:

a) Compreensão oral: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

b) Compreensão escrita: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

c) Expressão oral: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

d) Expressão escrita: () Ruim () Regular () Boa () Ótima

Dados sobre a imigração:

1. Data de saída de sua cidade de residência: ___/___/____

2. É a primeira imigração? () Sim () Não

3. Você imigrou com alguém? () Sim () Não

4. Se sim, com quem?

() Com cônjuge

() Com filhos

() Com os pais

() Com outros parentes

() Com amigos

() Outro: _____

5. Após a saída, qual foi o seu percurso até chegar ao Brasil ?

36. Durante esse percurso você se alojou em?

- Residência própria
- Residência alugada
- Residência familiar
- Residência cedida
- Em um campo de refugiados
- Abrigo
- Na rua
- Outro: _____

37. Das pessoas importantes para você, alguém ficou no país de origem?

- Sim Não

38. O que levou a saída do país de origem: _____

39. Data de entrada no Brasil: ___/___/____

40. Tipo de visto de entrada:

- Trânsito
- Turismo
- Temporário. Qual: _____
- Permanente por razões humanitárias
- Outros. Qual: _____

41. Tipo de status migratório atual:

- Refugiado
- Solicitante de refúgio
- Deslocado ambiental
- Imigrante econômico
- Imigrante humanitário
- Apátrida
- Imigrante indocumentado
- Outro. Qual: _____

